

RESULTATIVIDADE

Um estudo das construções resultativas em Português

Por

Marcelo Andrade Leite
Departamento de Letras Vernáculas

Tese de doutorado em Língua Portuguesa
apresentada à coordenação dos cursos de
Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia Leitão
de Almeida.

Rio de Janeiro, 1º semestre de 2006.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Marcelo Andrade Leite

RESULTATIVIDADE:

Um estudo das Construções Resultativas
em Português

Volume único

Tese de doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras
Vernáculas – Língua Portuguesa - da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Doutor em Língua
Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia Leitão
de Almeida.

**Rio de Janeiro
2006.**

Dedicatória

Dedico ao guri que fui, que sou e a todos aqueles que levaram fé, quando um dia, eu disse que chegava lá. Olha aí...

*“Desde o começo, eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá
Olha aí, olha aí
Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri”
Chico BUARQUE. Meu Guri.*

Agradecimentos

Aos meus pais que são a eterna equipe de apoio dos meus projetos.

À professora Maria Lucia pela atenção, pelo carinho, pela força, por tudo aprendido com ela nesses 8 anos em que a gente se conhece e trabalha junto.

Aos professores da banca que aceitaram o prazo curto entre entrega e defesa, pela compreensão e companheirismo inestimáveis a mim devotados.

Aos meus colegas de UFRJ que sempre estiveram abertos para trocar idéias e crescer juntos.

À Júnia, eterna Junia, amiga, apoio, compreensão, enfim, tudo.

A minha amiga Regina que sempre foi amiga certa na hora certa.

À Camilla, minha esposa e grande amiga, que mesmo tendo me encontrado quase no final dessa caminhada, acompanhou meus passos e fez mais leves estes tempos de luta.

A todos que, de uma forma ou de outra, ajudaram a tornar real o que começou a ser sonhado 15 anos atrás.

Epígrafe

“Compreendemos mal a linguagem que usamos, e, por isso, de forma enganosa, vivemos a formular as mesmas perguntas. A linguagem é a origem das confusões filosóficas.”

Wittgenstein

Resumo

LEITE, Marcelo A. **RESULTATIVIDADE:** Um estudo das construções resultativas em Português. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 2006. 205 fls. Mimeo. Tese de doutorado em Língua Portuguesa.

Com base em princípios da Lingüística Cognitiva, tem-se por objetivo nesta tese definir o conceito de construção de forma clara, identificar os elementos componentes das Construções Resultativas e descrever como elas se apresentam no Português, uma vez que os trabalhos na área são baseados na Língua Inglesa e, conforme afirmam os autores da Gramática de Construção (FILLMORE, GOLDBERG), há idiossincrasias a se manter entre as línguas. Para isso, adotou-se uma metodologia que consiste na montagem de um *corpus* com Construções Resultativas extraídas de internet, textos de jornais e revistas, exemplos coletados na oralidade, que servem para entender como um falante nativo de Português estrutura essas construções na língua. Promoveu-se, então, uma revisão bibliográfica de autores que abordassem a questão, direta ou indiretamente, da resultatividade. A partir daí, munidos de instrumentação teórica adequada, prosseguimos aos recortes e análises do *corpus* coletado. Constatou-se então que seria necessário escolher um aspecto específico e uma manifestação da resultatividade em Português, pois o termo em si abarca um grande grupo de fenômenos e deixa margem para problemas lingüísticos que se mesclam com questões filosóficas. Optou-se, dessa forma, por Construções Resultativas simples que apresentam expresso o SR de forma interna ou externa. Por fim, com base em uma análise quantitativa e qualitativa, constatou-se que, ainda que em Português tenhamos casos de SR (Sintagmas Resultativos) externos ao verbo, o falante nativo prefere representar estas construções de forma interna ao verbo. Comprovou-se que essa tendência também ocorre em construções que não focam mudança de resultado, mas a trajetória aplicada um sintagma resultativo.

Asbtract

LEITE, Marcelo A. **RESULTATIVIDADE:** Um estudo das construções resultativas em Português. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 2006. XXX fls. Mimeo. Tese de doutorado em Língua Portuguesa.

Based on principles of the Cognitive Linguistics, in this thesis, we intend to define the concept of construction clearly, identify the elements of a resultative construction and describe how they are presented in Portuguese once most of the work about this subject takes English as an example. As many authors of Construction Grammar consider, there are idiosyncratic aspects to keep in the languages. Taking a methodology that consists of creating a *corpus* with Resultative constructions extracted from Internet, newspapers, magazines, and examples from orality that will be useful for understanding how a Portuguese native speaker structures this construction in the language. So, I made a bibliography revision with authors who, in any way, directly or not, take account of the resultativity question. Using adequate theoretical tools, I will convey a clear-cut framework in order to analyze the chosen *corpus*. I will, therefore, verify the need to choose a specific aspect and one manifestation of resultativity in Portuguese, since this term encompasses a large amount of phenomena which could be found both philosophical and linguistic problems. I opt for Resultative Constructions with RP (Resultative Phrase) internal or external to the verb. At last, based on a qualitative and quantitative analysis, I confirm that, even though we use the external RP in Portuguese, the native speaker prefers to express this phrase inside the verb. In this way, the same trend of constructions that does not focus on the change of state creates a path applied to a resultative phrase.

Lista de ilustrações

Figura 01.....	29
Figura 02.....	29
Figura 03.....	42
Figura 04.....	56
Figura 05.....	58
Figura 06.....	59
Figura 07.....	68
Figura 08.....	96
Figura 09.....	113
Figura 10.....	115
Figura 11.....	139

Quadro 01.....	32
Quadro 02.....	33
Quadro 03.....	34
Quadro 04.....	36
Quadro 05.....	37
Quadro 06.....	38
Quadro 07.....	64
Quadro 08.....	64
Quadro 09.....	65
Quadro 10.....	65
Quadro 11.....	72
Quadro 12.....	78
Quadro 13.....	80
Quadro 14.....	95
Quadro 15.....	109
Quadro 16.....	116
Quadro 17.....	118
Quadro 18.....	130

Lista de abreviatura e siglas

Ag - Agente

Ca – Causativo

CR – Construção Resultativa

LC – Lingüística Cognitiva

LP – Língua Portuguesa

MCI – Modelos Cognitivos Idealizados

SAdj – Sintagma Adjetival

SN - Sintagma Nominal

SPrep – Sintagma Preposicional

SR – Sintagma Resultativo

vol (volitivo)

Sumário

1. Introdução	12
1.1. De um roteiro de leitura	16
2. Pressupostos teóricos	20
2.1. De gramática e Construções	21
2.2. De construções	25
2.2.1. Conhecimento de linguagem é conhecimento	44
2.2.2. As vantagens da abordagem da gramática de Construções	45
2.2.2.1. Evitam-se sentidos implausíveis	46
2.2.2.2. Evita-se a circularidade	48
2.2.2.3. Economia semântica	49
2.2.2.4. Preserva-se a composicionalidade	51
2.3. Resultatividade: um problema	53
2.3.1. Definindo resultatividade	54
2.3.2. Polêmica das causativas e resultativas	69
2.4. Tipologia das resultativas	75
2.5. Revendo a questão da resultatividade	84
3. Metodologia: a investigação e o objeto da tese	104
3.1. Afinando a instrumentação analítica	106
4. Análises e considerações sobre construções resultativas no PB	108
4.1. A relação entre o tipo de verbo e a construção: propondo uma tipologia.....	108
4.2. O papel das preposições	111
4.3. Análise do <i>corpus</i> : uma leitura quantitativa	111
4.4. Considerações sobre as construções resultativas: uma leitura qualitativa.....	119
4.5. Construções resultativas no Português: a predominância do SR interno.....	129

4.5.1. Aspecto do sujeito nas construções resultativas com SR interno.....	137
4.5.2. Os verbos que lexicalizam o SR com idéia de movimento/trajetória.....	138
4.6. Considerações finais: observações à margem	140
5. Conclusão	143
5.1. Considerações finais: últimas palavras.....	146
6. Referências.....	148
7. Anexos	152

1. Introdução

“Que contribuição o estudo da linguagem pode prestar à nossa compreensão da natureza humana?”

CHOMSKY, Noam. Pensamento e Linguagem.

Os questionamentos sobre causa e efeito acompanham o pensamento filosófico desde os tempos de Aristóteles. Posteriormente, em Hegel, vemos uma retomada destas questões e uma busca da compreensão da força que move a causa e gera o efeito. É sobre esses fatos e sua manifestação lingüística que estruturamos as discussões apresentadas nesta tese: as Construções Resultativas em Português.

Para a Lingüística Cognitiva (LC), nosso ponto de partida, o homem traz para a sua linguagem as suas experiências sensório-motoras mais básicas como movimento, mudança de estado, transferência (relação de posse) e, a partir disso, estrutura sua língua com base nessas experiências. Sendo assim, para a **LC**, a compreensão passa, diretamente, pela percepção físico-espacial que temos do mundo.

Dessa forma, partimos da idéia de que conhecimento de linguagem é conhecimento de mundo e rumamos à resposta para a indagação de CHOMSKY na epígrafe deste trabalho: se o que falamos não se dissocia do que vivemos, então, quanto mais entendemos a linguagem, mais (e melhor) nos conhecemos.

Nessa linha de raciocínio, estabelecemos as relações entre a estrutura da língua e o mundo que nos cerca tal como apresenta a Lingüística Cognitiva.

Focamos neste trabalho o modo como representamos a mudança de estado em nosso idioma e de que escolhas dispõe o falante ao expressar linguisticamente a mudança de um estado a outro. Verificamos se há uma relação das Construções Resultativas com outras como se estabelecessem uma rede de relacionamentos. Temos um início de muitas perguntas, mas alentado pela expectativa de muitos caminhos a percorrer.

A partir daí, consideramos quatro hipóteses para norteamento da pesquisa. Primeiramente, admitimos que as Construções Resultativas são caracterizadas pela existência de um **Sintagma Resultativo** que pode ser identificado tanto no Inglês quanto no Português, ainda que essas sentenças variem na frequência de seu uso em ambas as línguas. Nesse ponto, cabe esclarecer que entendemos **Sintagma Resultativo** (SR) como a representação de uma mudança de estado expressa no pólo sintático da **Construção Resultativa** através de um **Sintagma Preposicional** (*João quebrou o vidro EM PEDAÇOS*) ou mesmo de um **Sintagma adjetival** (*Maria assou o bolo SOLADO*).

Posteriormente, consideramos que as Construções Resultativas mais básicas são aquelas em que o Sintagma Resultativo se realiza na forma de um **Sintagma Preposicional** (Sprep) ou de um **Sintagma Adjetival** (SAdj). Tal fato indica na sentença a mudança de estado ou de lugar aplicada diretamente ao sintagma nominal que a recebe.

Outra hipótese aventada é a de que, em Português, ocorre, de forma bem comum, a lexicalização (Entendemos o termo como GONÇALVES, 2005:53, ou seja, de uma forma ampla, como uma maneira de referir-se a um termo que sofre uma petrificação, qualquer idiosincrasia constatada em operações morfológicas) do resultado no verbo e, dessa forma, não se dá a presença do argumento resultativo

isolado na sentença como **SPrep** ou **SAdj**. Assim, construções como “*José quebrou o vidro em pedaços*” admitem com frequência a forma “*José despedaçou o vidro*” como uma paráfrase.

E, por último, com base no princípio de não-sinonímia, tais paráfrases com o SR lexicalizado no verbo não são sinônimas das formas mais básicas, com o SR representado na sentença em forma de **SPrep** ou **SAdj**. E resguardam valores pragmático-discursivos que permitem a coexistência de ambas.

Em outras palavras, entendemos que, em decorrência da inexistência de palavras/expressões sinônimas perfeitas na língua, uma vez que não haveria por que comportar dois termos para expressar a mesma idéia, as formas de Construções Resultativas com **SR** externo competem em um ambiente de alternância com as com **SR** interno. O que observamos é que ambas resguardam valores pragmático-discursivos que as distinguem em seu uso cotidiano e um exemplo disso é o caso de *quebrar em pedaços* e *despedaçar* que soam ao falante como sendo, o segundo caso, uma ação com maior grau de intencionalidade e *agressividade*.

Sendo assim, partimos destas hipóteses para estabelecermos os objetivos da tese. Em um primeiro momento, tomamos como tarefa a coleta e leitura de tópicos discutidos a respeito de resultatividade na lingüística desde fins da década de 70 até a atualidade. Procuramos, dessa forma, entender o conceito de resultatividade (assim como o de construção gramatical) dentro dos estudos da linguagem em uma progressão que apresenta, nos últimos anos, um refinamento da instrumentação teórica para lidar com esse fato lingüístico.

Outro objetivo estabelecido foi a análise, dentro de *corpus* diversificado, dos tipos de codificação que são utilizados para representar as Construções

Resultativas. Tal objetivo nos conduz à necessidade de um afinilamento da tipologia das resultativas, uma vez que a resultatividade é o fenômeno em si e dentro dele a língua manifesta uma rede de realizações unidas por ligações de diversas naturezas (metafórica, de subparte). Optamos, então, por trabalhar com resultativas simples (períodos simples orações absolutas) deixando de lado as resultativas complexas (compostas por mais de um período) para estudos posteriores, ainda que no desenvolver desta tese sejam registrados alguns casos para fins ilustrativos da teoria.

E por fim, o objetivo final, dentro da progressividade apresentada, é o de descrever como, em Português, realizamos mais comumente a resultatividade em sentenças simples. E, nesse ponto, coletamos um *corpus* (cf. anexo) que justifica a terceira hipótese aventada: a tendência do nosso idioma à lexicalização do resultado no verbo.

A base de nosso trabalho é a análise apresentada por GOLDBERG (1995). A autora dá início às discussões sobre os tipos de construções existentes no Inglês e, entre elas, dá enfoque especial às resultativas, dedicando às mesmas uma parte significativa de sua tese de doutoramento. Posteriormente, GOLDBERG e JACKENDOFF (2004), dada à complexidade e amplitude do tema, retomam em parceria a discussão sobre as construções dessa natureza e passam a tratá-las não como construções isoladas, mas como uma família de Construções Resultativas inter-relacionadas.

Entretanto, na trilha das leituras teóricas, percorremos trabalhos de autores como LANGACKER, FILLMORE, LEVIN, RAPPAPORT, MIRA MATEUS, MATOS, JOHNSON, SILVA e outros lingüistas que, de uma forma ou de outra, contribuem significativamente para entendermos melhor como funcionam os mecanismos de

representação lingüística da resultatividade.

Por fim, privilegiamos, para nossa análise, o artigo de GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) em que os autores revêem pontos que ficaram em aberto no trabalho de GOLDBERG (1995) no que se refere às Construções Resultativas. A partir daí, eles propõem a mudança de localização espacial também como um tipo de mudança de resultado e as resultativas de mudança de estado são consideradas como passíveis de serem divididas em dois grupos: causativas e não-causativas. Estas foram uma das mais relevantes contribuições bibliográficas para entendermos e descrevermos as Construções Resultativas em Português nesta tese.

1.1. De um roteiro de leitura

No capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos da **Lingüística Cognitiva** (LC), posteriormente, passamos a apresentar a **Gramática de Construções** (originária na LC) e suas idéias-base como **Construção Gramatical**, **Modelos Cognitivos Idealizados**, **designação**, **cena básica**, e, por fim, apresentamos com base em GOLDBERG (1995), as construções elencadas pela autora como peculiares ao Inglês.

A partir daí, valemo-nos do trabalho de SILVA (2001) que analisa diretamente as construções com base em um *corpus* de Língua Portuguesa e trabalha sobre a tipologia de GOLDBERG, mas com uma alteração, o corte das Construções Conativas. O trabalho de SILVA apresenta significativa contribuição a nossa análise por tomar como exemplificação casos do mesmo idioma.

Concluimos esta etapa com as considerações feitas por GOLDBERG sobre a

natureza relacional entre as Construções Resultativas e as construções de movimento causado. Considerações estas que são endossadas por CROFT (1991) que representa em esquema este movimento em direção à mudança de estado. Dessa forma, é a conclusão da idéia representada pela **LC** de que *conhecimento de linguagem é conhecimento*, ou seja, a maneira como nos relacionamos com o espaço físico em que vivemos reflete-se diretamente no modo como estruturamos nossa percepção lingüística do mundo.

Seguem-se a esta etapa a apresentação das vantagens da abordagem adotada a fim de justificar a sua adoção no desenvolvimento da tese como, por exemplo, o fato de **evitar sentidos implausíveis** e a **circularidade**, representar uma significativa **economia semântica** e, mesmo, manter o **princípio de composicionalidade** na língua.

Ainda dentro dos pressupostos teóricos, buscamos afinar nossa instrumentação analítica ao definir de forma mais específica o conceito de **resultatividade** e, posteriormente, de Construção Resultativa. Para isso, recorreremos a diversos autores da Lingüística Cognitiva e até mesmo a alguns autores externos à Lingüística Cognitiva para buscar uma resposta ao que seja resultatividade e a qual construção a representa. Encontramos, aqui, fonte de grande valia para nossos estudos em trabalhos como os de LEVIN e RAPPAPORT apresentando abordagens que, longe de irem de encontro aos pressupostos adotados, representam soma para a compreensão da resultatividade como fato lingüístico.

Entretanto, a discussão entre o **causa** e **efeito** leva-nos a expor a questão de quais são os limites entre a representação da causa e do efeito nas construções. Para isso, assumimos como ponto de partida algumas considerações de GOLDBERG (1995) que se complementam com as considerações de GOLDBERG e

JACKENDOFF (2004) e deixam clara a natureza interligada desses eventos. E, dessa forma, dirimida a questão que foi colocada acima sobre a tipologia apresentada por GOLDBERG (1995) e que, a nosso ver, atende a necessidade de descrição das sentenças resultativas, adotamos a referida tipologia aplicando-a sempre ao Português, para verificação de sua viabilidade, não só no Inglês, mas em nossa língua.

Encerramos esta parte da tese com uma série de considerações sobre a revisão das Construções Resultativas feitas por GOLDBERG e JACKEDOFF (2004) que opera como um instrumento teórico de grande valia e que atende às nossas necessidades na medida em que complementa as lacunas deixadas nos trabalhos anteriores.

No **capítulo 3** desta tese, explicitamos os **critérios adotados** para a seleção do **corpus** usado como base de análise de dados. Assumimos as escolhas e apresentamos como foi feito uma adoção de critérios que visavam ao afunilamento dos dados para que não nos dispersássemos em meio às exemplificações.

Neste capítulo, são apresentadas também as categorias que criamos para agrupar os casos de SR internos em Português. Temos por objetivo entender como se registram as peculiaridades dessas Construções Resultativas quando estão em sentenças intransitivas ou transitivas, com sujeitos mais ou menos volitivos e até mesmo tomando como base o tipo de processo morfológico que se aplica ao verbo (parassíntese ou sufixação) com base em substantivos ou adjetivos.

O **capítulo 4** é dedicado à análise dos dados. Fizemos os cortes no *corpus* e, dotados de instrumentação teórica suficiente, passamos a analisar como se comportam as Construções Resultativas na Língua Portuguesa e damos ênfase às distinções entre a lexicalização de adjetivos e substantivos. Seguimos um roteiro,

então, que vai de uma abordagem das considerações mais freqüentes na língua a casos que merecem uma distinção, ainda que à margem do que consideramos mais comum ao idioma.

Este capítulo apresenta, de início, uma leitura quantitativa dos dados obtidos e a proposta da instituição de um conjunto de características nas quais agrupamos as construções em estudo e as quantificamos. O objetivo deste trabalho é verificar até que ponto os números baseados nas ocorrências de **CR** no *corpus* comprovam ou refutam as intuições iniciais que deram origem ao trabalho.

Segue-se, então, uma leitura qualitativa dos dados em que apresentamos os comentários que representam a interpretação dos dados além dos números vistos no subitem anterior, e procuramos relacionar ambas as leituras a fim de melhor entender as Construções Resultativas em Português, principalmente, as com o SR interno. Concluímos com algumas **considerações finais** sobre as resultativas de SR interno que representam, talvez, o início de outros estudos visando a entender a complexidade desse tipo de construção gramatical.

A **conclusão** da tese enfoca a necessidade de se verem as Construções Resultativas como uma família de construções dentro de um fenômeno maior que denominamos “resultatividade” que se encontra ainda distante de um delineamento no Português. O final do trabalho apresenta as Construções Resultativas simples no Português e deixa clara a sua tentativa de contribuição não somente às perguntas a que respondeu, mas, antes de tudo, às que se deixou por fazer.

2. Pressupostos teóricos

*“A partir da perspectiva cognitiva, língua é a produção e percepção em tempo real de uma seqüência temporal de unidades simbólicas estruturadas distintas. Esta configuração particular das habilidades cognitivas é, provavelmente, única à língua, mas os componentes das habilidades cognitivas requeridos não são”*¹ CROFT (2004)

Tomamos como ponto de partida alguns pressupostos teóricos que nos orientam nas análises propostas e são eles: a noção de língua, as noções de construção gramatical e, por fim, construções gramaticais segundo GOLDBERG (1995).

Partimos da idéia de que a língua é um sistema de unidades simbólicas estruturadas que se abastece das experiências sensório-motoras do homem em seu meio ambiente. Além disso, na teoria adotada, a língua não é independente em relação a outras habilidades cognitivas.

Dessa forma, podemos alinhar a noção de língua que adotamos com as hipóteses propostas pela Linguística Cognitiva, que a considera como uma faculdade cognitiva não-autônoma e entende a gramática como um processo de conceptualizações, e, por fim, propõe que todo conhecimento de linguagem emerge de seu uso (CROFT, 2004).

Esta teoria linguística foi resultado de uma tendência que já vinha se esboçando na década de 70 e tem como uma de suas publicações centrais, segundo HILFERTY & CUENCA (1999), o livro *Metaphors we live by* (LAKOFF &

¹ “From a cognitive perspective, language is the real-time perception and production of a temporal sequence of discrete, structured symbolic units. This particular configuration of cognitive abilities is probably unique to language, but the component cognitive skills required are not.” (CROFT, 2004)

JOHNSON, 1980), mas esta teoria só se consolida na segunda metade da década de 80 com trabalhos como *Women, Fire and Dangerous things* (LAKOFF, 1987) e *Foundation of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites* (LANGACKER, 1987).

O nosso foco de interesse na definição de língua é a ausência de sua autonomia com relação a outras faculdades cognitivas e, por isso, as habilidades que desenvolvemos para nos comunicar e representar estruturas conceptuais na língua não são consideradas por nós distintas das que utilizamos para operar com outras estruturas cognitivas no cotidiano. Essa afirmativa vem a negar diretamente a idéia de que desenvolvemos as habilidades cognitivas lingüísticas e cognitivas espaciais de deslocamento de forma diferente, por exemplo.

Podemos concluir, dessa forma, que categorizamos o mundo de acordo com a experiência de perceber/vivenciar mudanças e resultados que integram a vida humana. Por isso, interessa-nos esta descrição no Português das realizações de Construções Resultativas, ou seja, como projetamos nossa percepção de mundo na língua que falamos.

2.1. De Gramática e Construções

“Concluimos que partes do discurso, unidades básicas da estrutura sintática, não são definíveis em termos de significação.”²

Sigamos por partes a fim de que possamos deixar bem claro o nosso objeto

² “We conclude that parts of speech, the basic units of syntactic structure, are not definable in terms of meaning”. JACKENDOFF (1994)

de estudo: as Construções Resultativas. Primeiramente, demonstraremos o que entendemos por construções gramaticais e, posteriormente, o que definem os autores como Construções Resultativas.

A partir de uma base de percepção do mundo, estruturamos as nossas relações com a língua. Somam-se a isso as representações dessa através de seu léxico, sua sintaxe e mesmo a semântica de valores socialmente atribuídos (os Modelos Culturalmente Idealizados³, MCIs) e constatamos que a compreensão se dá no que entendemos como um fluxo constante entre o que sabemos sobre as palavras e como experienciamos o mundo, ou seja, as nossas relações sensório-motoras com ele.

Nesse aspecto, a grande contribuição da Gramática de Construções (GC) é propor a compreensão da língua de uma forma ampla e baseada em estruturas⁴ capturando as expressões e associando-as a padrões mais gerais, assim como entendendo a língua como tendo, em suas múltiplas dimensões (sintaxe, semântica, morfologia, pragmática, fonologia, prosódia, discurso), elementos que co-operam entre si para formar as expressões lingüísticas.

A contribuição efetiva dessa abordagem ao estudo da língua está na compreensão da mesma como produto de uma rede de relações entre conhecimento de mundo e percepções de natureza sensório-motoras que nos ajudam a entender e processar as informações lingüísticas.

Baseado no que nos apresenta GOLDBERG (1995) em seu trabalho, A

³ LAKOFF (1987:68) define-nos a **MCI** (Modelos Cognitivos Idealizados) como a origem das estruturas categoriais e que são entendidos como uma espécie de chave da organização mental que ocorre por intermédio da construção cultural de esquemas de conhecimento mundo. Para isso ele exemplifica com o exemplo de “semana” que para nós é algo idealizado, uma vez que, a divisão de sete dias não existe naturalmente. Trata-se então de uma criação humana que sofre variação de acordo com a sociedade ou mesmo a época.

⁴ Em Inglês adota-se a expressão *framework* que pode ser entendida como estrutura em Português, entretanto, cabe mencionar aqui que não se trata do mesmo conceito amplamente divulgado por outras linhas de estudos da língua no século XX, mas sim sob o foco cognivista/construcional.

Construction Approach to an Argument Structure, tomamos essa abordagem construcional como o ponto de partida para nossa base teórica que permitirá a análise dos dados referentes às Construções Resultativas, mas, primeiramente, vejamos o que consideram LANGACKER (1987) e FILLMORE (1990) a respeito do que seja construção gramatical.

Para LANGACKER (1987: 409), uma construção gramatical consiste numa integração bipolar de duas ou mais estruturas componentes a fim de formarem uma expressão compósita. O autor destaca que, nesses casos, a maioria dos componentes são simbólicos por natureza: suas estruturas componentes, sua integração aos dois pólos (sintático e semântico) e, inclusive, a estrutura compósita que resulta dessa integração.

Para exemplificar, ele adota o exemplo em Inglês de uma forma esquemática que é uma construção frase-preposicional que pode ser apresentada pela sequência P + N (preposição mais um nome), mas podemos ter também uma forma de P + Pro (preposição mais um pronome) que ocupa o lugar do nome na forma anterior; ou mesmo, podemos ter um caso como BESIDE + N, ou até, BESIDE + Pro. Para LANGACKER, a forma *beside me*, *beside her* é instanciada como um subesquema de uma forma mais básica (P+N) e que estabelece com ele um conjunto de relações diretamente estabelecidas.

Sendo assim, a construção gramatical é vista como um conjunto de categorias complexas e representadas em uma rede esquemática. O conhecimento que o falante possui é não somente do esquema, mas dos subesquemas e isso lhe permite estabelecer relações com outras formas que venham a se relacionar com essa rede esquemática. Esta abordagem oferece uma compreensão de língua em que temos estabelecida uma rede de esquemas inter-relacionados e, a partir daí,

estruturamos outras redes. A mente seria, então, um repertório de esquemas inter-relacionados de que nos valemos para estabelecer outras relações que nos permitem compreender eventos e estruturas lingüísticas novas.

FILLMORE (1990:6) entende que gramática é o repertório de fontes formais que habilitam o falante a produzir ou entender qualquer expressão lingüística em seu idioma. Entretanto, diferentemente de outras abordagens, ele adota a idéia central de que a informação ou o conhecimento que temos de gramática pode ser analisado em partes que se combinam e as chama de CONSTRUÇÕES. Podemos, então, começar imaginando que as Construções Gramaticais, segundo este autor, são entendidas como planos ou padrões de combinações de palavras em frases, frases menores em frases maiores, e daí em diante.

Para ele, as descrições dos planos ou padrões que organizam as palavras e sentenças – Construções – sempre incluirão informações sobre a forma lingüística (*informação sintática*) e incluem também informação a respeito do sentido (*informação semântica*) e, às vezes, informações lexicais e mesmo pragmática, ou seja, com base no uso que fazemos das palavras.

Os autores acima, nos trabalhos acessados por nós, tendem a focar a questão das construções em aspectos morfológicos. Em GOLDBERG (1995), o enfoque é mais amplo. A autora aborda a relação entre os pólos sintático e semântico e procura estabelecer um paralelo entre as percepções sensório-motoras humanas mais básicas e as construções de que fazemos uso na língua e das relações que elas estabelecem entre si, formando uma rede de relacionamentos.

No entendimento de GOLDBERG, construções são instâncias de forma-significado que existem independente de um verbo em particular. Nas palavras dela, “*Construções carregam elas mesmas a significação, independente das palavras em*

*uma sentença*⁵” Todavia, cabe mencionar que não se descarta o fato de que há uma grande contribuição das informações trazidas pelo item lexical, porém, o que se quer mostrar é que uma abordagem totalmente centrada nele como responsável pelo sentido em uma sentença falha em grande número de situações na língua. Por isso, consideramos que estruturas semânticas, aliadas a suas expressões formais associadas, são construções, independente do léxico que as instancia.

Veremos que tal abordagem nos fornece o princípio básico de economia de uma língua, assim como estabelece uma relação do universo lingüístico mental do falante com o seu universo físico real.

2.2. De construções

Podemos, então, resumir o principal objetivo do trabalho de GOLDBERG (1995) demonstrando que, nas sentenças, as estruturas constituintes (FILLMORE, 1968) são instâncias da correspondência forma-significado na língua e que existem independente de verbos em particular. Ou seja, as construções carregam o sentido independente das palavras que as podem compor.

Isso não quer dizer que o sentido exclua a carga de significado trazida pelos elementos constituintes, mas demonstra que a significação constrói-se em duas vias: da construção para o constituinte e do constituinte para a construção (*bottom-up/top-down*). Para ilustrar o que propomos aqui, apresentaremos a seguir algumas considerações pertinentes à relação entre item e construção.

⁵ “(...) constructions themselves carry meaning, independently of the word in the sentence. GOLDBERG (1995:01)

Para GOLDBERG, construção é um pareamento de forma e significado de tal maneira que algum aspecto da forma ou do significado não é estritamente previsível de partes componentes da construção ou de outras construções previamente estabelecidas. Nas palavras da autora:

C é uma construção se, somente se, C é um par de forma-significado $\langle F_i, S_i \rangle$ tal que algum aspecto de F_i , ou algum aspecto de S_i , não é estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas.⁶

Para ela, parte da estrutura do verbo inclui a delimitação dos papéis participantes, que, por sua vez, devem ser diferenciados dos papéis associados com a construção a que denominaremos papéis de argumento. No caso do verbo, temos papéis de uma estrutura específica enquanto na construção os papéis são mais gerais tais como agente, paciente, objetivo etc.

Para GOLDBERG, os papéis participantes são instâncias mais gerais de papéis argumentos e também capturam restrições seletivas. Com base no Inglês, podemos exemplificar isso com a consideração de que uma maneira de determinar a significação básica de um verbo seria interpretá-lo na forma de gerúndio da seguinte estrutura: “*No _____ ing occurred*” (*Nenhum _____ ocorreu*).

Para a autora, o número e o tipo de papéis participantes implicitamente entendidos como envolvidos na interpretação desta expressão corresponde ao número e ao tipo de papéis participantes na estrutura semântica associada com o verbo. Por exemplo, em *No kicking occurred* (*nenhum chute ocorreu*), temos a interpretação de dois participantes, quem chuta e o que é chutado. Já em sentença

⁶ “C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i , or some aspect S_i is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established construction.” (GOLDBERG 1995:4)

como *No sneezing occurred* (*nenhum espirro ocorreu*), há somente um participante, em *No giving occurred* (*nenhuma doação ocorreu*), temos três participantes: o doador, a coisa doada e o recebedor.

Em Português, podemos constatar que o número e o tipo de papéis participantes implicitamente entendidos são o número e tipo de papéis participantes da estrutura semântica associada ao verbo. Por exemplo, *chutar* seleciona dois participantes, *espirrar*, um e dar, três participantes.

Entretanto, sabemos que os itens lexicais são associados com um conjunto de sentidos relacionados e que este sentido polissêmico pode ser explicitamente relacionado apelando-se para a semântica da estrutura associada com cada um desses sentidos. O que se rejeita aqui é a idéia de que um novo sentido é atribuído ao verbo cada vez que o inserimos numa configuração sintática diferente.

Tanto no caso dos nomes quanto no dos verbos, ambos determinam lexicalmente quais os aspectos do conhecimento de suas estruturas semânticas são obrigatoriamente colocados num perfil. Para GOLDBERG (1995:44), papéis lexicalmente *designados*⁷ são entidades na estrutura semântica associada com o verbo que são obrigatoriamente acessadas e têm como função uma parte focal da cena, direcionando a ele um grau especial de destaque. A autora destaca que esta *designação* é altamente convencionalizada e não pode ser alterada pelo contexto.

Para ilustrar, adotemos um exemplo típico de verbos que invocam uma mesma estrutura semântica, mas que variam o foco como *comprar* e *vender*, *dar* e *receber*, entre outros.

Um caso estudado por GOLDBERG (1995) de aparente sinonímia é o de

⁷ Adaptação no Português do verbo *to profile* em Português seria algo como “estabelecido em perfil”, “designado em perfil”, logo, optamos pelo termo mais empregado pelos lingüístas no Brasil, *designação*.

ROB (*roubar*) e STEAL (*furtar*). Nas sentenças “Jesse roubou o rico” (*Jesse robbed the rich*) e “Jesse furtou dinheiro” (*Jesse stole money*), os verbos que apresentam uma aparente sinonímia expõem uma diferença semântica com base no tipo de *designação* que ocorreu. No primeiro exemplo, o ladrão (Jesse) e o alvo (o rico) são *designados*, enquanto, no segundo caso, quem é *designado* é o ladrão e os valores (dinheiro). Dessa forma, teríamos o seguinte esquema para os verbos:

Roubar (ROB)	< <u>ladrão</u>	<u>alvo</u>	bens >
Furtar (STEAL)	< <u>ladrão</u>	alvo	<u>bens</u> >

Temos em Português uma distinção em casos semelhantes a esse (roubar/furtar) que se dá muito mais no nível jurídico da interpretação do que no seu uso cotidiano. Em furtar, pressupõe-se a *designação* do ladrão e do bem furtado. Enquanto, tal qual no Inglês, roubar apresenta-nos a *designação* do ladrão e do alvo.

- (1) José furtou o carro (de João)
- (2) José roubou o (carro de) João

Diferentemente do Inglês, como já o dissemos, não temos uma agramaticalidade em decorrência do uso coloquial alternado de furtar e roubar. Isso talvez se deva a um uso mais amplo do segundo em detrimento do primeiro que, para muitos falantes, passa a soar como um eufemismo⁸. Todavia, para fins jurídicos

⁸ Em testagem (foram apresentadas frases com os verbos em questão e pedido que o falantes atribuisse um grau frequência de uso e variação eufêmica e disfêmica do termo) com falantes nativos sem nível superior de ensino, constatou-se que eles percebem *furtar* como uma maneira mais branda de referir-se ao ato de roubar que traz consigo uma carga semântica socialmente atribuída mais fortemente negativa do que o de furtar.

e contratuais⁹ essa distinção baseada na *designação* se faz necessária.

Apresentamos a seguir a figura proposta por GOLDBERG (1995:47) que serve para ilustrar a distinção entre estes verbos tanto em Português quanto em Inglês.

Figura 1

FURTAR (STEAL)

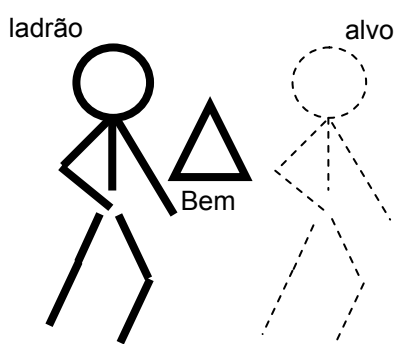
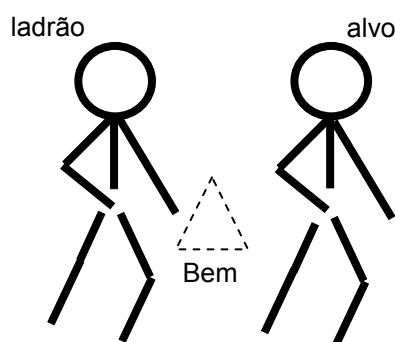


Figura 2

ROUBAR (ROB)



⁹ Para a legislação penal brasileira, FURTO é a subtração da coisa sem uso da violência ou ameaça, prescrevendo a lei a pena de reclusão de 1 a 4 anos e multa. Por seu turno, ROUBO significa a subtração da coisa com o uso da ameaça ou da violência, sendo punida essa conduta com pena de reclusão de 4 a 10 anos e multa. Ou seja, no primeiro caso, não há a necessidade do alvo (quem foi furtado estar presente), mas obrigatoriamente dá-se a presença do bem furtado, no segundo caso, o contato direto entre agente (quem furta) e alvo é indispensável. Daí existir no país delegacias especializadas em roubos e furtos e tal expressão não constituir sinonímia.

Observemos os gráficos dos participantes da cena em destaque atentando para a *designação* representada na figura de acordo com cada verbo empregado.

Outro aspecto a ser levado em conta é a representação do significado da construção. As construções, assim como os itens lexicais, também especificam que os papéis são *designados*. Para GOLDBERG (1995:48), “*toda rede de argumento ligado à relação gramatical direta (SUJ, OBJ, OBJ²) é construcionalmente designada*”.¹⁰

A definição de *designação* construcional incorpora a idéia de que relações gramaticais diretas servem para distinguir certos argumentos semântica e/ou pragmaticamente, ou seja, funções gramaticais diretas designam papéis particulares como sendo também semanticamente salientes ou como tendo algum tipo de proeminência discursiva como, por exemplo, sendo topicalizados ou focalizados. Um exemplo disto é o das construções bitransitivas que são comumente associadas com a semântica X CAUSA Y RECEBER Z. (CAUSA/RECEBER < agente receptor paciente>).

Para a autora, a semântica da construção é expressa em termos de uma lista de papéis, simplesmente porque isso facilita a afirmação de relação entre papéis construcionais e papéis participantes. Todavia, ela reconhece que nem o papel construcional nem os papéis participantes constituem uma desestruturada lista de elementos não divisíveis. Muito pelo contrário, esses papéis são semanticamente restritos em suas relações aos encaixes na dinâmica da cena associados com a construção do verbo.

Dessa forma, as construções especificam de que modo os verbos irão combinar com elas, restringem a classe dos verbos que podem se integrar a elas e,

¹⁰ Every argument role linked to a direct grammatical relation (SUBJ, OBJ, OBJ²) is constructionally profiled. GOLDBERG (1995:48)

por fim, devem especificar o modo em que um determinado tipo de evento designado pelo verbo é integrado ao tipo de evento designado pela construção.

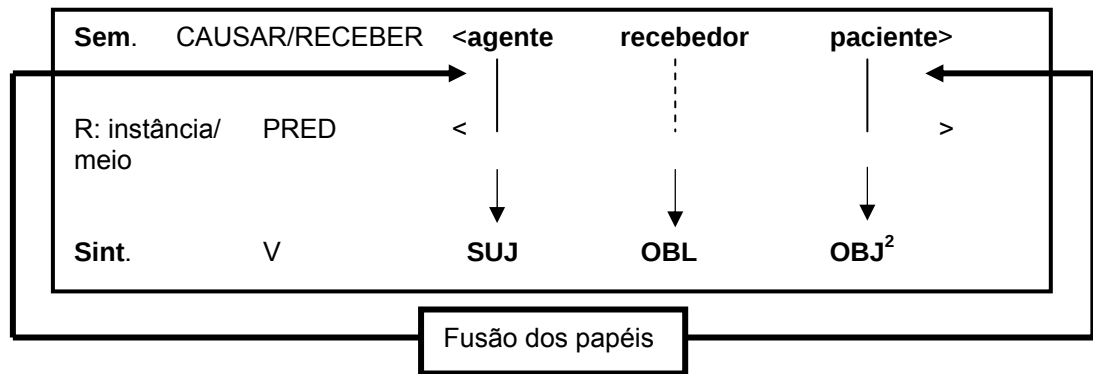
No estabelecimento desta relação apresentada, consideramos que há uma fusão dos papéis participantes e dos papéis argumentos. GOLDBERG (1995) afirma que se um verbo é membro de uma classe de verbos que é convencionalmente associada a uma construção, então, os papéis participantes do verbo podem ser semanticamente fundidos com os papéis argumentos da estrutura de argumento da construção. Esta fusão é determinada por dois princípios: *o princípio de coerência semântica* e *o princípio de correspondência*.

Segundo o primeiro princípio, só é admitida a fusão de papéis que sejam semanticamente compatíveis. Para GOLDBERG (1995:50), “dois papéis P1 e P2 são semanticamente compatíveis se tanto P1 puder ser construído como exemplo de P2 ou P1 puder ser construído como exemplo de P1”¹¹. Por exemplo, o papel de *doador* participante da estrutura pode ser fundido com o papel de agente da construção bitransitiva uma vez que o papel de *doador* pode ser construído como exemplo de papel de agente.

No caso do segundo princípio, **o de correspondência**, entendemos que cada participante que é lexicalmente *designado* e expresso deve ser fundido com um papel de argumento *designado* da construção. Para ilustrar os princípios acima, adotamos a representação proposta por GOLDBERG (1995). Abaixo está a forma de como os níveis semântico e sintático dentro das construções apresentam este processo de fusão.

¹¹ “Two roles *r1* and *r2* are semantically compatible if either *r1* can be construed as an instance of *r2*, or *r1* can be construed as an instance of *r1*”. (GOLBERG 1995:50)

Quadro 1



Tal princípio nos aponta para a necessidade de uma compatibilidade constante entre a construção e os itens lexicais que a compõem, não havendo assim qualquer aleatoriedade nessa combinação responsável pela constituição do sentido em uma sentença.

A partir do reconhecimento dessas relações, GOLDBERG propõe uma distribuição das construções básicas de uma língua em cinco: bitransitivas, movimento causado, resultativa, movimento intransitivo e conativa.

BITRANSITIVAS¹² são aquelas construções que apresentam estruturas do tipo X causa Y receber Z, ou seja, sujeito V objeto 1 e objeto 2, como se vê em *Paulo enviou um fax para José*. Sujeito (Paulo), objeto 1 (fax) e objeto 2 (José); Estas construções incorporam todas as relações que apresentam a idéia de <alguém> fazendo com que <alguém> receba <algo>. Cabe aqui observar nas construções o seu caráter universal, já que todas as línguas comportam esta relação de transferencialidade, visto que é um processo vivenciado fisicamente. E nesta

¹² SILVA, Augusto Soares (2001) aponta-nos que há verbos basicamente adequados a essas construções como “dar”. Assim como “pôr” se enquadra como a forma mais central das construções de movimento causado. Todavia, a forma básica indica o padrão mais nuclear da construção ao qual retornam as formas que se associam a sua idéia mais essencial, mas não se exclui o uso de qualquer outra forma verbal, contanto que essa apresente compatibilidade com a idéia representada pela construção em qual se insere.

percepção a língua enquadra sentenças como:

- (3) *José enviou o livro para Paulo. (mais básica)*
 (4) *Paulo recebeu o livro de José*

E podemos enquadrar também casos como:

- (5) *José comprou o livro para Paulo.*
 (6) *Maria fez um bolo para seu irmão*

O que caracteriza essa construção é, pois, a presença de um sintagma que expressa o destinatário. Verificamos, então, que, nos casos 3 e 4, dá-se a mesma relação presente em 1 e 2. Dentro desta idéia, enquadram-se metaforicamente todas as relações envolvendo <quem faz>, <o objeto> e <o beneficiário> . Podemos assim representar a construção com o seguinte esquema proposto por GOLDBERG (1995:142):

Quadro 2

Sem.	CAUSAR/RECEBER	<agente	recedor	paciente>
Instância/ Significado	PRED	<	...	>
Sint.	V ENVIAR RECEBER COMPROU FAZER	SUJ José José José Maria	OBJ¹ Paulo Paulo Paulo seu irmão	OBJ² livro livro livro bolo

Observamos que, na representação dos pólos semânticos e sintáticos das construções bitransitivas, é possível enquadrar as sentenças que a ilustram como exemplos que seguem de uma versão mais básica (ENVIAR/RECEBER) a uma versão menos básica (COMPRAR/FAZER), mas que se enquadram ao conceito

aplicado de construção bitransitiva.

Outra construção apresentada por GOLDBERG é a de **MOVIMENTO CAUSADO**. Esta construção tem como característica básica uma representação em que X causa Y mover-se para Z, um sujeito que faz com que um objeto se movimente em direção a algo/alguém.

- (7) *João empurrou o livro para o chão.*
 (8) *A mãe sentou a criança na cama.*

Não poderíamos considerar tal construção como bitransitiva (transferencial) por duas razões básicas. Primeiramente, as bitransitivas selecionam os seguintes argumentos: <Agente> <Tema> e <Beneficiário>, o que não é o caso das construções de movimento causado que selecionam uma seqüência de <causa> <objetivo> e <tema> . Além disso, em 7, a sentença pode trazer em seu sujeito características de causador e não de agente. João, em 7, apresenta um caráter de natureza dúbia, sua ação pode ser volitiva ou não. No caso das sentenças bitransitivas que representam um processo transferencial, o caráter volitivo do sujeito é mais definido, ou seja, a princípio, ninguém envia um livro a outro involuntariamente. Dessa forma, podemos caracterizar as construções de movimento causado com a representação de seu pólo semântico e sintático da seguinte forma (GOLDBERG, 1995:160):

Quadro 3

Sem.	CAUSAR/MOVER	<causa	objetivo	<tema>
	PRED	<		>
Sint.	V EMPURRAR SENTAR	SUJ João A mãe	OBL chão cama	OBJ ² livro criança

Na representação acima, vimos que se enquadram, no esquema, casos mais básicos (EMPURRAR) e menos básicos (SENTAR), o que comprova a afirmativa da GC de que o sentido não está no verbo, mas em sua relação com a construção que o instancia.

As **RESULTATIVAS**¹³ são aquelas que comportam a idéia de que X causa Y tornar-se Z, um sujeito que faz com que um objeto resulte em uma mudança de estado (Daí a denominação **resultativa**.) Vejam-se exemplos como “*Maria quebrou o vidro em pedaços*”. A ação de Maria resulta em que o vidro apresente mudança de estado em relação ao momento anterior (fique em pedaços). Há uma série de discussões neste texto, uma vez que algumas sentenças adotadas por GOLDBERG apresentam um problema de gramaticalidade para nós, falantes de Língua Portuguesa. Para fins de ilustração do que afirmamos, vejamos o que a autora utiliza como exemplo:

(9) *She kissed him unconscious.*

A tradução desta sentença seria algo como “Ela o beijou (deixando-o) inconsciente”, mas a construção apresentada em um só predicado simples não encontra correspondente com a mesma estruturação sintática no Português. *Unconscious* é o SAdj desta Construção Resultativa. O mesmo aconteceu em casos como *It broke apart* (quebrou em pedaços) em que o SAdj é *apart* (em pedaços). A presença do SAdj (lembremos que, em Português, é um SPrep) nesses exemplos é

¹³ O caráter idiossincrático das construções deixa em aberto um estudo de como representamos as construções no Português Brasileiro. E este é o nosso trabalho aqui, descrever como nosso idioma representa suas Construções Resultativas.

mais uma iniciativa da autora em demonstrar sintaticamente a presença da mudança de estado expressa.

Dessa forma, ela apresenta como a mais básica representação das Construções Resultativas o esquema a seguir (GOLDBERG, 1995:189)

(10) Maria quebrou o vidro em pedaços.

Quadro 4

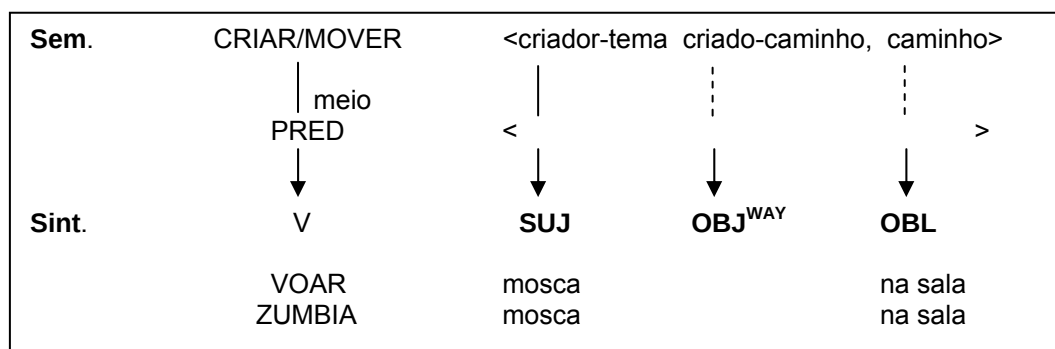
Sem.	CAUSAR/TORNAR	<agente	paciente	resultado/objetivo>
Instância/ Significado	PRED	<		>
Sint.	V	SUJ	OBJ	OBL SPrep/SAdj
	QUEBRAR	Maria	vidro	pedaços

A esse esquema ocorrem outros que se correlacionam a ele como o caso de resultativas intransitivas, entretanto, como, neste primeiro momento, só nos interessa uma apresentação das construções de forma preliminar, optamos pela forma mais padrão desta e deixamos para a parte da tese que se ocupa especificamente das resultativas o desdobramento de maiores comentários a respeito.

Existe, ainda, o caso das construções de **MOVIMENTO INTRANSITIVO**, que podemos definir como estruturas em que X move em Y, sujeito (X) movimenta-se em algum lugar (Y) como em *A mosca zumbia (voava emitindo sons) no quarto*. Torna-se nítida, por parte de GOLDBERG, a intenção de demonstrar que o sentido da sentença está na construção e não na forma do verbo, esta só traz aspectos informativos que a compatibilizam ou não com a construção em que se insere. Um

exemplo mais básico, porém, óbvio demais para o que a autora pretende demonstrar seria “A mosca voava no quarto”. Na verdade, ela quer demonstrar que o *zumbir* (da mosca) vai ser compatível com a idéia de voar, uma vez que esta emite este som quando voa. Logo, o verbo é compatível com a construção que indica movimento transitivo. Embora ela não se ocupe demasiadamente com esta construção em seu trabalho de 1995, apresenta-nos uma possibilidade de realização de representação de pólo semântico e sintático:

Quadro 5



Tanto o verbo VOAR como o ZUMBIR se adequaram à construção de movimento intransitivo, conforme demonstra o esquema de representação acima descrito.

E, por fim, consideremos as construções **CONATIVAS** em que X direciona uma ação para Y, um sujeito que direciona uma ação para alguém/algo. Observa-se isso em *João chutou para José*. Cabe aqui mencionar que SILVA (2001) descarta esta última construção em seus trabalhos e opera somente com as quatro anteriores. Entendemos que ela é um tipo de bitransitivas (transferencial) que apresenta a omissão do objeto transferido e não haveria necessidade de se criar um outro tipo de construção, mas poderia ser inserida como um subtipo da que foi

mencionada. Entretanto, não é nosso objetivo explorar esse assunto e nem o é da autora adotada, visto que não dedica maior atenção além das apresentações introdutórias em seu livro a este tipo de construção.

A classificação acima exposta aponta-nos para a observação de que as diferenças sistemáticas na significação dos mesmos itens em construções diversas poderiam ser atribuídas diretamente aos diferentes tipos de construções em que se realizam.

SILVA (2001) apresenta-nos as construções como estruturas sintáticas que enformam estruturas semânticas próprias e refletem (e condicionam) determinada conceptualização de um evento¹⁴. O autor destaca, na Língua Portuguesa, a presença dos seguintes casos abaixo:

Quadro 6

CONSTRUÇÃO	SIGNIFICADO ESQUEMA CONCEPTUAL	
Transitiva SUJ-V-OD	X age sobre Y / X experiencia Y	‘fazer’ / ‘experienciar’
Bitransitiva SUJ-V-OD-OI	X faz com que Y seja recebido por Z	‘transferir’
Movimento causado SUJ-V-OD-OBL	X faz com que Y se desloque para Z	‘mover’
Resultativa SUJ-V-OD-PRED	X faz com que Y se torne Z	‘mover’

Conforme ele nos apresenta, as construções mais recorrentes em Português seriam as expostas acima. Como já dito, o autor exclui os casos das construções conativas que GOLDBERG apresenta como sendo aquelas em que X direciona uma ação para Y, ou seja, um sujeito que direciona uma ação para alguém/algo.

¹⁴ Assim como SILVA (2001) utilizaremos nessa tese o conceito de evento em sua acepção hiperonímica, ou seja, em um sentido amplo de ação, processo ou estado. Entendemos evento como sendo o padrão conceptual que combina tipo de ação, processo ou estado com os participantes mais salientes nele envolvidos desempenhando papéis.

Possivelmente, por razões já comentadas neste trabalho.

No caso das construções bitransitivas, ele entende como sendo, basicamente, a existência de uma transferência benefactiva de uma entidade material.

- (11) **Ele** ficou tão rico que, no aniversário, **deu um carro** para **ele**.
[X] [Y] [Z]
X faz com que Y receba Z

Todavia, tal relação transferencial pode ser entendida metaforicamente como: transferência não-material em que o deslocamento não se dá em casos concretos, mas no nível abstrato, verbal ou perceptual.

- (12) **ela** dedicou a **vida ao trabalho comunitário e à igreja**.
[X] [Y] [Z]
X faz com que Y receba Z

Consideramos a tipologia das construções apresentadas por SILVA como mais adequadas ao estudo na Língua Portuguesa do que a de GOLDBERG porque o *corpus* adotado para esta tipologia é o de Língua Portuguesa (LP) e o de GOLDBERG, o de Língua Inglesa. Sabendo que cada língua guarda suas idiossincrasias¹⁵, valemo-nos da tipologia de SILVA como referências neste estudo.

GOLDBERG (1995:84) aponta-nos um entroncamento comum às construções de movimento causado e às resultativas. Para a autora, as Construções Resultativas podem envolver uma interpretação metafórica do resultado como um tipo metafórico de objetivo. Para tanto, ela apresenta dois tipos de sentenças em que isso se apresenta de forma nítida.

¹⁵ GOLDBERG & JACKENDOFF (2003) consideram esta questão das idiossincrasias quando apresentam a visão construcional da gramatical afirmando que “no nível da sintaxe frasal, peças de sintaxe conectadas ao sentido em um modo convencionalizado e parcialmente idiossincrático são capturados pelas construções. “*At the level of phrasal syntax, pieces of syntax connected to meaning in a conventionalized and partially idiosyncratic way are captured by construction.*”

(13) *Pat hammered the metal flat.*

Pat achatou o metal com o martelo (adaptação ao Português)

(14) *Pat threw the metal off the table.*

Pat lançou o metal para fora da mesa.

Para GOLDBERG, há um movimento metafórico em **a** que pode ser equiparado ao movimento literal em **b**. Entendendo que *flat* (achatado) em Português constitui um tipo de objetivo assim como *off the table* (fora da mesa) o representa em **b**, no sentido próprio de movimento.

É importante observar que, em Português, este ‘objetivo’ metafórico presente na resultativa, muitas vezes, vem expresso na estrutura morfológica do verbo como no caso acima “Pat achatou (fazer ficar **chato**) o metal com o martelo” ou mesmo em casos como “o vidro quebrou em pedaços. “Em pedaços” constitui o ponto final do caminho que nasce na causa e culmina com o resultado representado pelo **SPrep**.

Para isso, a autora sugere que a restrição fundamental que se aplica ao movimento/local também se aplica à mudança/resultado e entende que, metaforicamente, movimento é mudança e local é estado como apresenta no esquema. Sendo assim, para ela, as mesmas restrições que se aplicam a uma situação de movimento são válidas para a mudança de resultado.

Para LAKOFF (1987:518), temos o conceito de existência dêitica, ou seja, as coisas que existem, existem em locais. Existir é estar localizado. Além disso, sabemos que algo existe quando nos encontramos em sua presença, de outra forma, não podemos afirmar com tanta certeza e este fato forma a base de uma metáfora amplamente empregada na língua como “o *bebê está a caminho*”, para “*ela está grávida*”, “*o bebê chegou para “o bebê nasceu*” ou mesmo casos como “*ele não*

está mais aqui", *"ele se foi"*, para *"ele morreu"*.

Dessa forma, se entendemos que existir é estar localizado, podemos mudar de local e assim mudar de condição de existência, mudar de estado. Ou seja, podemos estruturar outra metáfora amplamente empregada que é a de que movimento pode ser entendido como mudança, logo, local seria entendido como estado (condições de existência). A partir daí, temos a metáfora que relaciona os estados como locais para os quais nos deslocamos e cunhamos sentenças como *"José caiu na miséria"*, *"José saiu da pobreza"*, *"Maria entrou em depressão"*.

Por fim, observemos casos de metáforas em que a mudança de estado e presença do movimento são nitidamente perceptíveis em metáforas nas expressões do Inglês, mas lembremos que, nesse caso, isso também se aplica ao Português.

(15) *The jello went from liquid to solid in a matter of minutes.*
A gelatina foi do líquido ao sólido em questão de minutos.

Em Português, temos várias expressões em que metaforizamos o movimento em mudança de estado como em *sair de depressão*, *ir da água para o vinho*, *cair em desgraça* entre outras.

Além da relação acima entre movimento e mudança, também destacamos as relações existentes entre causa e resultado presentes nas construções. Fazemos tais considerações porque, dentro deste trabalho de pesquisa, dedicamos especial atenção à existência das formas resultativas no Português assim como a sua relação como sub-evento em construções causais.

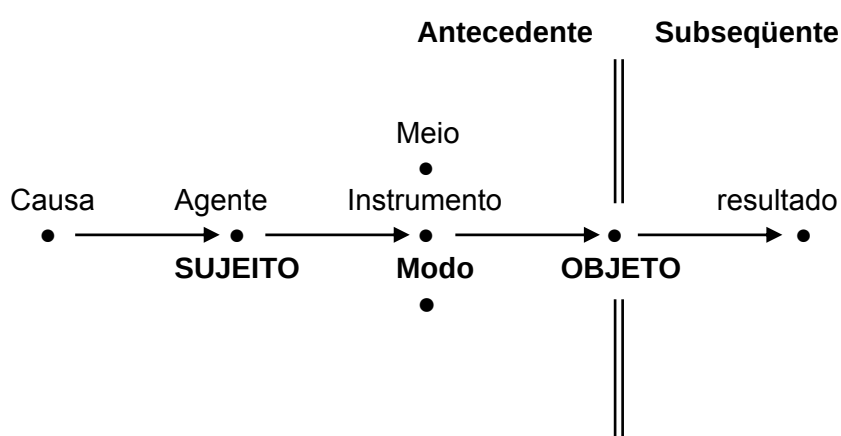
O que assumimos como elemento básico para comprovar sua realização é a questão da manipulação do foco operada pelo falante. Sendo assim, podemos afirmar que, em todo evento resultativo, se insere um evento causativo e vice-versa.

Tais integrações metonímicas são analisadas por TALMY (1985) sob a denominação de *conflation patterns* com base nos verbos de movimento.

GOLDBERG (1995:61-62) propõe que o que ocorre na relação causal é que o significado proposto pelo verbo e o apresentado pela construção integram-se através de uma relação causal (temporalmente contígua)¹⁶. Isso quer dizer que, nos casos em que o verbo não exemplifica ou especifica o significado da construção, ele lexicalizará um sub-evento como parte de um evento com relação causal com todo o evento ou com partes. Conclui a autora que ocorrerá a lexicalização do agente, ou da “figura”, ou da “base”, ou do meio/instrumento, ou do resultado, ou do objetivo, ou da causa, ou do modo, em suma, um evento causalmente associado à ação configurada no evento expresso pela construção.

Para concluirmos o que acima apresentamos, vejamos o que considera CROFT (1991:185) com relação à distribuição das partes de uma cadeia causal na seguinte representação.

Figura 3



(16) Paul hammered the metal flat.

¹⁶ *Causal Relation Hypotheses: the meaning designated by the verb and the meaning designated by the construction must be integrated via (temporally contiguous) causal relationship.* (GOLDBERG, 1995:62)

Sujeito → Paul
Instr. → expresso pelo verbo (Martelo)
Objeto → Metal
Result. → (metal) achatado

(17) Paul achatou o metal com o martelo.

Sujeito → Paul
Instr. → Martelo
Objeto → Metal
Result. → expresso pelo verbo (achatado)

A grande diferença que percebemos nas sentenças acima está no fato de que, por razões idiossincráticas, o falante de Língua Inglesa opta por lexicalizar como verbo o instrumento (*To hammer*, a partir substantivo *hammer*, martelo) e não o resultado (*achatar*, a partir de *chato*, plano), como ocorre em Português¹⁷.

Para LANGACKER (1991: 23), sujeito e objeto são o que ele denomina como *trajector* (ou figura) e *landmark* (base), na relação estabelecida pelo verbo, delimitando o evento e representando, respectivamente, o início e o fim da cadeia de ação. Constatamos, então, o que antes afirmáramos: a idéia de resultado é subjacente à idéia de causa, um dos temas a ser abordado nessa tese.

Por fim, conclui SILVA (2001), em suas observações, que poderíamos definir que as construções têm como característica a autonomia e que são possuidoras de uma natureza simbólica constituída por um par composto de forma e significado. Tais constatações corroboram o que nos propõe GOLDBERG com base na qual prosseguimos as considerações sobre a GC.

A partir daqui, vamos apresentar alguns aspectos salientados pela Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995) e que nos orienta na elaboração da pesquisa

¹⁷ Todavia, é importante notar que, tanto o Português como o Inglês admitem a lexicalização do instrumento e do resultado (adjetivo) como verbo. Temos as formas *to flat* (flat), *achatar* e *martelar* (martelo). *Paul FLATtens the metal with a hammer* / *Paul martelou o metal achatando-o*.

que dá origem a esta tese.

2.2.1. Conhecimento de linguagem é conhecimento.

Primeiramente, entendemos que se rompe a fronteira entre o que é conhecimento lingüístico e conhecimento de mundo ao se afirmar, via GC, que o conhecimento da linguagem é produto de toda uma série de implicações, sejam elas internas ao universo da linguagem ou externas, mas, efetivamente, inter-relacionadas. As construções lingüísticas apresentam estruturas e redes de informações e de associações, hierarquias a que se ligam as estruturas e redes semânticas pelas quais se orienta o usuário da língua no processo de interação comunicacional.

Tais formações lingüísticas, ainda que em simples orações, são associadas diretamente com estruturas semânticas que refletem cenas básicas para a experiência humana¹⁸. Através dessa experiencição, o ser humano adquire esquemas imagéticos que dão suporte ao processo de significação da linguagem. Para GOLDBERG, há uma natural associação da linguagem às experiências físicas, ao universo comportamental, como, por exemplo, o caso de alguém voluntariamente transferindo algo para alguém, alguém provocando algo a se mover ou mudar de estado, alguém experienciando algo, alguém se movendo etc.

Estas experiências sensório-motoras são a base da estruturação na linguagem de construções que indicam a transferência como *“ele deu um conselho*

¹⁸ Mais claramente, desenvolve-se tal idéia em LAKOFF (1980:25-34). *Our experience of physical objects and substances provides a further basis for understanding – one that goes beyond mere orientation.* Para GOLDBERG, *“simple clause constructions are associated directly with semantic structures wich reflect basic to human experience.”*(1995:04)

ao irmão”, a mudança de estado, uma metáfora da mudança de local, como em “*ele clareou a calça nova*”, *ele caiu em desgraça etc.* Percebemos o mundo fisicamente através de nossos sentidos e, a partir daí, estruturamos nossas construções lingüísticas com base no que vivenciamos e conhecemos, ou seja, quando falamos em Língua não estamos falando de uma forma dissociada de lógica e conhecimento desenvolvido no cérebro humano, mas de um conhecimento integrado com o mundo.

2.2.2. As vantagens das abordagens da Gramática de Construções

A partir daí, tem-se a convicção de que fatores semânticos e pragmáticos são importantes para a compreensão das combinações e restrições nas construções gramaticais. É importante frisar que, para os estudos de GC, não há uma restrita e delimitada divisão entre o que é léxico, semântica, pragmática, morfologia e sintaxe. Todos os níveis são entendidos como representações complementares na construção do sentido.

Sendo assim, assume-se a rejeição a uma estrita divisão entre os níveis de estudo da língua, inclusive entre o que é semântico e o que é pragmático, pois, por exemplo, informações a respeito de constituintes focalizados ou topicalizados são sempre representadas ao longo de uma cadeia de informações semânticas.

Por fim, podemos considerar que a GC é gerativa no sentido em que tenta dar conta de um número infinito de expressões que são permitidas pela gramática e tentando dar conta de outro número infinito de expressões que são postas fora das generalizações ou mesmo proibidas. Sendo assim, ao reconhecermos que há uma

inter-relação entre os verbos e as construções como a base da natureza construcional, o princípio que relaciona verbo e construção é trazido à tona como foco dos estudos aqui propostos.

Dessa forma, consideremos que algumas vantagens decorrem desta abordagem que adotaremos, a GC, como exporemos a seguir.

2.2.2.1. Evitam-se os sentidos implausíveis

GOLDBERG (1995) apresenta como exemplo o caso de “*He sneezed the napkin off the table*” / *Ele espirrou o guardanapo para fora mesa*. Ao enquadrarmos esta sentença em uma construção do tipo movimento causado, X (ele) causa (espirrar/movimento de ar sobre) Y (o guardanapo) mover-se a Z (fora da mesa) anulamos a implausibilidade que pairava sobre o verbo espirrar (*sneeze*) uma vez que, sendo um verbo intransitivo, o complemento guardanapo (*napkin*) não poderia estar lhe completando o sentido. Dessa forma, entendemos *espirrar* inserido nesta construção não somente como o ato, mas como a consequência do ato projetando o guardanapo para fora da mesa (um movimento causado)

Semanticamente, o implausível nessa sentença também estaria na incapacidade de, entendendo em seu sentido próprio, imaginar alguém espirrando o “guardanapo”. A compatibilização de construções com o verbo instancia o sentido de movimento causado, o que não é usual porque “espirrar” não pede um objeto, nem ao menos o direciona, mas a construção em que ele se insere é que propicia este significado.

Podemos exemplificar em Português com casos como o de *arrumar* em

sentenças como *José arrumou um emprego*. A princípio, o sentido mais central deste verbo é, segundo o dicionário Aurélio, *pôr em ordem*. Entretanto, na sentença apresentada, esta acepção não é válida e entendemos este verbo como *conseguir, obter, encontrar*.

Dessa forma podemos entender como um sentido implausível a compreensão deste verbo, inserido nessa construção, em sua acepção mais central. O que nos permite entender como *conseguir* é a construção em que ele se insere, por isso, a contribuição desta teoria para se evitar os sentidos implausíveis em um língua. Ou, nas palavras de GOLDBERG (1995:10), a abordagem construcional nos permite entender aspectos finais da interpretação envolvendo movimento causado, intenção de transferência, ou um resultado causado com sendo uma contribuição da construção e não do item lexical.

Isto é, nós podemos entender o esqueleto da construção com sendo capaz de contribuir com os argumentos. Por exemplo, nós podemos definir a construção bitransitiva com sendo associada diretamente com os papéis de agente, paciente e recebedor/recipientes, e, então, associá-la a classe dos verbos de criação com a construção bitransitiva¹⁹.

Com base nas palavras de GOLDBERG, destacamos que são essas associações que permitem a variação que temos de sentido em casos como o que foi citado acima (*arrumar*) e que, ao mesmo tempo, são elas que evitam que se produzam sentidos implausíveis na língua.

¹⁹ That is, we can understand skeletal construction to be capable of contributing arguments. For example, we can define the ditransitive construction to be associated directly with agent, patient, and recipient roles, and then associate the class of verbs of creation with the ditransitive construction. (GOLDBERG, 1995:10)

2.2.2.2. Evita-se a circularidade

A análise da GC evita uma certa circularidade de análise resultante do princípio amplamente difundido entre as teorias lingüísticas de que a sintaxe é a projeção de uma exigência lexical e que procura definir que são os verbos que delimitam o número de argumentos e o tipo de argumento que os complementam.

Nesse sentido, o verbo é comparado com o predicado da lógica formal, que apresenta um número inerente de argumentos distintos. É como se o verbo estabelecesse uma relação em que ele “espera” um número e um tipo de argumento para complementá-lo.

Esta circularidade poderia ser expressa ao entendermos que um verbo X teria, então, um número particular de sentidos *n*-argumentos e a explicação para o verbo X ter essa configuração de complementos correspondentes advém do fato de que o verbo X pode ocorrer abertamente com uma construção particular de *n*-complementos.

Uma interpretação desta natureza seria insuficiente para entender o processamento do sentido numa sentença como as que mencionamos abaixo:

- (18) a. *José arrumou o relógio.* (consertou)
b. *José arrumou o relógio.* (ajustou)
c. *José arrumou o relógio* (conseguiu)
d. *José arrumou o relógio* (acomodou/alinhou) [*na estante*]

O verbo *arrumar* apresenta a mesma regência quantitativa e qualitativa nos quatro casos acima; entretanto, não há dúvidas de que não temos o mesmo sentido. Dessa forma, a abordagem da GC não deixa dúvidas quanto ao fato de que as sentenças, na verdade, são instâncias da representação de construções baseadas

em uma *gestalt* inerente ao ser humano²⁰.

Assim, a abordagem construcional nos permite evitar a referida circularidade de discurso, argumentando que o verbo é um receptor de inúmeros predicados, e, portanto, tem inúmeros complementos quando, e somente quando, tem inúmeros complementos, ou seja, os verbos variam sua quantidade de complementos em função da construção em que se enquadram em uma relação de compatibilidade item lexical/construção.

Por fim, ao invés de afirmar que um novo sentido é encontrado cada vez que se constitui uma nova configuração sintática e, então, usar esse sentido para explicar a existência da configuração sintática, a abordagem construcional requer que a questão da interação significado do verbo e da construção seja inter-relacionada constantemente.

2.2.2.3. Economia semântica

A idéia de que um verbo possui inúmeros sentidos vai de encontro a um princípio de economia semântica existente na língua. Seria pouco razoável considerarmos que uma forma verbal pode ter diversas acepções e que, em determinado momento, nós assimilamos todas elas, uma a uma, ou, mesmo que, ao longo da vida, registramos todas as realizações possíveis de um determinado lexema verbal. Um verbo como o *passar*, por exemplo, segundo o Dicionário

²⁰ Para GOLDBERG, construções de orações simples são associadas diretamente com estruturas semânticas que refletem o mais básico das experiências humanas. (1995:05)

Aurélio²¹, realiza-se no Português aproximadamente de 77 (setenta e sete) com sentidos diferentes, seria uma significativa proeza a assimilação de todas essas significações. Abaixo listamos 15 (quinze) exemplos em que o referido verbo apresenta acepções distintas.

(19) a. <i>Passar pela porta</i>	(passar = atravessar)
b. <i>Passar de ano</i>	(passar = ser aprovado)
c. <i>Passar o café</i>	(passar = coar)
d. <i>Passar a roupa</i>	(passar = alisar)
e. <i>Passar a música</i>	(passar = ensaiar)
f. <i>Passar remédio</i>	(passar = aplicar)
g. <i>Passar a página</i>	(passar = virar)
h. <i>Passar um telegrama</i>	(passar = enviar)
i. <i>Passar um bife</i>	(passar = cozinhar)
j. <i>Passar a bola</i>	(passar = lançar)
l. <i>Passar dinheiro falso</i>	(passar = distribuir)
m. <i>Passou fome</i>	(passar = sentir)
n. <i>Passa uma vida boa</i>	(passar = desfrutar)
o. <i>Passar bilhete de rifa</i>	(passar = distribuir, vender)
p. <i>Passar manteiga</i>	(passar = espalhar)

A GC propõe, então, que temos um número de construções dentro das quais se realizam os sentidos do verbo tendo como base a sua relação dentro da mesma. Podemos retomar o exemplo aqui já apresentado com o verbo *arrumar* e entendermos que sua variação de interpretação não se dá em função de uma possível multiplicidade de sentido que ele apresente, mas nas construções em que ele, por razões de compatibilidade mútua, se enquadra.

Conforme propõe GOLDBERG, “a semântica das expressões completas é diferente onde quer que um verbo ocorra em construções diferentes. Mas essas diferenças não precisam ser atribuídas aos diferentes sentidos do verbo; elas são

²¹ **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0.** O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa corresponde à 3ª. edição, 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, O Dicionário da Língua Portuguesa, contendo 435 mil verbetes, locuções e definições.

mais economicamente atribuídas às próprias construções.”²²

2.2.2.4. Preserva-se a composicionalidade

Partimos do princípio de que a semântica tem que ser composicional, quer dizer, o significado de toda expressão da língua deve estar em função da significação de seus constituintes imediatos e das regras sintáticas usadas para combiná-los. Segundo GOLDBERG (1995:13), é o que denomina MONTAGUE (1973) como o homomorfismo da sintaxe e da semântica. Nos estudos da GC, a composicionalidade é preservada na medida em que tal relação de significação se dá no nível da construção e do sentido. Não se discute o fato de que núcleos nominais imponham restrições às combinações possíveis, mas o sentido não se constrói a partir dos mesmos, e sim da construção que os comporta.

Por fim, assumimos que a GC aponta para algumas evidências de apoio no estudo do processamento da sentença. A primeira, e mais importante delas, seria o fato de que um verbo se molda à construção a que se incorpora na sentença ainda que seu sentido básico seja o mesmo. Em casos como *Bill arrumou o despertador para as 6 horas/**Bill arrumou o despertador na estante*²³, a forma verbal *arrumar* não traz alterações significativas em sua essência. Em ambos os casos, *arrumar* pressupõe, essencialmente, X aplicar uma ação sobre Y a fim de modificar Z. Entretanto, uma modificação é interna (*arrumar* = consertar) e a outra, externa

²² “(..) the semantic of (and constraints on) the full expressions are different whenever a verb occurs in a different construction. But these differences need not be attributed to different verb senses; they are most parsimoniously attributed to the constructions themselves. (GOLDBERG, 1995:13)

²³ Em Português há uma pluralidade de realizações ainda maior nesse caso, pois poderíamos dizer *Bill arrumou* (consertou) *o despertador* e *Bill não arrumou* (conseguiu) *um despertador*.

(arrumar = mudar de posição)

Para GOLDBERG, não se pode esperar que um mesmo verbo, em diferentes construções, tenha o mesmo efeito com resultado de uma ambigüidade lexical. No exemplo adotado aqui, o verbo *arrumar* (*set* em Inglês) apresenta o mesmo sentido central nos dois exemplos destacados, mas é incontestável a idéia de que ambos representam efeitos (nuanças) bem distintos resultantes das construções em que estão inseridos.

A segunda evidência que se pode destacar é no que concerne à aquisição da linguagem pela criança. No processo de assimilação de uma língua, a criança registra sentidos diferentes para itens lexicais baseada nas situações (entenda construções) em que o item se insere. Por exemplo, observam LANDAU & GLEITMAN (1985) que crianças cegas de nascença registram as diferenças semânticas entre *ver* e *olhar* (possivelmente entre outros casos como enxergar, mirar, assistir, vislumbrar...), não com base na distinção da significação do item lexical, mas com base nas construções em que se inserem.

Tal afirmativa constitui uma observação plausível de que o indivíduo assimila um idioma não a partir de seu léxico, mas das construções pertinentes ao mesmo. De outra forma, seria possível afirmar que pessoas que apresentam deficiências em percepções sensoriais (cegos, surdos, mudos) não fariam distinção no uso de tais formas verbais ligadas a sua deficiência. Entretanto, o que se observa é que, no geral, não há danos à competência lingüística desse falante.

Concluimos, dessa forma, que a língua apresenta um conjunto de construções originárias que expressam nossas relações mais primárias com o mundo: deslocamento, posse, mudança de estado etc. A partir daí, essas percepções moldam encaixes lingüísticos em que as formas lexicais se ajustam e

constroem o sentido na língua a partir desta relação estabelecida entre item e construção / construção e item.

A Gramática de Construção assume, então, a sua proposta de abordar a concepção do sentido na língua como algo mais razoável, econômico e que ocorre a partir de uma base humana de percepção do mundo. Retornamos, então, ao mais básico axioma dessa teoria: conhecimento de linguagem é conhecimento.

2.3. Resultatividade: um problema

“...em lingüística, a sedução dos sistemas não deve dissimular a complexidade do real, a relatividade das situações, e a margem de indeterminação ou de imprevisibilidade inerente a toda iniciativa humana.”

KLUM, Arne.

Uma das primeiras discussões levantadas no desenrolar das pesquisas foi a de entendermos o conceito de resultatividade, o que são Construções Resultativas e identificar quem aborda este tema na literatura lingüística, a fim de que pudéssemos iniciar os estudos de como nós, falantes de Língua Portuguesa, expressamos este evento na língua.

Posteriormente, nossas atenções se voltam à polêmica que envolve a questão da causalidade que, devido a sua complexidade filosófica, leva alguns autores a dissociar as construções em causativas e resultativas como duas formas distintas e estanques de realização. Procuramos demonstrar que tal dissociação não procede e que essa visão é corroborada pelos trabalhos recentes de GOLDBERG e

JACKENDOFF (2004), que trabalham com causa e efeito em uma definição integrada de resultado com propriedades causativas e resultado com propriedades não-causativas.

2.3.1. Definindo resultatividade

Uma vez que os estudos iniciais mais relevantes referentes à resultatividade encontram-se dentro das obras de LEVIN & RAPPAPORT HOVAV (1991, 1995, 1999), JACKENDOFF (1990), CARRIER & RANDALL (1992), entre outros, e esses trabalhos são elaborados sobre construções do Inglês, tivemos dificuldade em buscar formas compatíveis em Português com os exemplos apresentados. Tal fato nos obriga, muitas vezes, a promover adaptações e mesmo algumas revisões de alguns conceitos de gramaticalidade.

Essa postura mostrou-se como a mais adequada, pois reconhece GOLDBERG (1995) que o conceito de gramaticalidade é flutuante mesmo no Inglês de locais diferentes no mundo. Por exemplo, a autora sugere que devido à percepção como gramatical de algumas sentenças, o sul africano não tenha restrições de escalas finais (*end-of-scale restriction*), o que geraria considerações de agramaticalidade em algumas sentenças do Inglês sul africano para falantes nativos norte-americanos. Imagine, então, o que se poderia dizer desse conceito de uma língua a outra, como é o caso do Inglês para o Português.

Constatamos que a resultatividade tem como base as relações estabelecidas entre a maneira como estruturamos as formas lingüísticas em nossas experiências espaço-temporais representadas por aspectos paramétricos das línguas. Por isso,

percebemos que, muitas vezes, não é viável encontrar a transposição direta de uma frase em Inglês para o Português sem causar danos à gramaticalidade da sentença.

Em resumo, conforme comprova a análise dos dados desta tese, não há em Português a obrigatoriedade de representar a Construção Resultativa por meio de uma “sintaxe resultativa” universal. O que há é uma Construção Resultativa (X faz com que Y se torne Z) que, em nosso idioma, por exemplo, apresenta o Sintagma Resultativo²⁴ (indicador da mudança de resultado) lexicalizado no verbo (José achatou a chapa de metal / chato → achatar).

Partamos da idéia de resultatividade de LEVIN & RAPPAPORT (1999) que, a princípio, é a mais efetiva e sucinta para introduzirmos a definição em questão. Eles argumentam que, na verdade, há dois tipos de resultatividade em Inglês. A primeira seria aquela em que ocorre uma **dependência temporal**. O movimento descrito pela frase resultativa é temporariamente co-extensivo com a atividade descrita pelo verbo principal. Na verdade, os autores propõem que só há um evento se desenrolando ao mesmo tempo e o verbo principal e a frase resultativa simultaneamente descrevem aquele evento. Podemos, dessa forma, definir tal Construção Resultativa como *uma expressão de um **evento de co-identificação***.

Vejamos os exemplos:

(20) *Jack painted the barn red*
Jack pintava o estábulo de vermelho²⁵

O evento “pintar” ocorre simultâneo a “(ficar) vermelho”. Constatamos que,

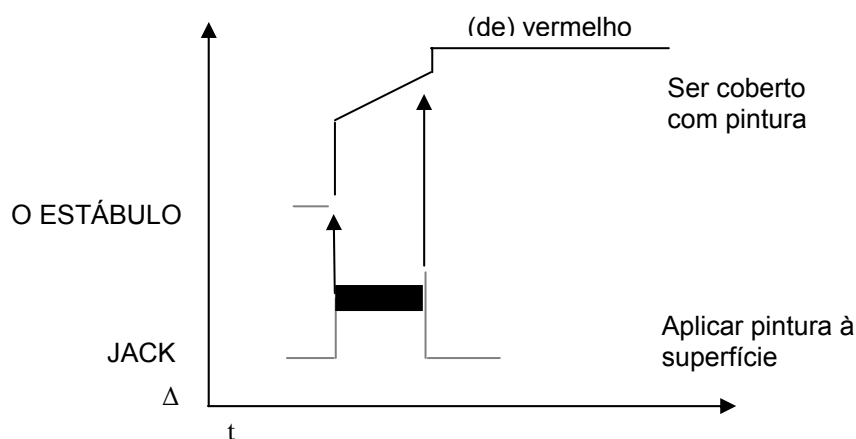
²⁴ Doravante denominaremos Sintagma Resultativo como SR.

²⁵ Em Português, temos o verbo avermelhar, mas, definitivamente, não se apresenta como um bom exemplo de tradução para a expressão em Inglês proposta acima. Aliás, as formas verbais relativas às cores não apresentam um uso muito natural quando se referem especificamente a pintar (ação). Por exemplo, *José pintou de branco o quarto / *José embranqueceu o quarto*, ou ainda, *José pintou de vermelho por José avermelhou*.

conforme nos apresentam LEVIN & RAPPAPORT, só há, realmente, um evento se desenrolando e o “pintar”, “vermelho” são as formas para expressá-lo²⁶.

O evento de co-identificação apresenta um contorno aspectual único que, por sua vez, é descrito por dois diferentes predicados. Tal contorno é o da temática como um todo, dos participantes associados com uma escala verbal. O predicado resultativo descreve, geralmente, o estado resultante como podemos observar no esquema abaixo.

Figura 4



Em um eixo vertical Δ , projetamos os argumentos envolvidos no processo; Jack, o agente/causador da mudança de estado e, de outro lado, subcategorizado pelo verbo, o estábulo (tema) que sofre a mudança aplicada. A seguir, delineia-se um eixo horizontal t sobre o qual interpretaremos o tempo de ocorrência dos “subeventos” (*pintar* e *ficar vermelho*). Observemos que as setas verticais apresentam uma relação de proporcionalidade (à medida em que se pinta, fica

²⁶ Descartamos maiores exemplificações apresentadas pelos autores devido aos problemas relativos à adequação às formas no Português. Por exemplo, *He followed Lassie free of his captor* é uma sentença de difícil correlação ao Português e nos obrigaria, mais uma vez, a inserir formas como “ficar” para se adequar ao nosso caso. Entretanto, não vamos nos alongar nesse problema no trabalho aqui proposto.

vermelho) representada no gráfico em forma de eixos paralelos que apontam para um resultado (*de vermelho*). Atribui-se a Jack o subevento “*Aplicar pintura à superfície*” e ao estábulo, o subevento que codifica o resultado “*ser coberto com pintura*”. Destaca-se que com o deslocamento sobre o eixo *t* (temporal) há uma ação progressiva proporcional, ou seja, quanto mais se aplica pintura, como resultado, mais o estábulo fica pintado.

Dessa forma, é interessante notar que esse tipo de Construção Resultativa se aproxima muito da idéia que temos em Português de proporcionalidade. Há uma ação principal e outra que se desenvolve na proporção dela. Na verdade, há um evento único em que estão inseridas uma ação e o resultado apresentado pela mesma. Tal observação nos assoma em exemplos como “*À medida em que jack pintava, o estábulo ficava vermelho*”.

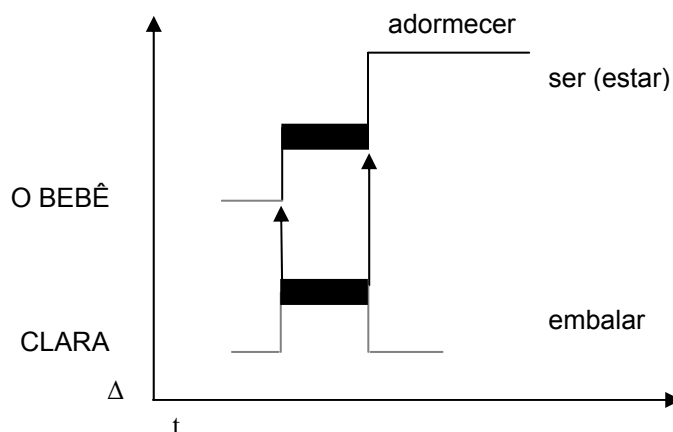
Um outro tipo de resultatividade apresentado por LEVIN & RAPPAPORT é aquele que envolve dois eventos separados. Embora em ambos os casos a frase resultativa seja diretamente predicado do objeto referente, podemos observar que há situações em que ela não é temporalmente co-extensiva ao evento denotado pelo verbo principal. Na verdade, ela descreve uma realização posterior a este. Essas Construções Resultativas são denominadas expressão de um **Evento Complexo**.

(21) *Clara rocked the baby to sleep.*
Clara embalou o bebê adormecendo-o.

Há dois eventos na sentença complexa acima. Primeiro, Clara “embalar o bebê”, segundo, o “bebê adormecer”. Ao contrário do que vimos no exemplo anterior, esses eventos não ocorrem ao mesmo tempo e o segundo evento é, a priori, a consequência do primeiro.

Estabelecendo uma relação assim como o que foi feito nas Construções Resultativas temporalmente co-extensivas, podemos relacionar os eventos em termos de ação/consecutividade. Tal analogia aproxima o referido tema de complexidade inquestionável da nossa compreensão e percepção com base na nomenclatura tradicional. Sendo assim, da mesma forma que os referidos autores propõem um gráfico para explicar a relação de **Dependência Temporal/Co-identificação** entre eventos anteriormente, eles fazem o mesmo para representar a relação de **Eventos Complexos**.

Figura 5



Mais uma vez, vemos que os autores projetam sobre um eixo de Δ e t , os argumentos envolvidos e o tempo em que se desenrola a ação, respectivamente. De forma diferente do primeiro caso apresentado, vemos que há dois retângulos sólidos que representam a existência de dois eventos codificados por predicados em verbos expressos nas sentenças (*embalar* e *adormecer*). Entretanto, não há uma linha diagonal, como no primeiro diagrama, que indique a relação proporcional entre os eventos. Nesse caso, *adormecer* é um evento final e concluído. Ainda que o gerúndio e mesmo a natureza aspectual dos afixos que formam o verbo nos apontem para um processo durativo em andamento, tal processo é delimitado em

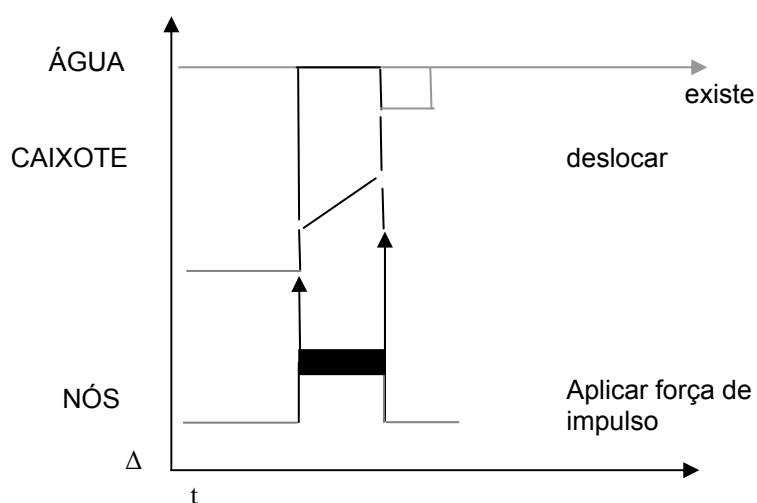
um ponto concluso quando se encerra, *a criança dorme*.

Consideramos procedente entender este caso de resultatividade como de **Eventos Complexos** uma vez que há dois núcleos verbais e, diferentemente do caso apresentado anteriormente, a mudança de estado não fica centrada sobre um SPrep (*de vermelho*), mas sobre uma outra estrutura verbal (*adormecer*).

Concluimos as observações de LEVIN & RAPPAPORT, destacando que os referidos autores já destacam o que veremos em GOLDBERG e JACKENDOFF (2004), que a mudança de localização espacial também é uma mudança de estado, logo, trata-se também de uma representação da resultatividade. Não diferente das considerações anteriores, também dividem estas mudanças de localização em eventos complexos e de dependência temporal.

Para ilustrar um desses casos, vejamos o diagrama que ele propõe para a sentença em Inglês *We all pulled crate out of the water*, que poderia ser entendida em Português como *Nós todos puxamos o caixote para fora d'água*.

Figura 6



No eixo dos argumentos, eixo Δ , encontramos *Nós* (agente/causador) do

deslocamento, o *caixote* (Tema) que é o argumento subcategorizado pelo verbo e que sofrerá a mudança de estado e, por fim, o argumento que marca a configuração espacial que é entendida como referência na sentença. Temos, mais uma vez, uma relação de proporcionalidade, pois, quanto mais se aplica força de impulso ao caixote, mais ele se desloca para fora d'água. É, como vimos, uma idéia de mudança de estado que tem um ponto de origem *dentro d'água* e uma meta *fora d'água*. Entendendo a configuração espacial como parte da caracterização do objeto, podemos considerar que temos dois momentos do caixote; dentro e fora d'água.

Dentro da teoria da Gramática de Construções, como expressa por GOLDBERG (1995), a idéia de resultatividade é uma extensão metafórica da concepção de movimento causado. A autora considera, também, que “a *Construção Resultativa só pode se aplicar a argumentos que, potencialmente (embora não necessariamente), dêem suporte a uma mudança de estado como resultado de uma ação denotada pelo verbo*²⁷”.

Dentro de sua explanação sobre resultatividade, destacamos as considerações que nos servirão, posteriormente, na tese aqui desenvolvida. Primeiramente, considera-se a resultatividade como algo que se aplica aos objetos²⁸ de alguns verbos transitivos.

(22) *I had brushed my hair very smooth*²⁹.

(Ch. Brontë, *Jane Eyre*, 1847 apud GOLDBERG)

²⁷ *The resultative can only apply to arguments that potentially (although not necessarily) undergo a change of state as a result of the action denoted by the verb.* GOLDBERG (1995:180)

²⁸ O texto original de GOLDBERG aponta para os objetos diretos (*direct objects of some transitive verbs*), contudo, observamos que em Português esse caso se dá com verbos transitivos indiretos também como ilustra o seguinte exemplo apresentado: *OMO dá mais branco a sua roupa*.

²⁹ (Ch. Brontë, *Jane Eyre*, 1847 apud GOLDBERG)

Eu penteei meus cabelos (até ficarem) muito suaves.

O objeto afetado pela mudança de estado acima foi o SN *cabelos* que recebe o SAdj *suaves*. O SN em questão dá suporte ao SAdj, pois, o item lexical (SN) comporta e prevê que se associe tal característica a ele. Observamos que há uma compatibilidade entre SN e SAdj como prevê autora (*suave* é uma característica previsível do *cabelo*).

Há ainda casos em que atribuímos a resultatividade ao sujeito de uma voz passiva. Isso não quer dizer que todas as formas de sujeito passivo serão vistas como casos de argumentos com características resultativas, pois esse fato encontra-se ligado a características compatíveis da semântica do verbo em primeira instância e à construção gramatical em que o mesmo se enquadra.

(23) *The tools were wiped clean.*
As ferramentas foram completamente limpas.

No caso acima, o SN *as ferramentas* apresenta um resultado expresso pelo SAdj *limpas*. Há também a configuração de um estado prévio (*sujas*) e um estado posterior (*limpas*) que é decorrente do processamento do argumento externo da passiva, o sujeito, em um evento que caracteriza a Construção Resultativa.

Por fim, considera-se que a resultatividade também se aplica ao sujeito de alguns verbos intransitivos particulares, casos que são freqüentemente associados com a inacusatividade.

(24) *The river frozen solid.*
O rio congelou (sólido).

Destacamos que, na sentença em Inglês, aparece o SAdj *sólido* (*solid*)

enquanto, em Português, a tradução *o rio congelou sólido* gera uma agramaticalidade resultante da redundância. Devido à natureza agentiva/causativa do argumento sujeito dos verbos que “propiciam” Construções Resultativas, percebemos que, ainda que não apareçam os responsáveis pela ação, é possível depreendê-la no contexto.

(25) O frio causou o congelamento do rio.

Ou ainda em uma interpretação de mudança de estado, vemos que X (o frio) faz com que Y (o rio) se torne Z (“rio” congelado).

A referida autora ainda faz menção a casos em que a resultatividade aplica-se aos denominados objetos falsos (*fake objects*), isto é, um SN pós-verbal que não leva consigo a relação normal de argumentos da matriz dos verbos.

(26) She laughed herself crooked.³⁰
Ela se riu (até ficar) dobrada.

Ela denomina como *falso objeto*, pois o pronome é reflexivo e aponta não para outro argumento na sentença, mas para o sujeito (agente/causador) da mudança de estado, no caso acima, é possível entendermos que *Ela riu até fazer com ela mesma ficasse dobrada/curvada*. Com sintaxe semelhante ao Inglês, não encontramos nenhum caso Português.

Segundo GOLDBERG, a existência das Construções Resultativas pode ser entendida como uma ocorrência simplesmente em termos semânticos. Para isso, podemos utilizar o tradicional teste de passividade a fim de determinar se um

³⁰ BENSON, “Mr Teddy” (1910) apud GOLDBERG (1995:182). É interessante notar que esta exemplificação é uma daquelas que apresenta problemas na tradução para o Português.

argumento é desta natureza.

- a. O que X fez ao (paciente) foi...
- b. O que aconteceu ao (paciente) foi...

Note-se que, em ambos os casos, há um paciente que ora é objeto de ação direcionado por um elemento X (caso a), ora é paciente de um evento ocasionado por um agente não expresso (caso b) e que, muitas vezes, pode ser entendido como de caráter não-volitivo, mas causador da mudança de estado do paciente. Os testes acima propostos enquadram-se respectivamente bem nos exemplos a seguir:

- (27) O homem pintou a **casa** (paciente)
- (28) O **lago** (paciente) congelou.

Sendo assim, visando a operar com uma teoria que considere a relevância das Construções Resultativas e a partir de uma abordagem essencialmente construcional, consideremos que a sua existência independe de haver nela um verbo dessa natureza, bastando a ele, simplesmente, compartilhar com a mesma os papéis temáticos que o viabilizem como seu item lexical. Uma vez assumido que definiremos as construções em termos semânticos e sintáticos, entendemo-las como formas capazes de dar origem a outros argumentos. Vejamos a representação possível:

Construção Resultativa

Quadro 7

Sem.	CAUSAR/TORNAR	<agt.	pac.	resultado/objetivo>
R. Instância/ Significado	PRED	<		>
Sint.	V	SUJ.	OBJ.	OBJ. (modificado)

Para GOLDBERG, em geral, um verbo ocorre em uma construção específica, quando os papéis participantes associados ao verbo se fundem com os argumentos dos papéis associados com as construções. Um exemplo que se enquadra de forma bem adequada ao modelo proposto acima é o do verbo limpar.

(29) A faxineira limpou³¹ a sala.

Quadro 8

Sem.	CAUSAR/TORNAR	<agt.	pac.	resultado/objetivo>
R. Instância/ Significado	PRED	<		>
Sint.	V LIMPAR	SUJ. A faxineira	OBJ. sala	OBJ. (modificado) sala (limpa)

A ocorrência apresentada acima é a mais básica das formas de resultatividade; entretanto, há casos em que tal fenômeno se dá com estruturas intransitivas resultativas (isto é, resultativas com verbos inacusativos) e, por isso, requerem uma representação um pouco diferente da que vimos, mas que mantêm a idéia essencial de resultado aplicado a um argumento paciente.

³¹ Em Inglês é usada a forma *wiped clean*, mas consideramos que, a princípio, e, em Português o verbo simples *limpar* atende nossas necessidades no processo de correlação estrutural com Língua Inglesa.

Quadro 9

Sem.	TORNAR	<pac.	resultado/objetivo>
R. Instância/ Significado	PRED	<	>
Sint.	V	SUJ.	SUJ. (modificado)

Submetemos a configuração de GOLDBERG (1995) a algumas adaptações ao Português que permitem melhor entendimento da idéia representada. Ambas representações nos permitem formular que a Construção Resultativa é por si só associada a uma configuração de estrutura de argumento própria, independentemente dos verbos que a instanciam. Os verbos é que trazem consigo um conjunto de papéis temáticos que se fundem ao das construções.

Quadro 10

Sem.	TORNAR	<pac.	resultado/objetivo>
R. Instância/ Significado	PRED	<	>
Sint.	V CONGELAR	SUJ. O rio	SUJ. (modificado) rio (congelado)

Até aqui, vimos as representações mais comuns às formas resultativas, mas ainda resta uma questão. Se há a necessidade de uma compatibilidade entre itens lexicais e construção, quais são os limites e requisitos para que eles se relacionem a ponto de se fundirem em formas gramaticalmente aceitas e compreensíveis pelos falantes da língua?

Vimos, então, que a compatibilidade entre os papéis temáticos dos verbos e

dos argumentos gerados pelas construções é de suma importância para esta relação. Mas como se estrutura este universo de restrições léxico-construcionais?

Segundo GOLDBERG (1995), podemos considerar, primeiramente, o fato de que os dois argumentos da Construção Resultativa devem ter um elemento instigador (animado). Quer dizer, somente um argumento instigador animado pode ser aceito como sujeito em uma Construção Resultativa de dois argumentos. Entretanto, isso não quer dizer que o sujeito é necessariamente o agente, uma vez que o caráter volitivo não é pré-requisito para sua compatibilidade à construção.

(30) *José deixou a casa limpa.* (limpou)

(31) *O martelo nos deixou surdos.* (ensurdeceu-nos)

Em 30, temos o caso que exemplifica a afirmativa anterior quanto ao fato de as Construções Resultativas de dois argumentos terem, necessariamente, um argumento instigador, no caso, o José. Em 31, temos o exemplo de que não é compulsório o argumento sujeito apresentar caráter volitivo nesse tipo de construção. O elemento instigador existe e o *martelo* é o argumento instrumento³² dessa sentença.

Outro ponto a se ponderar nas restrições estabelecidas na relação construção item lexical das formas resultativas é o de que toda ação denotada pelo verbo deve ser interpretada diretamente como causadora da mudança de estado, não sendo admitidos intervalos intermediários de tempo. Retomamos aos exemplos no início desse capítulo, *John pintou o estábulo de vermelho*. A mudança de estado do argumento afetado pela ação (o estábulo) é, indiscutivelmente, produto direto da

³² Adotamos a nomenclatura e disposição da categoria de argumentos proposta por BORBA (1996:11) que, seguindo a proposta de FILLMORE, define o instrumental como uma causa indireta tendo como traço básico a atividade e o fato de ser controlado. Ex.: *As mãos escondiam o rosto aflito*.

ação (pintar) expressa pelo verbo principal da frase. Temos, então, uma típica Construção Resultativa.

Antes de passarmos à próxima consideração sobre as restrições nas formas resultativas, cabe mencionar que GOLDBERG destaca que, no nível aspectual, ocorrem discordâncias. Para autores como Van Valin (1990a), resultativas só ocorrem com predicados télicos³³, já DOWTY (1979) e JACKENDOFF (1990a) sugerem que resultativas só ocorrem com predicados de atividade, ou “sem fronteiras”. Quanto a isso, concordam somente num ponto: predicados resultativos não se realizam com verbos estativos.

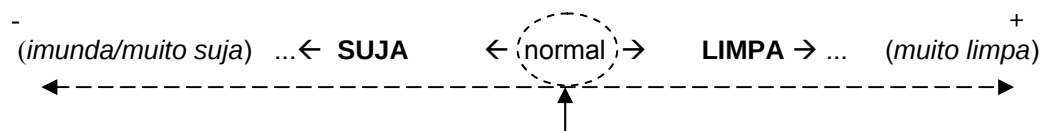
Assim como GOLDBERG, não concordamos que a vinculação das formas resultativas a verbos télicos seja algo necessário. Constatação disso é o que vimos no início deste capítulo quando, com base em LEVIN & RAPPAPORT (1999), destacamos a existência de duas formas de expressões resultativas: uma em que os processos se dão em concomitância e em proporcionalidade e, outra, em que eles se desenvolvem como o segundo evento consecutivo ao primeiro. Observamos que, em ambos os casos, não ocorre a obrigatoriedade de uma ação ter um ponto a partir do qual não poderá prosseguir, principalmente, quando o exemplo tomado em questão é o de embalar a criança para fazê-la dormir. O verbo embalar apresenta-se com uma semântica muito mais durativa do que télica pontual.

Dando prosseguimento, o terceiro ponto restritivo a se ponderar, no estudo das Construções Resultativas, é o fato de o adjetivo resultativo denotar o ponto final de uma escala. Tal afirmativa, ao que nos consta, é até relativamente óbvia, uma vez que o adjetivo resultativo denota, em um *continuum*; o ponto final, ou quase

³³ Segundo FERREIRA (1999), télico é o aspecto indicador de um processo que evolui até um ponto além do qual não poderá ter prosseguimento. *Ele está fazendo uma casa*, p. ex., pressupõe um momento determinado a partir do qual a casa estará terminada.

final, de uma escala de mudanças de estado. Observemos a escala proposta:

Figura 7



A mudança de estado é, por si, a variação nesse *continuum*. Há sempre uma característica que é atribuída ao elemento que sofre a alteração, mas essa característica traz consigo a propriedade de, se não inerente, passível de atribuição ao mesmo.

Um exemplo que ilustra esse caso é a forma perifrástica DEIXAR X [N → adj./subs] como em *a faxineira deixou a sala limpa*. Embora *limpa* seja a característica atribuída ao argumento paciente (*sala*) como resultado de uma ação empreendida por um sujeito agente/instigador, esta mudança já se encontrava prevista em um *continuum* associado a ela (veja diagrama acima). Se a sala ficou limpa é porque, em um momento anterior ao evento, ela se encontrava suja.³⁴

A quarta e última restrição apresentada por GOLDBERG, definitivamente, não se aplica ao Português. Refere-se à restrição imposta aos adjetivos deverbais. Não nos alongaremos nessas considerações, uma vez que tais casos (os adjetivos), muitas vezes, têm origem no particípio em Português e combinam com formas como o verbo DAR de modo gramatical.

³⁴ Tal dedução nos é possível tomando como base a teoria dos exponíveis de FREGE (apud ILARI & GERALDI (1994) que prevê que, no desdobramento da sentença, é possível se expor dois ou mais juízos expressos em um mesmo enunciado. Em nosso caso, se a sala ficou limpa, é porque estava suja.

(32) O rapaz **deu uma lavada** no carro antes de sair.

O raciocínio que se segue aqui é o mesmo aplicado ao exemplo anterior e submete-se à mesma teoria dos exponíveis proposta por FREGE (supomos que o carro precisava ser lavado, que estivesse sujo ou não tão limpo quanto se desejaria). O *lavada* é um adjetivo deverbal que indica a mudança de estado do argumento paciente (o carro). Vemos que outros casos, em Português, também são comuns como *dar uma varrida*, *dar uma arrumada* entre outras.

2.3.2. A polêmica das causativas e resultativas

"Causa só é Causa na medida em que promove um Efeito; e Causa é nada mais é do que esta determinação, isto tem um Efeito, enquanto Efeito não é nada senão o que tem a Causa."

HEGEL (A Lógica da Ciência - Volume II)

Do ponto de vista da Lingüística Cognitiva e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), podemos dizer que não há registro de uma construção denominada causativa e que pudesse criar algum inconveniente com a Construção Resultativa quando o assunto é classificação das mesmas. Por outro lado, esta última é amplamente registrada na literatura lingüística e citada por GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) como freqüente objeto de estudo dos lingüistas.

GOLDBERG não representa uma Construção Causativa em seu esquema de construções (1995, 2004) por considerar que causa e efeito são movidas pela

mesma força³⁵. Sendo assim, a representação do efeito (ou da causa) só necessita de acréscimos, nuances que indiquem que se trata de sentenças com enfoques específicos (resultativas com propriedades causativas ou não). É o que GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) o fazem como veremos mais adiante.

Os critérios básicos para se ter uma Construção Resultativa são: a) a presença de um SN, na posição de sujeito ou de objeto; que admita a mudança de estado; b) o enquadramento na representação semântica X faz com que Y se torne Z, ainda que, devido a sua natureza resultativa, o foco seja o Y se *torne* Z; c) a presença de um verbo que submeta o argumento hospedeiro³⁶ a uma escala com um ponto final representado pelo SR em forma de SN/SAdj na sentença.

A partir daí, temos três condições que endossam a concepção de Construção Resultativa: a primeira é a idéia de um fluxo contínuo da construção do significado entre construção gramatical e item lexical, ora privilegiando um, ora outro, mas sem deixar que somente um desses itens determine sozinho o significado da sentença e sua gramaticalidade, essa é a condição **a**. Na condição **b** de realização, temos uma sentença que, obrigatoriamente, retoma a cena básica de mudança de estado em que temos um elemento disparador³⁷ da mudança, mas que não obrigatoriamente vem mencionado, como é o caso das formas resultativas intransitivas (*o vidro quebrou em pedaços*). Por fim, na condição **c**, pressupõe-se a existência obrigatória de um elemento que admita “hospedar” a mudança de estado, ou seja, a característica aplicada ao hospedeiro tem que ser prevista a ele, conforme se pode

³⁵ Assim como HEGEL o faz em *The Logic of Science*.

³⁶ *Host* é o termo que GOLDBERG e JACKENDOFF usam para se referir ao SN que sofre mudança de estado.

³⁷ Optamos pelo termo disparador em função de não ser adequado defini-lo como sujeito, uma vez que nem sempre este o é. Este elemento, muitas vezes, aparece como agente ou causador de uma mudança de estado, mas não vem mencionado na sentença, ainda que seja passível de ser depreendido na sentença.

ver no exemplo abaixo.

(33) *João quebrou o **vidro em pedaços***
SN faz com que SN se torne SPrep(SR)

- a. Embora esteja sendo usado um caso de verbo mais básico (*quebrar*) a esta construção outros podem se compatibilizar por compartilharem características com as construções.
- b. O elemento disparador é José, mas poderia não estar expresso como em *O vidro quebrou em pedaços*.
- c. o SN vidro admite hospedar a característica que lhe imputam. (Quebrado) EM PEDAÇOS é uma característica prevista e aplicável.

Se afirmamos que não há, necessariamente, uma construção denominada necessariamente causativa, porque, então, haveria tanta polêmica envolvida na questão proposta? O problema origina-se em uma complexa interpretação filosófica de causalidade. Entretanto, Causa e Efeito se encontram movidos pela mesma força e não podemos dissociar o que é Causa ou mesmo Efeito como unidades distintas e independentes, ou seja, uma, efetivamente, existe em função da outra. Diante disso, cabe a nós, no emprego da linguagem, aplicar construções que foquem³⁸ um evento ou outro.

Não se justifica considerar as Resultativas como sendo o outro foco da construção de Movimento Causado como numa relação causa/efeito. Elas, de fato, têm uma relação com a Construção de Movimento Causado (GOLDBERG, 1995:81) e são, dentro de uma rede de herança construcional, um tipo metafórico de Construções de Movimento Causado, estas sim, amplamente registradas na literatura lingüística. Para a autora, há duas ligações que fortemente prendem as Construções Resultativas às de Movimento Causado.

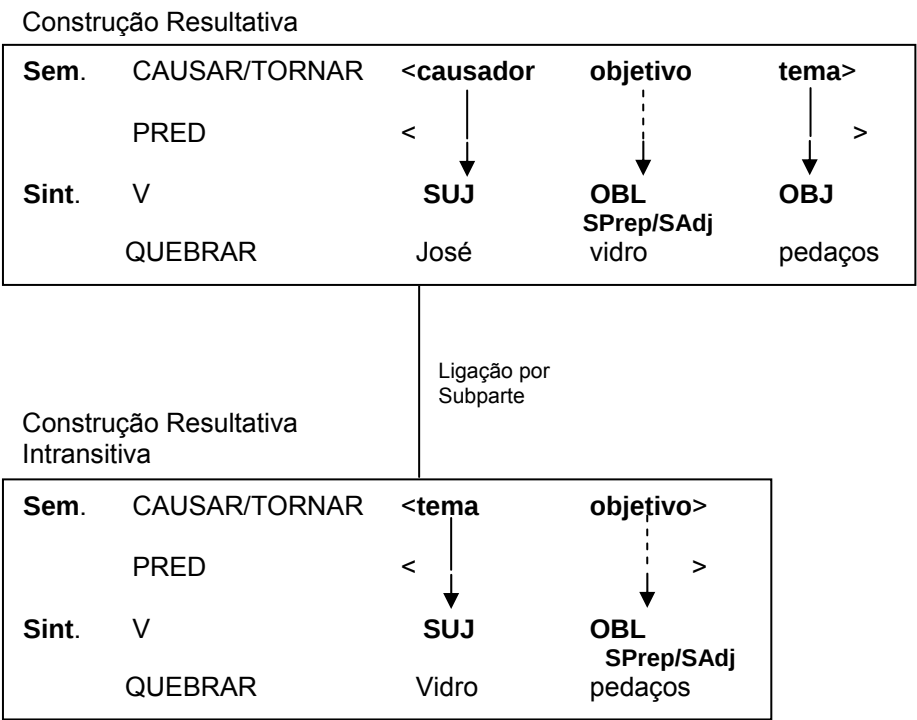
O primeiro caso seria a motivação de uma construção por herança, no caso,

³⁸ Entendemos como mesmo emprego que o faz FAUCONNIEUR (1984) *Mental Space*.

por uma Ligação por Subparte (I_s)³⁹ que é definida a partir do fato de uma construção ser parte de outra maior e ter uma existência independente. Para GOLDBERG (1995:78), as especificações sintáticas e semânticas da construção de movimento intransitivo são uma subparte das especificações sintáticas e semânticas de uma construção de Movimento Causado assim como o é a ligação entre a Construção Resultativa e a Construção Resultativa intransitiva. Existe, então, uma similaridade de comportamento entre as construções e suas variações intransitivas.

Isso pode ser exemplificado ao apresentarmos sentenças do tipo “o vidro quebrou em pedaços”, que estabelecem uma ligação por subparte com “José quebrou o vidro em pedaços” como o representaremos no diagrama seguinte.

Quadro 11



Tanto a Construção de Movimento Causado quanto a Resultativa apresentam

³⁹ De origem no Inglês, Inheritance Subpart Link. (1995:78)

o mesmo comportamento e essas duas formas de representação, uma transitiva e outra intransitiva. Em uma, há a presença de um agente/causador expreso na sentença, em outra não.

Retomamos, então, o conceito de cena básica para entendermos porque, de certa forma, Construções Resultativas comportam-se como as subpartes de construções de movimento causado. Omitem-se alguns papéis, mas mantêm-se a mesma cena básica. A segunda consideração, agora relacionando uma construção diretamente a outra, é de que há também uma ligação de Herança por Extensão Metafórica (I_M)⁴⁰ que GOLDBERG entende como a existência de duas construções que possuem um mapeamento metafórico em comum.

“A metáfora necessária é uma metáfora sistemática geral que envolve a compreensão da mudança de estado como um movimento para uma nova locação. O mapeamento envolvido é simplesmente este: movimento → mudança / locação → estado.”⁴¹

Com base nisso, a autora entende as Construções Resultativas como a codificação de uma mudança de locação metafórica. Algumas expressões do Inglês, também aplicáveis ao Português, refletem esta metáfora.

(34) *The jello went from liquid to solid in matters of minutes.*
GOLDBERG (1995:83)
A gelatina foi de líquido a sólido em questão de minutos

Alguns casos foram encontrados em nosso *corpus* que refletem esta realização no Português como sendo gramatical e digna de menção como presente

⁴⁰ De origem no Inglês, Inheritance Metaphorical Link. (1995:81)

⁴¹ “The necessary metaphor is a general systematic metaphor that involves understanding a change of state in terms of movement to a new location. The mapping involved is simply this: motion → change / location → state.” GOLDBERG (1995:83)

em nosso idioma⁴², pois, para a autora, muitos verbos de movimento podem ser usados metaforicamente para codificar mudança de estado. Isso se deve à existência de um caminho metafórico que, quando aplicado, nos orienta em direção não a um local, mas a um estado atribuível ao SN hospedeiro.

(35) *“As que têm emprego vivem bem por enquanto, mas têm, com razão, medo de perdê-lo, temem de **cair na miséria**.”*

(36) *“Alguns se perguntam “de quanto” precisa um pobre para **sair da pobreza**, e outros perguntam do “que” ele precisa.”*

(37) *“Agora o importante é não voltar a **entrar em dívidas**.”*

(38) *“Se você comparar os dez indicadores principais da economia antes e depois, verá que a mudança **foi da água** para o vinho..”*

(39) *“E como ninguém percebe que uma empresa destas possa **chegar à falência** sem haver atos criminosos pelo meio, esta história ainda vai dar muito que falar...”*

Dessa forma, o segundo caso em questão seria o fato de que Construção Resultativa envolve uma representação metafórica do SR como um tipo de objetivo metafórico ou mesmo como uma extensão metafórica de uma idéia de movimento causado.

(40) *John hammered the metal flat.
João martelou o metal (achatando-o)⁴³*

(41) *John threw the metal off the table.
João jogou o metal para fora da mesa.*

Nas Construções de Movimento Causado, há uma transferência física de um tema de um ponto X para um ponto Y. No caso das Construções Resultativas, dá-se

⁴² Cabe observar que o verbo ficar é um caso que opera tanto como compatível a uma Construção de Movimento quanto a uma Resultativa. Ficar doente / Ficar em casa.

⁴³ Observe que, em Português, a reapresentação dessa resultatividade não é realizada na sua forma simples, mas em sua forma complexa com duas orações. Esse tipo de resultatividade é bem comum no Português, mas não será abordada aqui.

uma transferência com base em uma abstratização do movimento causado, ou seja, ao invés de transferirmos um objeto de um ponto para outro, o que fazemos é alocar uma característica, que é resultante do subevento verbal, para o tema numa metáfora do movimento como já vimos em outras situações de uso do idioma⁴⁴.

Por fim, destacamos que alguns autores preferem considerar a existência de uma construção causativa como o fazem MATOS (2000) e a prof^a Dr^a Marina Augusto⁴⁵ que entendem sentenças como “o pai sentou o bebê na cama” como causativas. Na visão de GOLDBERG e JACKENDOFF, (2004) teríamos uma resultativa de caminho/trajetória causativa. Para fins de coerência metodológica, adotamos a visão desses últimos no trabalho aqui desenvolvido.

2.4. Tipologia das resultativas

“As estruturas sintáticas de uma língua não podem ser adequadamente descritas segundo critérios essencialmente formais (sintáticos ou morfossintáticos), nem como projecções das propriedades sintáticas e semânticas dos verbos que nelas se integram. Efectivamente, elas enformam estruturas semânticas próprias: elas reflectem (e condicionam) determinada conceptualização de um evento.”
SILVA (2001)

Apresentaremos uma tipologia das Construções Resultativas tomando, como

⁴⁴ Tanto em Português como em Inglês é comum esta abstratização do movimento. No caso do Inglês, temos o caso do futuro com *going to* e, no Português, temos o caso das perífrases com o verbo *ir* com o valor de futuridade (LEITE, 2000) como em *Eu vou falar com você*. Em casos como este, o evento verbal *falar* é movido para um momento posterior ao ponto de fala do enunciador. É um exemplo típico da metaforização do movimento.

⁴⁵ Exemplos relatados em comunicação oral (aula na UERJ) com base em dados coletados do projeto LAPAL – PUC/Rio

ponto de partida, as considerações de GOLDBERG (1995). Tais ponderações nos conduzem ao questionamento básico desta tese: “*Como representamos essa construção no Português?*”.

Ainda que a “Gramática das Construções” (1995) tenha sido um avanço nos estudos da linguagem, notamos que a mesma carecia de maior apuro sobre determinados aspectos, dentre os quais as Construções Resultativas. Um novo estudo dessas construções feito por GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) veio atender a essa demanda e resultou numa perspectiva de família de construções (e já não mais uma única construção como anteriormente) interligadas por relações de ligações (*links*).

Em um primeiro momento dos estudos das construções, GOLDBERG (1995:181) deixa claro que restringe seus estudos às resultativas adjetivais, embora ela admita que o termo “resultativas” cubra expressões que codifiquem também um estado resultante com SPrep.

Como proposta para a análise do Inglês (ING), a autora sugere a existência de 4 (quatro) tipos de ocorrência de resultativas que daqui em diante trataremos como **TIPO I**, **II**, **III** e **IV**. Ela propõe que há resultativas que se aplicam a objetos diretos de alguns verbos transitivos, **TIPO I**. Há também aquelas que se aplicam a sujeitos de voz passiva que corresponde à voz ativa aceitável, **TIPO II**, e considera também que há casos em que ocorrem resultativas que se manifestam com verbos intransitivos em particular (freqüentemente esses casos são de verbos associados à inacusatividade), são as do **TIPO III**. E por fim, nas do **TIPO IV**, ela apresenta casos em que as resultativas ocorrem com os denominados *objetos falsos*.

Consideremos o **TIPO I**, as resultativas que se aplicam a objetos diretos de alguns verbos transitivos, e vejamos o que se pode ponderar a respeito da

possibilidade de realização do que se observa em Inglês com algumas observações do que temos em Português.

Neste tipo de Construção Resultativa, ocorrem aqueles casos de construções que se estruturam com objetos diretos de verbos transitivos e um resultado aparecendo na forma de um **SAdj**:

ING.

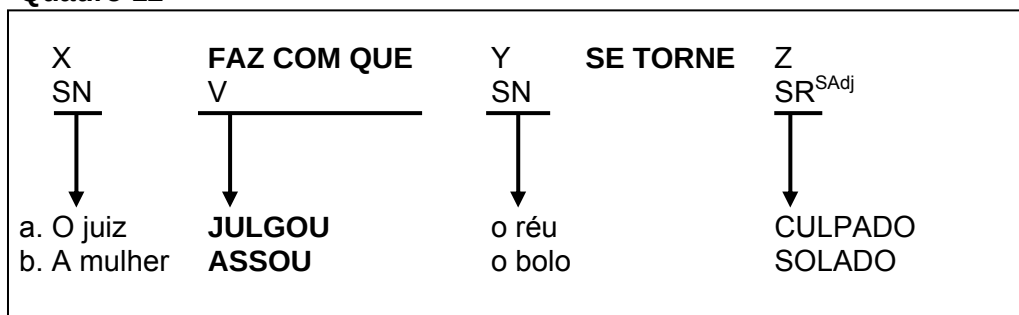
(42) I had brushed my hair very SMOOTH.
(**SAdj**)

É importante notar que não são tão comuns esses casos em Português. Os que foram encontrados são aqueles que ocorrem em alguns tipos de sentenças com o que denomina a Gramática Normativa como predicado verbo-nominal com a presença de predicativo do objeto, como o vemos em exemplos do tipo “*O juiz julgou o réu CULPADO/Ele considerou o juiz um IDIOTA*”.

Destaquemos aqui que estamos lidando com um resultado abstrato e de cunho avaliativo representado pelos **SAdjs** (culpado/idiota). Todavia, o processo de abstratização nas redes construcionais é amplamente registrado e este caso não foge à regra observada no decorrer do trabalho. Temos uma sentença diferente de casos concretos como o apresentado por GOLDBERG (1995) em “*The river frozen solid*” (o rio congelou (**SAdj**) sólido).

Caracterizamos as sentenças acima assim como casos mais concretos em Português tais como “*a mulher assou o bolo solado*” como Construções Resultativas.

Quadro 12



A diferença que se deve oportunamente estabelecer é a natureza do **SR** que em a. é o que já denominamos acima como abstrato e avaliativo, enquanto, em b., o **SR** é indicador de uma mudança de estado concreta. Ainda assim, consideramos que estamos lidando com duas sentenças resultativas.

Entretanto, não identificamos essa resultatividade em todos os casos de **PObj**, ou seja, nem sempre, há realização de uma mudança de resultado expressa pelo **SAdj (PObj)**. Na verdade, tal incompatibilidade do exemplo a seguir pode ser explicada com base no que considera SILVA (2001) sobre o fato de a compatibilidade entre verbos e construções ancorar-se em um condicionamento recíproco entre a semântica da construção e a semântica do verbo, podendo haver preponderância de um dos elementos sobre outro. No caso abaixo, não se pode afirmar que há tal pré-requisito e isso o torna um bom exemplo de que nem sempre a presença de um **PObj**. permite a análise da sentença como uma Construção Resultativa.

(43) *O policial encontrou⁴⁶ a mulher desmaiada.*

⁴⁶ SILVA (2001) nos chama atenção para o fato de que o significado da construção e o significado do verbo sofrem um condicionamento recíproco. “O que efetivamente se passa são condicionamentos recíprocos entre a semântica da construção e a semântica do verbo, podendo haver preponderância

O adjetivo 'desmaiada' não é resultado da ação de o policial encontrar a mulher, o que nos permite supor que não podemos associar outros casos de verbos com objeto direto e predicativo do objeto a uma forma geral de representação de resultativa. O que percebemos é uma necessidade intrínseca de haver, entre a construção e o verbo, um traço de possibilidade de mudança de estado, ou seja, a fim de que o verbo se incorpore a esta construção é necessário que haja uma semântica (*quebrar*, *assar*), ou mesmo parte de uma sintaxe (*ficar* X [adj]) que aponte para um resultado sobre um objeto afetado, doravante denominado hospedeiro (ing. *host*).

Para SILVA (2000), os casos mais típicos de integração entre verbo e construção são aqueles em que o evento designado pelo verbo exemplifica ou especifica os eventos mais esquemáticos designado pela construção, ou seja, há verbos que são mais básicos do que outros em determinadas construções, o que não quer dizer que outros não possam ocupar sua posição, uma vez que o sentido se constrói do item para construção e da construção para o item. Um exemplo disso é o caso do verbo *dar* com relação às construções bitransitivas. Esta construção seleciona três argumentos e indica um evento transferencial em processo de realização e, por sua vez, o verbo *dar* também seleciona os mesmos três argumentos e estabelece entre eles uma relação transferencial.

Em nosso caso, observemos que a Construção Resultativa é apresentada com o X fazendo com que Y se torne Z e há verbos como *quebrar*, *cortar*, *partir* que trazem em sua semântica a idéia intrínseca de que há um elemento X (agente/causador) fazendo com que um elemento Y (tema/paciente) apresente

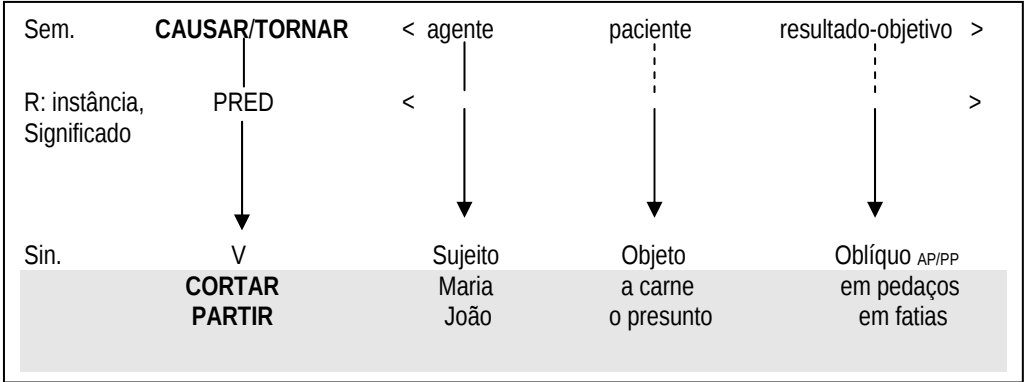
de um elemento sobre o outro." No caso do verbo *encontrar*, podemos observar que não essa possibilidade de compatibilização entre as semânticas (verbo/construção).

mudança de estado, ou seja, se torne Z. Estes verbos sugerem que há uma mudança de estado já em sua semântica e combinam-se com sintagmas que representam esta alteração como em *quebrar X em pedaços (SR/SPrep)*, *cortar X em fatias (SR/SPrep)*, *Partir X em partes iguais (SR/SPrep)* etc.

Outro caso identificável em Português é o de sentenças em Construções Resultativas em que se faz o uso de **SPrep** com o indicador da mudança de resultado aplicada ao objeto (ou mesmo ao sujeito, como veremos adiante). Estes casos são mais comuns que aqueles em que o resultado é representado por um **SAdj**. No decorrer das análises, veremos que, ainda assim, tal caso se encontra em menor número em Português do que os casos de lexicalização de resultado no verbo.

- (44) *Maria cortou a carne em pedaços.*
 (45) *João partiu o presunto em fatias.*

Quadro 13



Outro tipo de resultativa apresentada por GOLDBERG é as do **TIPO II**, ou seja, aquelas que ocorrem nas estruturas de passiva. O que apresentamos abaixo é uma tentativa de tradução da frase usada como exemplo pela autora em Inglês. Entretanto, destacamos que há uma preocupação por parte dela em deixar claro o

resultado promovido pela ação apresentada pelo verbo *to wipe* (esfregar com um pano). Em Português, esse resultado vem expresso no verbo principal da locução verbal e, logicamente, apresenta-se na sua forma adjetiva.⁴⁷ Estas resultativas aplicam-se a sujeitos de passiva que correspondem a ativas aceitáveis.

ING.

(46) *The tools were wiped CLEAN.*

(SAdj)

PORT.

(47) *As ferramentas foram LIMPAS.*

Os aspectos idiossincráticos do Português fazem com que o **SAdj/SPrep** venha inserido no núcleo da perífrase de passiva com morfologia e sintaxe de um adjetivo. Entretanto, não são todas as formas de passiva que aceitam essa realização resultativa. Novamente, embora não mencionado por GOLDBERG (1995), identificamos os verbos compatíveis com estruturas inacusativas como os que viabilizam estas formas.

- | | |
|--|---------|
| (48) A blusa foi clareada (pela empregada) | (claro) |
| (49) O cabelo foi alisado. (pela mulher) | (liso) |
| (50) A colher foi entortada. (pelo mágico) | (torto) |

- 48.a) A blusa clareou.
49.a) O cabelo alisou.
50.a) A colher entortou

Entretanto, como nos exemplos **a**, **b** e **c**, o adjetivo, na maioria das vezes, não vem expresso em sua forma primitiva (*claro*, *liso*, *torto*) em um **SAdj** separado do

⁴⁷ É muito interessante observar que a natureza adjetiva deste termo e sua relação com o sujeito cria, muitas vezes, confusão ao aluno que está estudando sintaxe no Ensino Básico fazendo com que ele não interprete o termo *limpas* em “*As ferramentas foram limpas*” como o núcleo da locução verbal, mas como um predicativo do sujeito uma vez que resguarda com ele até traços de concordância nominal, uma característica inexistente nos verbos. E de certa forma; a intuição do falante aponta para o resultado, associado ao sujeito Tema.

verbo, mas como particípio verbal (*clareada, alisado, entortada*), podendo vir de outra forma quando o verbo representado por ele é abundante (*limpo/limpado*)⁴⁸.

Há ainda um terceiro tipo de resultativa apresentado por GOLDBERG que são aquelas em que temos uma estrutura inacusativa como padrão, ou seja, temos um sujeito que, tanto em sua posição interna ou externa ao predicado não sofre alteração em seu papel temático. Este tipo de resultativa nos é o mais comum de todas e encontra-se amplamente registrado no Português, como demonstramos neste trabalho. Tal consideração está respaldada no fato de que, entre todas as resultativas, ela é a única que omite qualquer traço da presença do agente causador que só é compreendido e percebido em função do conhecimento de mundo que temos, ou seja, da retomada da cena básica invocada pelo verbo e pela construção. As resultativas do **TIPO III**, para GOLDBERG, são aquelas que se aplicam a sujeitos de verbos intransitivos em particular, freqüentemente associados com a inacusatividade.

ING.

(51) *The river froze SOLID.*
(SAdj)

(52) *It broke APART.*
(SAdj)

PORT.

51.a. *O rio **congelou sólido***.*

52.a. *O vidro **quebrou EM PEDAÇOS***
(SPrep)

Em 51.a, entendemos que, com base no Inglês, por mais óbvio que nos pareça, o rio congelou e ficou completamente sólido, o que indica uma mudança de estado; em 52.a, temos um caso à parte. Há verbos que trazem como uma de suas

⁴⁸ Tal fato não nos causa espanto, pois como já observava ALMEIDA (1992) em sua Gramática Latina, o (supino) particípio é o lexicogênico dos adjetivos deverbais em Português, sendo que, em nossa língua, manteve-se esta característica.

características a tendência a indicar a possibilidade de mudança de estado físico, na sentença, endossada pela presença do **S_{Prep}** (*em pedaços*). Neste caso, há um intrínseco foco na mudança de resultado. Alguns exemplos encontrados no *corpus* são:

- (53) “a represa ROMPEU **em ruínas** a 80 km do campo petrolífero”
- (54) “a calça RASGOU **em tiras**. Tive que andar como caranguejo”
- (55) “As roupas MANCHAM **em borrões** espalhados pelo tecido”
- (56) “a chave QUEBROU **em caquinhos** dentro da fechadura....”

Como último tipo de resultativas apresentadas por GOLDBERG, destacamos as do **Tipo IV**, aquelas que ocorrem com os denominados *falsos objetos*, quer dizer, um **SN** pós-verbal que não carrega argumento relacionado à matriz dos verbos. A autora apresenta três exemplos de difícil tradução para o Português e acreditamos que seja de pouco uso mesmo no Inglês atual⁴⁹.

- (57) *She laughed herself crooked.*
Benson, “Mr. Teddy” (1910)

A tradução dessa sentença seria algo como alguém que deu risadas e entortou-se no ato de rir. No caso, o *crooked* (entortado) seria a mudança de estado decorrente das risadas e ao mesmo tempo o referido falso objeto uma vez que não tem qualquer relação com a matriz do verbo *laugh* (dar risadas). Tal ocorrência parece incomum mesmo em Inglês⁵⁰ e, em nosso caso, no Português, não foi

⁴⁹ Os exemplos apresentados pela autora são de corpus literário e respectivamente de 1647, 1846 e 1910. Dessa forma, não acreditamos que se pode afirmar com tanta segurança a produtividade e gramaticalidade destes no Inglês atual.

⁵⁰ Em ocasião oportuna, pudemos sondar entre falantes nativos de Língua Inglesa (via internet) o grau de produtividade e gramaticalidade desta sentença. Constatamos que, mesmo para o falante nativo, ela causa certa estranheza e apresenta uma produtividade muito baixa. Mesmo GOLDBERG, em revisão aos seus estudos no artigo publicado em 2004 com JACKENDOFF, talvez devido a isso, retirou este tipo de construção da sua lista de resultativas.

registrado nenhum tipo de sentença que justificasse a adoção desta quarta tipologia de resultativas.

2.5. Revendo a questão da resultatividade

As observações anteriormente apresentadas têm como base o trabalho de doutoramento de GOLDBERG que data de 1992 e que foi publicado como o livro *“Constructions. A construction grammar approach to argument structure”* em 1995. Em 2004, a autora, em parceria com o JACKENDOFF, publica um artigo que se originou no período em que eles estiveram em contato na Universidade de Illinois em 2002. Nas discussões, eles procuravam encontrar pontos convergentes entre as duas abordagens aparentemente distintas de gramática; um, vindo de uma linha de estudos de Gramática de Construções/Gramática Cognitiva e outro, vindo de um longo caminho em que já divergia gradualmente da tradição chomskiniana.

Neste artigo, há um aprofundamento da idéia de Construção Resultativa e uma proposta de tipologia que os autores apresentam. Observam GOLDBERG & JACKENDOFF que:

Construções são como as tradicionais expressões idiomáticas: elas estão listadas no léxico com uma estrutura sintática, um significado, e (onde há um morfema especial) uma fonologia parcial.⁵¹

Dessa forma, levando-se em conta as idiossincrasias das construções, somos levados a uma releitura e mesmo a uma revisão da questão da sua representação

⁵¹ *Constructions are like traditional idioms: they are listed in the lexicon with a syntatic structure, a meaning, and (where there is a special morpheme) a partial phonology.* GOLDBERG & JACKENDOFF (2004:2)

que o faremos nas considerações que se seguem no próximo tópico desta tese. Examinemos, então, as considerações revistas pelos autores.

A menção que tomamos como ponto de partida é a de que, segundo GOLDBERG & JACKENDOFF (2004), os aspectos das construções (principalmente, das resultativas) raramente podem ser tomados como um fenômeno identificável da mesma forma na sintaxe de línguas distintas e, por isso, não podemos caracterizá-lo em termos de parâmetros, segundo a teoria de princípios e parâmetros. Tal referência não é feita nos primeiros trabalhos da autora e, durante as análises do Português, percebemos que nossa língua resguarda peculiaridades nessas formas de construção.

Outro fator que pode ser considerado por GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) como uma releitura dos primeiros estudos é o de que, devido ao aspecto incomum⁵² entre as construções, uma vez que não carrega nenhuma marcação aberta de seu *status* construcional, tal como um *caminho* ou uma estrutura sintática estranha, as Construções Resultativas passam a ser tratadas como partes de um tipo de “família” de construções, podendo ser chamadas de “subconstruções” que compartilham entre si propriedades importantes.

Entretanto, uma característica comum às resultativas é a presença de um **SAdj** (Sintagma Adjetivo) ou **SPrep** (Sintagma Preposicional) que ocupa a posição normal de argumento verbal. Por exemplo, identificamos um caso de resultativa transitiva que, normalmente, apresenta um objeto direto seguido de seu **SR** no seguinte exemplo em Inglês.

⁵² “The resultative is unusual among the construction mentioned here only in that carries no overt marking of its constructional status, such as way or weird syntactic structure.”

(58) *Hermann hammered the metal flat*⁵³.

- a. Hermann martelou o metal achatado*
- b. Maria assou o bolo solado.

No caso **a.**, o **SR** *flat* segue-se ao objeto direto *the metal* indicando que, uma vez submetido ao que predispõe o verbo, apresenta uma mudança de estado físico. (*to become flat*; *tornar-se chato*). Em **b.**, temos um caso em Português que apresenta o **SR** (solado) aplicado ao **SN** hospedeiro (o bolo) servindo como exemplo de um **SAdj** na posição de resultado final da ação.

Outra ocorrência destacada por GOLDBERG & JACKENDOFF (2004) é a das resultativas que ocorrem em formas intransitivas, as resultativas intransitivas. Nesse caso, o **SR** apresenta-se depois do verbo e o argumento afetado na posição de sujeito, como podemos identificar na sentença *The river frozen solid*.

Todavia, ambas as considerações, ainda pouco acrescem ao que já havia sido apresentado anteriormente. A efetiva contribuição do estudo desses autores à compreensão das Construções Resultativas é a da subdivisão dessa tipologia em quatro *subconstruções* conforme apresentaremos mais adiante.

Um dos grandes problemas no estudo das resultativas era a distinção entre o que era causativa e resultativa⁵⁴. Em nosso trabalho, retornamos à essência da questão, que nos aponta para o fato de que causa e efeito são eventos indissociáveis. Autores como MATOS (2000) apresentam um tipo de construção que denominam como causativas e consideram que, em Português, elas se realizam de três formas distintas; lexicalmente, morfologicamente e sintaticamente.

⁵³ Conforme veremos nos capítulos dedicados a análise do fenômeno no Português, a nossa língua apresenta como mais produtiva a lexicalização do SR, como em *Herman achatou o metal com o martelo*.

⁵⁴ Acreditamos que tal equívoco seja decorrente de uma leitura inadequada do trabalho seminal de GOLDBERG (1995), pois a mesma não lista construções causativas nas suas construções básicas das línguas. SILVA (2001) também não menciona maiores estudos e observações sobre a suposta construção. Para não se dizer que não registra a palavra causativa, observamos que ele a usa somente uma vez no artigo e não se enquadra na idéia de uma construção isolada.

No primeiro caso, o lexical, nós teríamos casos como “o calor derreteu a neve”. Em tal sentença, a autora considera que o predador verbal é inerentemente causativo⁵⁵, ou seja, traz em sua semântica a idéia de uma mudança de estado inerente. Conclui MATOS que uma propriedade típica desses verbos seria a de admitir paráfrases de *causatividade sintática*.

(59) *O sol derreteu a neve*

(60) *O sol fez derreter a neve.*

No segundo caso, a representação morfológica das causativas se dá através de recursos morfológicos, ou seja, a partir da lexicalização de adjetivos ou substantivos por meio de uso de afixos. Para MATOS, línguas como o Português ou mesmo o Inglês apresentam “*sufixos de causativização que não afetam bases verbais, mas nominais e adjetivais, sendo assim sufixos que produzem verbos denominais e deadjetivais.*” Nesse caso, teríamos exemplos como:

[caramelo] _N	→ [caramelizar]	(fazer-ficar (em) caramelo)
[digno] _{Adj}	→ [dignificar]	(fazer-ficar digno)
[branco] _{Adj}	→ [branquear]	(fazer-ficar branco)

A autora conclui que os sufixos *-ificar*, *-ear* e *-izar* não são os únicos capazes de derivar predadores verbais causativos em Português Europeu.

O sufixo –ar, o mais comum na formação dos verbos regulares em Português, ocorre tanto em formas verbais causativas como não-causativas.

Causativas

[doce] Adj	→[adoçar]
[sujo] Adj	→[sujar]

⁵⁵ Consideramos controversa afirmação da existência de um predador “inerentemente” causativo já que, ao estabelecermos isso, enfraquecemos a premissa da gramática de construções de que o sentido se constrói no sentido *Bottom-Up / Top-down*.

Não-causativas

[buzina] N	→ [buzinar]
[almoço] N	→ [almoçar]

MATOS (2000)

O terceiro caso é o das causativas sintáticas, cujas propriedades dos predicadores nelas envolvidos estão associados a certos tipos de estruturas sintáticas, porém não havendo uma correspondência biunívoca entre as configurações sintáticas implicadas e essas propriedades semânticas.

(61) O guia fez [os turistas *entrarem* na sala.]

(62) O guia fez [os turistas *comprarem* o catálogo da exposição]

São essas as três realizações das “construções causativas” em Português. Entretanto, conforme já havíamos observado, nos trabalhos de GOLDBERG não há referência a essa construção. SILVA menciona uma vez a expressão construção causativa e MATOS se refere ao termo construção causativa somente algumas vezes e não atribui a expressão a alguma referência bibliográfica. As menções às causativas no decorrer do trabalho são associadas a predicadores causativos e, dessa forma, o foco do trabalho desvia-se para a natureza do predador e afasta-se um pouco da dimensão construcional da questão. Entretanto, o trabalho de MATOS tem sua significativa relevância, na medida em que nos coloca frente a frente com a discussão de “até que ponto define-se uma sentença como Causativa ou Resultativa” e a partir dessa problemática tivemos a oportunidade de melhor definir a instrumentação teórica adotada para o recorte do *corpus*.

Dessa forma, consideramos que o tratamento mais adequado ao problema resultatividade/causatividade nas línguas foi o de GOLDBERG e JACKENDOFF que citamos no início dessa subseção e que apresentaremos a seguir.

De fato, para GOLDBERG e JACKENDOFF o que nós temos é a ocorrência de uma “família” de construções que compartilham propriedades importantes, mas que diferem em certos aspectos. Dentro dessa idéia de características compartilhadas por construções de uma mesma família, podemos observar que a primeira identificável é a presença de um **Sadj/SPrep** que ocupa a posição de argumento verbal conforme podemos observar abaixo.

X verbo Y SPrep	
X rasgou Y <i>em tiras</i>	Sprep = SR

(63) José rasgou o tecido ***em tiras***

X verbo Y SAdj	
X considerou Y perdido	Sadj = SR

(64) O rapaz considerou o caso ***perdido***

Nas resultativas, podemos ter um objeto direto a que se segue um caso de SR, como vimos acima, e denominamo-las, então, **resultativas transitivas**. Entretanto, se o SR ocorre logo depois do verbo, sem a presença de um argumento interno desse verbo, classificamo-las como **resultativas intransitivas** (O tecido rasgou em tiras).

Destacamos aqui que os verbos de caráter avaliativo produzem sentenças resultativas, mas não admitem a realização em que o objeto é movido à posição de sujeito sintático e mantêm-se o objeto e o **SAdj** em pós-posição ao verbo. Uma hipótese a ser levantada em outro trabalho poderia ser a natureza do status do papel temático do argumento sujeito e do argumento objeto em sentenças resultativas com verbos avaliativos. Não sendo este nosso objetivo, atemo-nos a deixar a consideração feita para futuros estudos.

Considerações como as que foram feitas anteriormente levam-nos a

considerar a validade da teoria da Gramática de Construções, uma vez que tanto verbos eminentemente de ação/processo (*rasgar*) com resultado concreto como verbos avaliativos (*julgar*) com resultado abstrato incorporam-se às Construções Resultativas, demonstrando que o sentido se constrói não somente no verbo, mas na relação item-construção/construção-item.

Observam, ainda, GOLDBERG e JACKENDOFF que, em alguns casos de resultativas intransitivas, o objeto direto é independentemente selecionado pelo verbo, em outros, não. Sendo assim, eles os denominam como **resultativas transitivas selecionadas** e, em contraposição a isso, temos as **resultativas transitivas não-selecionadas**. O que os autores definem como objeto selecionado são os casos em que se dá a ocorrência do SR logo imediatamente ao objeto direto como em *João quebrou o vidro*^(Obj) *em pedaços*^(SPrep/SR). O SPrep (SR) *em pedaços* caracteriza a mudança de resultado do vidro.

Por outro lado, há verbos em que, nas **CRs**, tornam imprescindível a ocorrência deste **SR** logo após o objeto. GOLDBERG e JACKENDOFF apresentam-nos o caso da sentença em Inglês *They drank the pub dry*⁵⁶. Segundo eles, se extrairmos o **SAdj (SR)** *dry* (seco) perdemos a dimensão de resultatividade nesta sentença que expressa que *eles beberam o bar até secar*. Uma vez que adotamos como foco as resultativas simples, não podemos afirmar que, em Português, temos como comum a mesma realização, pois o *corpus* não apresentou caso similar a este do Inglês e a tradução dessa sentença em nosso idioma apresenta-se em forma complexa.

Outro caso que é considerado pelos referidos autores é o das resultativas transitivas não-selecionadas é o da ocorrência de objetos reflexivos que não podem

⁵⁶ Em Português, teríamos, em uma adaptação livre da sentença, algo como *Eles beberam o bar secando-o* (acabando com a bebida que havia no bar).

ser alternados com outros outros **SNs**, sendo estes frequentemente denominados “reflexivos falsos”.

O exemplo apresentado por GOLDBERG e JACKENDOFF para ilustrar o caso é o *We yelled ourselves hoarse*⁵⁷ que, Inglês, não admitiria a substituição do reflexivo (ourselves) por um outro **SN**, pois isso a tornaria uma sentença agramatical para o falante de Língua Inglesa (**We yelled Harry hoarse*). Na sentença em Português é possível entender que não dá para gritar deixando o outro *rouco*. A mudança de estado só pode ser aplicada a quem exerce a ação de gritar.

Dessa forma, podemos resumir as idéias apresentadas, ponderando que não há mais do que três dimensões independentes de variações em sentenças resultativas, sendo que a terceira é a única que traz uma subdivisão mais complexa.

- a. **SR** = SAdj X Sprep
- b. **SR** = propriedade **Sprep** = configuração espacial
- c. Intransitivo X Transitivo
 - i. Transitivas: selecionadas X não-selecionadas
 - 1. nas não-selecionadas: normal X reflexivo falso

Segundo os autores, a estas dimensões será necessário acrescentar mais uma em que o SN é entendido como aquele que é passível de um movimento ou de uma mudança de estado cujo ponto final é expresso pelo **SR**. A esse **SN** chamaremos, então, de *hospedeiro* (do Inglês, *host*⁵⁸). Consideramos um significativo acréscimo a esta teoria a inserção do espaço como parte da característica do **SN**, pois, somente após isso, nos é possível entender sentenças como “*José abriu a porta*” como uma

⁵⁷ Em Português teríamos uma tradução como Nós (nos) gritamos até (ficarmos) rouco. Embora seja uma forma compreensível para o falante de Língua Portuguesa, apresenta um significativo grau de estranhamento com relação a sua gramaticalidade e, mesmo, uma produtividade não registrada no *corpus*.

⁵⁸ Para o Dicionário Webster's, *host* é traduzido como hospedeiro, anfitrião, hoteleiro. Entendemos que a tradução mais adequada é aquela que aponta para o termo indicando-o como o sintagma que recebe a mudança de estado representada pelo SR, logo, *hospedeiro*.

sentença resultativa em Português. Observamos em casos como o que foi citado que a porta não apresenta nenhuma mudança de estado físico a não ser o fato de sua localização espacial ter sido modificada.

Nas resultativas transitivas quem é o hospedeiro, normalmente, é o objeto, como o é “o vidro” na sentença “*José quebrou o vidro em pedaços*”. Entretanto, nas resultativas intransitivas, esse hospedeiro passa a ser o sujeito, como em “*o vidro quebrou em pedaços*”. Quando operamos com as resultativas que indicam movimento a alteração de configuração espacial não se processa diferente.

- (65) João rolou a bola até o fim da pista.
- (66) A bola rolou até o fim da pista.

Observamos, com base no exemplo acima, que o **SPrep** “até o fim da pista” em (65) aplica-se à bola que ocupa a posição de **SN** (Obj). Quando a resultativa se torna intransitiva, esse **SPrep** aplica-se ao mesmo **SN** (a bola), mas que agora ocupa a posição de sujeito, como em (66).

Para GOLBERG, verbos que indicam emissão corpórea, verbos que indicam emissão de outro tipo de substância e verbos que envolvem o ato de ingestão indicam também que há uma entidade em movimento, mas que não está expressamente aberta na sentença, fazendo com que o *hospedeiro* seja um argumento implícito.

- (67) Bill urinou/cuspiu para fora da janela.
- (68) Bill bebeu de gargalo
- (69) O banheiro vazou através da porta cozinha abaixo.

Podemos aventar a hipótese de que os verbos e as construções acima apresentadas, cujo hospedeiro está ausente, na verdade, são casos de objetos

cognatos dos verbos que os subcategorizam (beber = bebida / cuspir = cuspe / urinar = urina⁵⁹) ou mesmo um argumento que, dada a circunstância em que ocorre, pode ser depreendido com base na construção em que se insere (o banheiro vazou “água” através da porta cozinha abaixo).

GOLDBERG não acredita que isso se aplique sempre e nos apresenta casos como o de tossir, por exemplo, que denota o ato de tossir e não a tosse⁶⁰. Dessa forma, uma sentença como *ele tossiu a tosse a exaustão** não é um caso que se aplique a tal raciocínio. Primeiramente, porque quem mudou de estado não foi o objeto (Tema), mas o sujeito (Agente/causador) e, além disso, destaca a autora que tal sentença seria agramatical em Inglês, assim como o constatamos em Português.

Dando prosseguimento ao que propõe GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) ao fazer uma releitura das Construções Resultativas, constatamos que existem dois eventos distintos. Um deles é o subevento verbal que é determinado pelo verbo da sentença enquanto o outro é um subevento construcional determinado pela construção.

Uma Construção Resultativa é muito mais do que a conjunção de um subevento verbal e um subevento construcional. Por exemplo, Willy watered the plants flat não significa só que Willy fez as plantas ficarem chatas (flat) e as molhou. Mais exatamente, os dois subeventos são relacionados: Willy fez as plantas ficarem achatadas através do ato de as molhar. Quer dizer, na maioria dos casos, o subevento verbal apresenta o meio pelo qual a construção ocorre. A paráfrase também demonstra a distribuição entre dos argumentos entre os dois subeventos: Willy é o agente de ambos subeventos, a planta é o paciente de ambos subeventos e achatado é a

⁵⁹ Para BORBA (1996), seria mais adequado tratar casos de objetos diretos implícitos como situações em que o que se segue ao verbo seria um especificador, uma vez que especifica qual é o tipo da bebida em casos como João bebeu *cerveja*. Cerveja é o especificador do objeto cognato implícito (bebida). O mesmo se daria em casos como “cuspiu o *remédio*”, “vomitou o *almoço*” e outros verbos de emissão corpórea como observa GOLDBERG.

⁶⁰ Cabe aqui uma discussão sobre a natureza do vocábulo que adentraria os estudos de morfologia e o campo da derivação regressiva e sufixal. Todavia, como não é nosso objetivo demonstrar tal fato, deixamos para futuros estudos a natureza dessas relações.

propriedade resultante no subevento construcional.⁶¹

GOLDBERG e JACKENDOFF (2004:6)

O mesmo raciocínio podemos atribuir ao exemplo em Português *José cortou o queijo em fatias*. José é agente do subevento verbal e do subevento construcional e o queijo é o paciente em ambos os casos. Temos dois eventos em ocorrência em uma sentença como esta: o José, que exerce a ação de cortar, e o queijo, que sofre a mudança de estado ficando em fatias. Por fim, consideramos que, diferentemente dos autores acima citados, José realmente é agente no subevento inicial (*cortar*), mas cabe nesse ponto uma discussão se ele seria agente (**Ag**) ou causador (**Ca**) do segundo subevento (*ficar em fatias*). Conforme podemos ver em uma descrição semântica mais simplificada desta construção em a):

(70) **Sintaxe:** José cortou o queijo em fatias
Semântica: JOSÉ CAUSA [O QUEIJO TORNAR-SE FATIAS]
Meio: JOSÉ CORTA O QUEIJO

Sintaxe: SN₁ V SN₂ SPrep₃
Semântica: X₁ CAUSA [Y₂ TORNAR-SE Z₃]
Meio: [SUBEVENTO VERBAL]

Dessa forma, extraímos, a partir dos argumentos da sentença, a contribuição semântica deles à construção e vice-versa e podemos apresentar uma configuração mais precisa da Construção Resultativa como acima. GOLDBERG e JACKENDOFF concluem, então, que a estrutura semântica do argumento do subevento

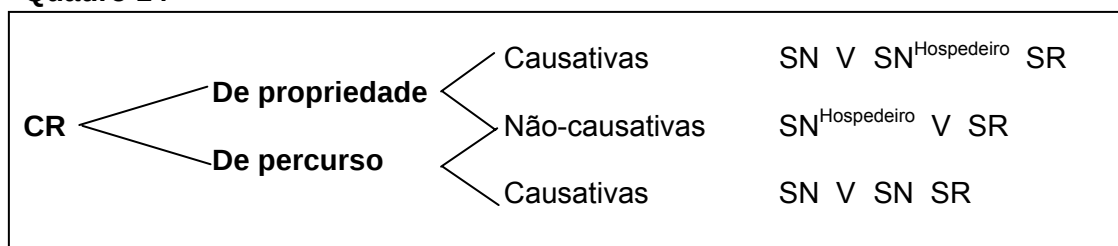
⁶¹ A resultative sentence means more than just the conjunction of the verbal subevent and the constructional subevent. For instance, *Willy watered the plants flat* does not mean just that Willy both made the plants flat and watered them. Rather, the two subevents are related: Willy made the plants flat by watering them. That is, for the bulk of cases, the verbal subevent is the means by which the constructional subevent takes place. This paraphrase also shows the distribution of arguments between the two subevents: Willy is the agent of both subevents, the plants is the patient of both subevents, and flat is the resulting property in the constructional subevent. GOLDBERG e JACKENDOFF (2004:6)

construcional determina a estrutura do argumento sintático por sistemas de ligação de argumentos.

Há ainda casos de construções que envolvem verbos inerentemente resultativos. Segundo estes autores, são os casos das chamadas “resultativas verbais”, como é o caso de “fazer” que, quando somado a um **SAdj**, predica um **SN** em sentenças do tipo *Maria fez o João triste* ou *Maria fez o marido presidente*. Em Português, tais frases, embora gramaticais, aparentemente, não se apresentam de uso tão comum como é apresentado em Inglês.

As propriedades semânticas de uma **CR** são um rico campo a ser explorado com suas propriedades, suas nuances e combinações. Um exemplo disso são as duplas possibilidades de variação de dimensões entre resultativas de propriedades X resultativas de percurso e resultativas causativas e não-causativas, conforme vemos no esquema abaixo.

Quadro 14



Se, para as resultativas de propriedades, o subevento construcional consiste no hospedeiro vir a ter uma propriedade expressa pelo **SR**, nas resultativas de percurso, o hospedeiro segue um caminho expresso pelo **SR**. E, mesmo dentro dessa subdivisão, ainda assim, notamos que podemos ter um caso em que o SR é atribuído a um objeto ou a um sujeito da sentença. Em exemplos como *José rolou a bola^{Hospedeiro} para dentro da caixa*, observamos que a bola desloca-se num percurso X

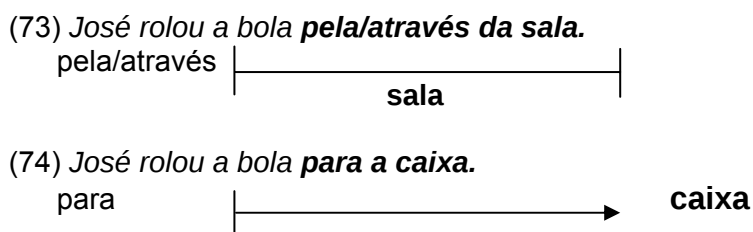
que começa em um ponto indefinido (como referência deste ponto, só temos a proximidade de José), mas que tem sua delimitação definida pelo **SPrep** “*para dentro da caixa*”. Todavia, há casos em que este SR não é atribuído ao **SN** na posição de objeto.

- (71) O policial seguiu o bandido até o esconderijo.
(72) O menino cuspiu para fora da janela.

Em (71), o sujeito é o hospedeiro do **SR** que indica um caminho percorrido pelo sujeito de um ponto X até um ponto final determinado pelo **SR** (**SPprep** = *até o esconderijo*). Em (72), o hospedeiro é um argumento implícito (como já vimos anteriormente), no caso, cognato ao verbo cuspir (cuspe) que percorre um caminho de X a um ponto Y na sentença, sendo que este é representado pelo **SPrep** “*para fora da janela*”.

Concluimos, acrescentando às observações de GOLDBERG e JACKENDOFF, que há ainda um foco que se faz no percurso claramente demarcado pela seleção lexical dos falantes no que se refere às preposições em uso.

Figura 8



Os **SRs** representados em a) focam o trajeto em si percorrido pelo **SN** hospedeiro (sala), e, em b), o foco é o trajeto com seu final (caixa).

Outra dimensão de variação a ser observada é o caso das resultativas causativas e as não-causativas; estas, quando o hospedeiro é o sujeito e o subevento construcional é simplesmente uma mudança de estado ou mesmo de posição, e, aquelas, o hospedeiro é o objeto direto e o subevento construcional consiste em um sujeito fazendo com que o hospedeiro seja o que ele quer ou mesmo que faça o que ele deseja que se faça.

O fato é que uma abordagem mais detalhada vai nos permitir contemplar as nuances e peculiaridades das mudanças de estado representadas pelas Construções Resultativas e o grande acréscimo deste trabalho de GOLDBERG e JACKENDOFF foi exatamente apresentar a questão de forma mais clara e abordar aspectos que na obra seminal passavam à margem da discussão.

Em resumo, os referidos autores empenham-se para oferecer uma abordagem ampla e descritivamente adequada às resultativas em Inglês e, para isso, apresentam quatro tipos de maior destaque: **Resultativa de Propriedade Causativa** (*O frio intenso congelou o lago* – exemplo de Português. Em Inglês, o resultado não aparece lexicalizado “*the cold has frozen the pound solid*” – **SAdj** → *solid*), **Resultativa de Propriedade Não-Causativa** (*O rio congelou*), **Resultativa de Caminho Não-Causativas** (Construção de movimento intransitivo. *A bola rolou montanha abaixo*) e **Resultativa de Caminho Causativas** (Construção de Movimento Causado). Para entendermos o funcionamento de cada uma dessas subconstruções, acompanhemos, por fim, o raciocínio desenvolvidos pelos pesquisadores⁶².

⁶² Observe que, confirmando a intuição que desenvolvemos no início dessa seção, eles não fazem distinção entre causa e efeito e entendem a Construção Resultativa como sendo uma reunião de subconstruções que constituem o que ele denomina como família de construções. Dessa forma, o que MATOS (2000) trata como uma construção causativa (referência sem precedentes sustentáveis na bibliografia da Gramática de Construção é, na verdade, uma subconstrução das Resultativas,

As Construções Resultativas de Propriedade Causativa apresentam a seguinte configuração:

Sintaxe	SN ₁	V	SN ₂	SAdj ₃ (ou SPrep)
Semântica	X ₁	CAUSA	[Y ₂ TORNAR-SE Z ₃]	
	MEIO		[SUBEVENTO VERBAL]	

(75) *José cortou o queijo em fatias.*

(76) *Ele quebrou o vidro em pedaços.*

(77) *O pedreiro pintou a sala de branco gelo.*

Para os referidos autores, estas são as mais básicas realizações de resultativas, uma vez que há um objeto afetado e um sintagma resultativo (**SR** expresso na forma de **SAdj**). Poderíamos, então, além dos casos supracitados, enquadrar nessa configuração casos como *Jonh painted barn red*, (John pintou o celeiro de vermelho), *Sarah had brushed her hair very smooth* (Sarah penteou seu cabelo [tornando-o] macio) e, mesmo em Português, embora muito menos freqüente conforme veremos em capítulo de análises nesta tese, há casos como o *Juiz julgou o réu culpado*. Nos três casos citados acima, temos os sintagmas resultativos representados pelos **SAdjs** *red* (de vermelho), *smooth* (macio) e *culpado*, respectivamente. Tais sintagmas adjetivais, nas sentenças resultativas são tratados como **SR**.

O segundo caso é os das **Resultativa de Propriedade Não-Causativa**, que diferentemente das anteriores, apresentam a possibilidade de se apresentar em configurações em que o argumento, subcategorizado pelo verbo, Tema (obj) é deslocado à posição de sujeito sem causar danos à estrutura argumental da sentença. Essa relação é tratada nesta tese no capítulo em que estudamos as

estas sim, presente e registradas como construções-padrão das línguas desde os primeiros trabalhos da Lingüística Cognitiva)

relações entre resultatividade e inacusatividade no Português. GOLDBERG e JACKENDOFF apresentam como exemplo o caso de *the pound frozen solid* (o lago congelou “sólido”). Nessa tipologia de resultativas, enquadram-se muitas das paráfrases das ocorrências de adjetivos ou substantivos lexicalizados no Português e das quais trataremos no capítulo de análise dos dados. Podemos identificar casos como:

- (78) O rio congelou.
NP₁ – O lago
V – Congelou
PP – [transformar] em gelo⁶³

b) O frio congelou o rio.

- 79) O frango não assou direito.
NP₁ – O frango
V – assou
AP₂ – “assado”

b) João não assou o frango direito.

- (80) A janela quebrou.
NP₁ – A janela
V - quebrou
AP₂ – “quebrado”

b) José quebrou a janela.

Nos exemplos acima, temos as sentenças que, no Português Brasileiro, se enquadrariam nas configurações e Construções Resultativas de natureza não-causativa (atenção às opções **b** dos exemplos que são sempre as paráfrases das quais mencionamos anteriormente). Observemos a sobreposição da configuração

⁶³ GOLDBERG e JACKENDOFF lembram-nos, nesse artigo, no qual nos baseamos para escrever este capítulo da tese, que alguns elementos podem vir implícitos na sentença. No Inglês, há o caso de Resultativas transitivas não selecionadas com verbo transitivo opcional. Em *Dave drank the pub dry* (Dave secou o *pub* – bebeu até acabar com a bebida do bar). O subevento construcional traz Dave como AGENTE, *the pub* como paciente e *dry* como predicado. Já no subevento verbal, ou seja, o que Dave fez para secar o *pub* temos a presença de Dave, mas o paciente está implícito. Possivelmente, trata-se de algo como “bebeu todas as garrafas de bebida alcoólicas”, todavia, isso é subentendido na sentença.

aos exemplos supracitados.

Sintaxe	SN ₁	V	SAdj/SPrep ₂
Semântica		X ₁	TORNAR-SE Y ₂
		MEIO	[SUBEVENTO VERBAL]

No primeiro caso, *o rio congelou*, diferente da sintaxe inglesa, não inserimos o **SAdj** em forma de adjetivo no final sentença para indicar a mudança de estado. Em Português, adotamos o processo de lexicalização do estado final representado pelo substantivo “gelo” na forma do verbo *congelar* ou adotamos o mesmo processo com o adjetivo *sólido* e com a inserção do argumento causativo (**Ca**).

- (81) O lago con**GEL**ou.
 (82) O lago solidificou **COM O FRIO**.

A semântica dessas sentenças aponta para um caso em que X₁ (o lago) TORNA-SE Y₂ (lago sólido) sendo que, em (81), o meio que opera a mudança de estado não está explícito, mas subentendido assim como o processo representado pelo subevento verbal que precede e viabiliza a resultatividade. Já em (82), o meio aparece na forma do argumento na forma do **SPrep** (COM O FRIO) que explícita e torna mais nítido o processo pelo qual passa o Tema (o lago) para ser passível da mudança de estado.

A terceira categorização de resultativas apresentada por GOLDGBERG e JACKENDOFF é a das **Resultativas de Caminho Não-Causativo**. De certa forma, são também aquelas que denominamos como **Construção de Movimento Intransitivo**. Uma característica a ser considerada nesse tipo de construção é a de que passamos a entender a mudança de estado expressa pela resultatividade como não somente uma alteração no aspecto físico do Tema, mas passamos a considerar

o espaço físico ocupado pelo objeto afetado como parte de sua caracterização e constituição. Dessa forma, se deslocamos algo em direção a um ponto diferente do que lhe era assinalado como origem, estamos empregando uma Causa (uma força única) que gerará um Efeito (mudança de estado) movida pela mesma força (HEGEL).

Tal consideração permite-nos entender que, em sentenças dessa natureza, ocorre um subevento verbal que viabiliza um resultado. O exemplo adotado pelos referidos autores é o de “*a bola rolou montanha abaixo*” (*the ball rolled down the hill*) e “o caminhão “roncou” estação adentro” (*the truck rumbled into station*). Estas sentenças enquadram-se nas configurações propostas abaixo.

Sintaxe	SN ₁	V	SPrep ₂
Semântica	X ₁	VAI	Caminho ₂
	I. MEIO		[SUBEVENTO VERBAL]
	II. RESULTADO		[SUBEVENTO VERBAL: X ₁ EMITE SOM]
	III. RESULTADO		[SUBEVENTO VERBAL: X ₁ DESAPARECE]

No caso, o **SN₁** (a bola) desloca-se em um caminho em direção a um outro ponto que pode ser expresso por um **SPrep** (para baixo) ou por um termo “**local**” (abaixo). O fato é que a mudança de localização nessa realização de movimento intransitivo e cujo causador não se encontra expresso na sentença permite-nos entender que houve uma relação de CAUSA/EFEITO com produção de um resultado, a mudança de localização.

De acordo com a configuração proposta, o meio permanece subentendido no subevento verbal, mas passamos a ter resultados que são inseridos por outros subeventos verbais representados pela emissão de som que deduzimos tratar-se do deslocamento do *caminhão* e, no caso da *bola*, entendemos o subevento que gera outro subevento, o desaparecimento de X₁.

O quarto e último caso de Construções Resultativas apresentado por GOLDBERG e JACKENDOFF é o das **Resultativas de Caminho Causativo**. O fato principal que as difere das anteriores é que estas podem ser entendidas como um tipo de **Construção de Movimento Causado** também. Nessa ocorrência, o argumento causador (**Ca**) aparece explícito em sentenças como *Bill rolou a bola montanha abaixo*. Sendo assim, a presença desse argumento permite-nos apontar para a natureza causativa dessa sentença, o que não acontece na anterior em face da omissão do mesmo.

Sintaxe	SN ₁	V	SN ₂	SPrep ₃
Semântica	X ₁	CAUSA	[Y ₂ IR Trajetória ₃]	
	I. MEIO		[SUBEVENTO VERBAL]	

Nesse caso, o **SN₁** (Bill) não é o elemento afetado, mas o causador de **SN₂** (a bola) ir **SPrep** (para baixo). Sendo assim, semanticamente podemos dizer que X₁ causa o desenvolvimento da trajetória de Y₂.

A forma como GOLDBERG e JACKENDOFF tratam do fenômeno da causa e resultado, não os dissociando, é a forma mais adequada de se considerar a realização dos dois fenômenos, uma vez que não há como entendermos que são eventos isolados. A definição das resultativas como de **propriedades causativas, não-causativas, de caminho causativo e não-causativo** abre uma perspectiva integrada das construções, corroborando para a compreensão das mesmas como uma família de construções e não somente como realizações estanques e dissociadas.

Outro fator a se destacar é a questão da inserção do movimento aplicado e da mudança de localização como um fator determinante de alteração de estado, já que a posição do objeto afetado também é algo que o caracteriza. Essa consideração

permite-nos entender com mais clareza por que sentenças como “a *batata assou*” e “a *porta abriu*” são sentenças que podem ser enquadradas como Construções Resultativas, embora foquem processos de natureza tão distintas.

Por fim, a revisão teórica dos referidos autores serviu para confirmar as intuições que emergiram no início dos estudos das Construções Resultativas e que nos apontavam para a interpretação de que os equívocos nas considerações entre causa e efeito eram decorrentes da dissociação destes eventos/fenômenos, ainda que saibamos que não se admitem que os separem e tratem-nos de forma distinta. Dessa forma, não cabe, na teoria da gramática de construções, a instituição de Construções Causativas, mas de resultativas que apresentam ou não estas propriedades a partir da sua constituição.

3. Metodologia: a investigação e o objeto da tese

A metodologia eleita para esta tese consiste na elaboração de um *corpus* e a partir daí, uma análise dos dados que comprova as teorias nas quais nos baseamos e representam casos característicos do Português. Com base na idéia de que as Construções Resultativas são amplamente disseminadas na língua, adotamos um *corpus* que tem desde sentenças intuitivas testadas junto a falantes nativos até casos extraídos de inquéritos de fala (NURC/PEUL) e mesmo exemplos extraídos da internet de fontes diversas (*chats, blogs, artigos de informativos online, sites diversos*). Essa diversidade se ampara na intenção que temos de, numa abertura maior de gêneros e estilos textuais, apresentarmos como se processam Construções Resultativas simples no Português.

É importante ressaltar que, sendo nosso objeto de análise a Construção Resultativa Simples, deixamos para ocasião futura as Construções Complexas e outras manifestações de resultatividade na língua, ainda que registremos alguns casos no decorrer das pesquisas para fins ilustrativos. Dessa forma, focamos o nosso objeto de estudo e, ao mesmo tempo, fazemos com que o presente trabalho seja o ponto de partida para as outras considerações sobre resultatividade.

Para a montagem deste *corpus* selecionado, adotamos alguns critérios que tinham como objetivo uniformizar a sua apresentação. Sendo assim, dividimos os casos em grupos que exemplificassem os padrões identificados no Português e a que foram relacionados uma média de 100 (cem) casos cada.

A partir daí, o processo de montagem passou, então, por etapas de triagem, até constituir o que apresentamos no anexo desta tese. As etapas e critérios

adotados foram os seguintes:

- a) Primeiramente, o foco foi a montagem das resultativas típicas dos casos que, em Português, apresentavam peculiaridades não relatadas pelas referências bibliográficas no Inglês. Para isso, utilizando dados recolhidos de *corpus* de oralidade (NURC/PEUL) e valendo-nos da ferramenta de busca *google* para localizar na internet casos de sentenças que manifestavam aspectos de resultatividade, conforme definimos com base em nossa bibliografia, e selecionamos os dados.⁶⁴

A princípio, coletamos um *corpus* com mais de 1000 (mil) casos de resultatividade, o que nos obrigou a definir um critério mais focalizador a fim de não criar um rol de exemplificação que nos dispersasse do objeto central das análises. Dessa forma, definimos como exemplos válidos casos de formas primitivas dos verbos (presente do Indicativo e pretérito perfeito). Tal opção teve como base a preocupação em não abrir a discussão para a questão da aspectualidade, o que geraria, como já o dissemos em outra ocasião aqui, uma tese dentro da tese.

- b) Num segundo momento, devido à constatação de uma ocorrência menor das formas-padrão baseadas no Inglês, centrou-se a coleta de dados em resultativas em que o resultado é lexicalizado no verbo a partir de formas nominais (Adjetivos/Substantivos). Por fim, o

⁶⁴ Nessa primeira fase, também foram inseridos ao *corpus* sentenças intuitivas que foram testadas em sua gramaticalidade com falantes nativos de Língua Portuguesa e exemplos extraídos de *corpus* transcrito de fala. Entretanto, o maior volume de dados veio da ferramenta de busca GOOGLE.

corpus foi separado em formas verbais com base em adjetivos (parassintéticas, sufixais), verbos mais basicamente indicadores de mudança de estado e os casos de verbos que têm cognatos nos substantivos. Esta divisão objetivou entender como se atribuíam resultados aos SN hospedeiros, ou seja, qual era a origem do SR que se lexicalizava no verbo. Assim, podemos delinear como se conduzem os processos de realização da resultatividade em Português como algo predominantemente realizado a partir de processos morfológicos.

3.1. Afinando a instrumentação analítica

Passado o primeiro momento de definir o que procurar nas resultativas, deparamo-nos com um *corpus* que ainda pouco mostrava sobre como se comportavam essas construções. Para melhor entender e permitir agrupar as construções em grupos por similaridades, assumimos dois critérios maiores para elaboração das tabelas: **mudança de estado** ou de **localização espacial**.

Com base em GOLDBERG e JACKENDOFF (2004), entendemos que havia duas mudanças de resultado expressivas na língua; ou mudava-se de características “físicas” ou mudava-se de “local”. Sendo assim, agrupamos dois grandes conjuntos de manifestações resultativas em sentenças simples.

A partir daí, entendemos que o **SR** de uma Construção Resultativa pode vir interno ao verbo (por exemplo, *alisar* → **liso**) ou externo (quebrar X **em pedaços**) e adotamos este critério como válido para a categorização dos exemplos elencados.

Ainda assim, havia a necessidade de agrupar categorias menores comuns às Construções Resultativas até aqui apresentadas para que buscássemos identificar comportamentos que se destacassem entre os casos e pudéssemos estabelecer regularidades nessas construções. Dessa forma, assumimos critérios como a sintaxe da construção (**transitiva/intransitiva**), a origem do radical⁶⁵ (**adjetivos** ou **substantivos**) e, finalmente, adotou-se o critério de identificar se os verbos tinham um sujeito com maior ou menor grau de volitividade. O objetivo deste último critério foi identificar se predominavam sujeito agentes (**Ag**) ou causadores (**Ca**) nas Construções Resultativas.

É significativo mencionar que foi adotado, posteriormente, o critério Resultado nas construções com o SR externo para identificar se predominavam resultados representados como **SPrep** ou **SAdj**. Na verdade, isso foi só um recurso de estatística para comprovarmos a intuição de que, quando realizado externamente, o **SR** em Português ocorre predominantemente como um sintagma preposicional.

A partir daí, com um *corpus* definido e categorizado, iniciamos as análises que distribuímos em dois momentos: num primeiro, assumimos um enfoque quantitativo e buscamos relatar os números que comprovam ou refutam intuições iniciais. Num segundo momento, a abordagem se torna predominantemente qualitativa e passamos a comentar as ocorrências não em seu aspecto numérico, mas combinatório (como se davam as combinações entre os itens lexicais e a construção) e semântico (quais as nuances de sentidos se assumiam em determinadas variações de construções).

⁶⁵ Aqui houve alguns casos em que não se aplicou este critério, pois o verbo já era a forma primitiva no processo derivacional, por exemplo, cortar e quebrar.

4. Análises e considerações sobre Construções Resultativas no Português

Conforme apresentado anteriormente, consideramos procedente dividir as análises aqui propostas em dois tipos: quantitativa e qualitativa. Entretanto, antes de adentrarmos nas considerações propriamente ditas quanto à quantidade e à qualidade das Construções Resultativas, apresentamos uma proposição de tipologia verbal adotada por PINHEIRO (2005) em projeto de pesquisa desenvolvido na UFRJ.

Tal proposição será de grande valia para entendermos as relações de compatibilidade verbo-construção ao iniciarmos as análises qualitativas no *corpus* adotado.

4.1. A relação entre tipo de verbo e construção: propondo uma tipologia.

Durante os trabalhos de análise do *corpus* selecionado, observamos a realização de verbos que, dentro de uma escala de aproximação e distanciamento de uma forma mais básica de Construção Resultativa, apresentavam características que os colocavam mais perto ou mais distante do núcleo verbal mais tipicamente resultativo. Por exemplo, observamos que os verbos que lexicalizam o resultado internamente são formas mais centrais de indicação de mudança de estado, uma vez que já trazem consigo o SR indicando a mudança de estado aplicada ao hospedeiro. Podemos observar isso em casos como o de “José **fatiou** o bife” (cortar X em fatias). Seguindo a esses, aparecem verbos como *quebrar*, que trazem em si

uma natureza resultativa que se completa com a expressão do SR externamente como em “*José quebrou o vidro em pedaços*”.

Dessa forma, tornou-se necessário propor uma tipologia de verbos às Construções Resultativas e o fizemos com base no trabalho de PINHEIRO (2005), que sugere uma classificação dos verbos ocorrentes dentro das construções em seis grupos. Adotamos a tipologia oferecida por ele e, a ela, demos um tratamento e um acréscimo de exemplificações a fim de que se tornasse mais detalhada para a nossa análise. Sendo assim, PINHEIRO propõe que há **o grupo 1**, que apresenta verbos locativos de três lugares como *pôr, colocar, botar, incluir, deixar*; **o grupo 2**, com verbos locativos de dois lugares como *enfiar, socar, meter*; **o grupo 3**, com verbos de movimento de três lugares como *levar, trazer, carregar*; **o grupo 4**, com verbos de movimento de dois lugares como *chutar cabecear, empurrar, jogar, arremessar*; **o grupo 5**, com verbos de ação prototípica (mudança de estado) de três lugares como *tornar, transformar, ficar* e, por fim, **o grupo 6**, com verbos de ação prototípica de dois lugares como *quebrar, cortar, dividir*.

A partir disso, podemos estruturar um quadro em que exemplificamos de forma mais clara esta proposta.

Quadro 15

	Caracterização	Exemplos
Grupo 1 Verbos locativos (3)	X faz com que Y se desloque para Z (local)	<i>João deixou o rádio no carro.</i> <i>João deixou a namorada em prantos</i>
Grupo 2 Verbos locativos (2)	X faz com que Y se desloque (para Z)	<i>João enfiou as roupas na mala.</i> <i>João enfiou a família na miséria.</i>
Grupo 3 Verbos de movimento (3)	X faz com que Y se movimente para Z (local)	<i>João levou a mulher ao shopping</i>

		<i>João levou seus vizinhos à loucura</i>
Grupo 4 Verbos de movimento (2)	X faz com que Y se movimente (para Z)	<i>Ele jogou a colher no chão.</i> <i>Ele jogou a mulher em uma baita depressão.</i>
Grupo 5 Verbos de ação prototípica (3)	X faz com que Y se torne Z	<i>O artista transformou a pedra em arte.</i>
Grupo 6 Verbos de ação prototípica (2)	X faz com que Y se torne Z	<i>João quebrou o copo em mil pedaços.</i>

Em quase todos os grupos acima representados, o foco (resultado) pode ser representado por um estado ou um lugar final. Tal consideração endossa as afirmativas de GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) de que estados podem ser a metaforização de lugares e a mudança de estado, a metaforização do movimento.

Nos **grupos 5 e 6**, não há essa possibilidade por razões óbvias. Ponderam autores que a mudança de estado é uma metaforização do movimento causado, nesse sentido, e não no contrário. Além disso, é importante considerar que as metaforizações entre concreto e abstrato ocorrem necessariamente nesse sentido, salvo em usos específicos da linguagem. No caso dos **grupos 5 e 6**, os verbos são indicadores da mudança de estado, ou seja, os mais básicos a estas construções.

Concluimos estas considerações acima com a observação de que, embora destaquemos as resultativas com uma dupla realização: como de movimento e de mudança de estado e, procuramos interligar a relação entre ambas, daremos foco à resultativa de mudança de estado em nossas análises.

4.2. O papel das preposições

Outro fator a se considerar é o tipo de preposição que ocorre nas Construções Resultativas cujo **SR** é externo. Para isso, consideramos como uma hipótese o fato de que, se estados são lugares (LAKOFF, 1987), as preposições predominantes serão as que indicam uma relação mais estática e menos dinâmica com o local/estado. Tal dado se encontra registrado e comentado no capítulo sobre a análise do *corpus* e confirmam as intuições iniciais.

4.3. Análise do *Corpus*: uma leitura quantitativa.

Como já o dissemos, dividiremos a análise dos dados apresentada nesta tese em duas partes: primeiramente, analisaremos os percentuais registrados com base nos critérios assumidos na interpretação dos casos. Em um segundo momento, a análise deixa de ser quantitativa e passar a ser qualitativa, pois adotamos uma série de considerações sobre o que identificamos no *corpus* e que caracteriza o comportamento das Construções Resultativas em Português.

Nesse primeiro momento, foi selecionado um corpus com 834 (oitocentos e trinta e quatro) exemplos de sentenças que representavam Construções Resultativas ou mesmo manifestações de resultatividade. Todavia, no decorrer das análises tornou-se necessária uma redução devido às repetições de ocorrências que se sucediam. Sendo assim, o primeiro corte teve como critério a eliminação de formas que não se enquadravam dentro dos critérios de Construção Resultativa

estabelecidos por GOLDBERG (1995) e nem permitiam estabelecer uma linha clara de relacionamento com esta.

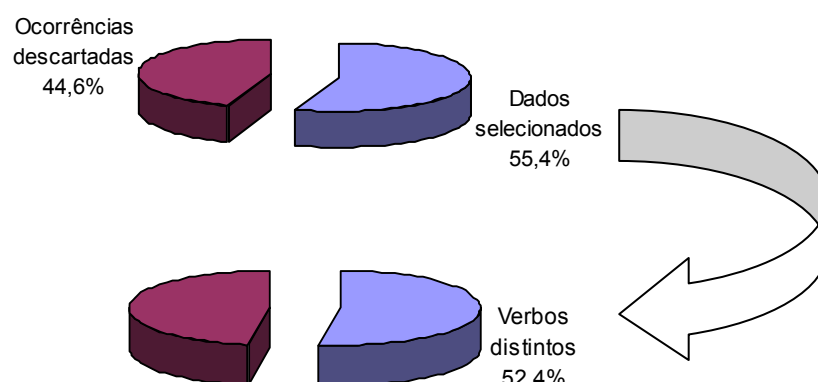
É importante registrar que apresentamos as ocorrências em função do número de exemplos que ocorrem (462) e do número de verbos distintos (242), o que permite as considerações feitas independente do número de sentenças em que os casos aparecem. Tal procedimento visa a reduzir qualquer distorção, uma vez que um verbo poderia aparecer repetido muitas vezes e isso afetaria os dados quando fizéssemos o levantamento em percentuais.

A partir daí, houve uma redução para 462 (quatrocentos e sessenta e dois) casos que representavam um tipo de Construção Resultativa. Tal recorte inicial representava a utilização de 55,4% do *corpus* selecionado, mas, ainda assim, havia algumas repetições. Todavia, dessa vez, nós os mantivemos em função de verificar se um verbo poderia ocorrer em resultativas intransitivas e transitivas ou mesmo em situações que interagiam com sujeitos de caráter mais volitivo (agente) e menos volitivo (causador).

Por fim, consideramos, para fins de tabelamento, um grupo de 242 (duzentos e quarenta e dois) verbos distintos que se encontram registrados na tabela de análise em anexo. Tal valor representa um percentual de 52,4% das ocorrências selecionadas. Nessa tabela, seguem-se ainda os critérios mais detalhados sobre o comportamento dos verbos nas sentenças, os quais descrevemos seguidos de seus resultados. Observemos no gráfico abaixo o percentual de aproveitamento do *corpus* auferido para que se tenha dimensão gráfica dos cortes efetuados:

Figura 9

Gráfico de seleção de *corpus*



O primeiro critério a ser considerado foi o de **tipo de mudança** que a construção implicava. Sabendo das considerações de GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) de que lugar faz parte da caracterização de um elemento e de que a mudança deste lugar significa alteração de característica, consideramos que há uma **mudança de estado** e uma **mudança espacial** a se verificar.

Nitidamente, damos atenção maior à mudança de estado, que ocupa a discussão central desta tese, e montamos um *corpus* que apresenta 95,8% (232 casos) de seus exemplos com Construções Resultativas dessa natureza. Foi identificado um conjunto de construções de mudança espacial, que representa 4,2 % do *corpus* (10 casos) e tem como finalidade embasar a argumentação que preconiza a idéia da metaforização de movimento em mudança de estado.

Em número de ocorrências, identificamos que os percentuais não são diferentes dos números de verbos distintos. 96,7% dos casos (447) foram de

mudança de estado contra 3,7% (15) de mudança espacial. Acreditamos ser produtivo um estudo especificamente sobre a mudança espacial; entretanto, não é este o nosso objetivo nesta tese.

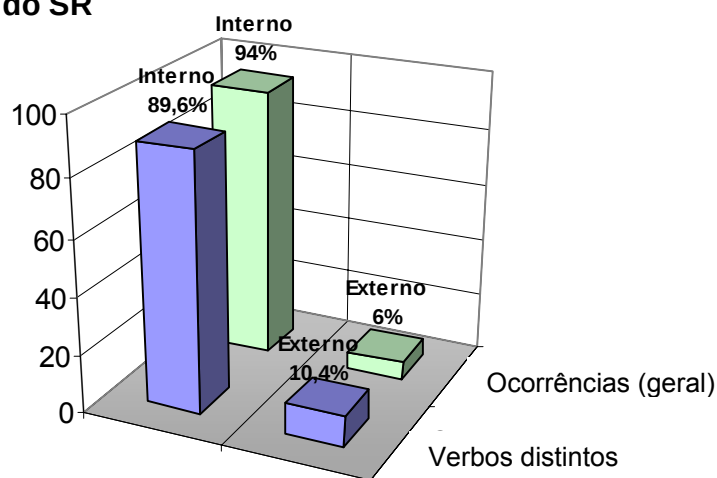
Iniciamos, então, a observação que constitui fator diferencial na pesquisa apresentada. Observando que GOLDBERG e JACKENDOFF ressaltam o aspecto idiossincrático das construções nas línguas, verificamos que, em Português, a representação das Construções Resultativas com **S_{Prep}** e **S_{Adj}** não é tão freqüente com se vê em Inglês. Constatamos, dessa forma, que a Língua Portuguesa resguarda como característica própria a preferência por representar a resultatividade por via de um processo de lexicalização do resultado no verbo. Esta foi, então, uma das nossas hipóteses iniciais neste estudo.

Esse fato lingüístico pode ser descrito como a transposição do que constituiria um SR externo para dentro do verbo, aplicando-se um processo de derivação (parassíntese ou sufixação) e formando um item lexical que aglutina em si o resultado. Por isso, criamos um critério que denominamos **localização do SR** e o distribuímos em duas categorias: **SR externo** e **SR interno**. Os dados coletados apontam para uma larga margem de casos de SR interno; que atinge 89,6% (217) dos casos de Construções Resultativas, enquanto os **SRs** externos representam 10,4% (25) desses casos estudados. Em termos de ocorrências de casos, temos 94% dos casos (434) registrados ocorrendo com **SR** internos, enquanto somente 6% dos exemplos (28) apresentam um **SR** externo.

Podemos observar isso no gráfico abaixo com base nas ocorrências e nos verbos distintos:

Figura 10

Localização do SR



Outro critério adotado foi quanto à sintaxe em que o verbo se apresentava e dividimos em verbo de construções **Intransitivas** e **Transitivas**. Tal critério teve como origem a observação inicial de que muitos verbos permitiam realizar-se em construções de natureza inacusativa, ou seja, o objeto permitindo sua transposição para a posição do sujeito sem causar dano à sentença. Nesse critério, tivemos 78,5% (190) de casos **transitivos** para 21,5% (52) casos de **intransitivos**. Isso em termos de ocorrência representa um percentual de 73,6% de verbos transitivos (340) contra 26,4% de exemplos com verbos intransitivos (122), o que comprova que este processo de transposição do objeto para a posição de sujeito é viável, mas menos comum do que se imaginava a princípio.

Um critério a se considerar seria também o **processo morfológico** que predominava nos casos dos verbos com o SR interno. A análise quantitativa nos indicou que 45,4% dos casos (110) eram **parassínteses** contra 45,8% (111) de **derivação sufixal**. Em termos de ocorrências, temos mais uma vez um emparelhamento de valores com 45,8% (212) e 48,7% (225) respectivamente aos critérios apresentados acima. Há nessa análise um grupo de verbos aos quais o

critério não se aplica, o que equivale a 8,8% de verbos distintos e 5,5% de ocorrências.

Dessa forma, temos até o presente o seguinte quadro de dados analisados no *corpus*.

Quadro 16

Tipo de mudança	OC ⁶⁶	Localização do SR	OC	Predicação Verbal	OC	Processo morfológico	OC
232 (de estado)	447	217 internos	434	Transitivos 190	340	110 parassínteses	212
95,8%	96,7%	89,6%	94%	78,5%	73,6%	45,4	45,8%
10 (de espaço)	15	25 externos	28	Intransitivos 52	122	111 Sufixação	225
4,2%	3,7%	10,4%	6%	21,5%	26,4%	45,8%	48,7%
242		242		242		242	
						21 N/A ⁶⁷	25
						8,8%	5,5%
	462		462		462		462

Adotamos, então, um critério de **origem do radical** e constatamos que os verbos tinham origem em dois tipos de classes gramaticais: os **Adjetivos** e os **Substantivos**. Nesse item, o levantamento no *corpus* apontou para 80,9% (196) de casos em que os verbos tinham origem em adjetivos e 10,3% (25) de casos de verbos com base em substantivos. Este dado também era esperado, uma vez que o **SAdj**, não sendo externo na construção, move-se para a posição interna do verbo. Já no caso dos verbos com base nos substantivos, o que se dá, muitas vezes, é um processo de metonimização em que se considera parte do processo com representativo da mudança de estado. Em termos de ocorrências, os valores também não se distanciam do que foi apresentado anteriormente e temos 84% de

⁶⁶ OC - Número de casos que ocorreram no *corpus* geral.

⁶⁷ N/A – Ocorrências que não se aplicam aos casos estudados (parassíntese/sufixação).

casos (388) com origem em adjetivos para 10% (46) de exemplos com origem em substantivos.

Este critério apresenta um tipo de verbo e mesma ocorrência a que não se aplica o critério de origem como **adjetivo** ou **substantivo**. Trata-se dos verbos como *quebrar*, *cortar*, *rasgar* e outros similares que, normalmente, ocorrem com **SPrep** ou **SAdj** externos conforme o *corpus* representado na tabela em anexo. Estes valores representam 8,8% (21 casos) nos verbos e 6% nas ocorrências (28).

Chegamos ao **Aspecto do sujeito** como critério de análise e, para isso, consideramos que o sujeito pode apresentar um caráter mais volitivo (+ vol.) ou menos volitivo (-vol). Tal critério se baseia na intuição inicial de que poderia predominar um tipo de sujeito - **vol** sobre um caso de sujeitos + **vol**, indicando que poderia haver predominância de um causador sobre um agente nessas realizações de Construções Resultativas. Tal intuição não se confirmou, pois foram identificados 56,6% (137) de casos de sujeito + **vol** em contraste com 43,4% (105) de casos de sujeitos - **vol**. Em termos de ocorrências, os valores se mantêm equilibrados também com 44,6% dos casos de + **vol** (206) contra 54,4% de casos de sujeitos - **vol** (256).

A diferença deste número de casos sofreu uma variação de ocorrência para tipo de verbo e ficou bem aquém do esperado, apresentando um percentual de valores pouco expressivos para afirmarmos que existe alguma relevância no fato de o sujeito ter um papel maior de agente que causador no evento expresso pelo verbo.

Por fim, o outro critério adotado foi com base na pergunta: se há casos de SR externos, como eles se realizam? Seriam predominantemente **SPrep** ou **SAdj**? E, com base nisso, dentro de um *corpus* muito mais restrito do que o dos **SRs** internos, identificamos 80% de **SPrep** (20) e 20% (5) casos de **SAdj**. Em termos de

ocorrências, temos, respectivamente, 82% (23 casos) e 18% (5) de um registro de 28 itens. A baixa quantidade de casos de **SAdj** deve-se ao fato de que, conforme já foi visto, o falante nativo de Língua Portuguesa preferir lexicalizar o resultado no verbo segundo comprovam os dados.

Tais dados acima apresentados nos permitem recorrer à representação resumida do quadro 17 de análise quantitativa desta tese:

Quadro 17

Origem do radical	OC	Aspecto do sujeito	OC	Codificação do resultado	OC
196 Adjetivos	388	137 + vol	206	20 SPrep	23
80,9%	84%	56,6%	44,6%	80%	82%
25 Substantivos	46	105 - vol	256	5 SAdj	5
10,3%	10%	43,4%	54,4%	20%	18%
242		242		25	
21 N/A	28				
8,8%	6%				
	462		462		28

Não podemos deixar de mencionar que, ainda que não tenha sido quantificado sobre um *corpus* de número significativo como o dos verbos com **SR** externo em forma de **SPrep**, as preposições empregadas nos verbos, que foram registradas, comprovam as intuições iniciais de que, sendo mudança entendida como movimento e estado como lugares, predominariam aquelas de características menos dinâmicas e mais estáticas. Não houve registro de preposições dinâmicas nos casos dos **SRs** externos ao verbo

4.4. Considerações sobre as Construções Resultativas: uma leitura qualitativa.

“(...) os aspectos das construções são raramente interlingüísticos, e em ocasião particular peculiar ao Inglês, nós questionaríamos seriamente a tentativa de caracterizá-los em termos de conjunto de parâmetros no sentido da Teoria de Princípios e Parâmetros.”⁶⁸

GOLDBERG e JACKENDOFF (2004)

No item anterior, fizemos uma análise quantitativa nos dados auferidos, mas sem levar em conta um estudo qualitativo do comportamento destas construções no Português Brasileiro. A partir daqui, inserimos um conjunto de considerações que leva em conta este aspecto.

Faremos alguns comentários com relação às construções que apresentam o SR externo no Português à luz da teoria da Gramática de Construções e da categorização proposta por GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) e, depois, iremos nos ater às que apresentam o **SR** interno que, conforme demonstra o *corpus* adotado, representa a grande maioria na língua.

Retomaremos as categorizações sugeridas pelos referidos autores e apresentaremos, a seguir, exemplificação que endosse a afirmativa de que determinada ocorrência é realmente comum no Português, como ocorre e quais as peculiaridades que resguarda nossa língua sobre a forma como expressamos a resultatividade.

Para GOLDBERG e JACKENDOFF (2004), as Construções Resultativas se dividem nos quatro casos já citados anteriormente e apresentam a seguinte

⁶⁸ “(...) aspects of these constructions are so rare cross-linguistically, and on occasion peculiar to English, we would seriously question an attempt to characterize them in terms of parameter settings in the sense of Principles and Parameters theory.” (GOLDBERG e JACKENDOFF, 2004:3)

classificação: **Resultativas de propriedade causativa**, **Resultativas de propriedade não-causativa**, **Resultativas de trajetória não-causativa** e **Resultativa de trajetória causativa**. Explanemos, então, as referidas conceituações com base em sua ocorrência no Português.

As **Resultativas de propriedades causativas** são um tipo de construção de natureza resultativa, pois seu foco é a mudança de resultado aplicada a um **SN** que se projeta como passível de alteração de característica, e o nome causativo refere-se à existência de um argumento que representa, na sentença, o *Causador* (**Ca**) ou *Agente* (**Ag**). No caso do papel temático **Ca** atribuído ao sujeito sintático do verbo principal, percebemos uma natureza menos volitiva dele, ao contrário do papel **Ag** que resguarda consigo um caráter mais volitivo, conforme destacaremos no decorrer do trabalho. O esquema abaixo descreve a configuração sintática e semântica desta construção.

Sintaxe Semântica	SN ₁	V	SN ₂	SAdj ₃ (ou SPrep)
	X ₁ Ag/Ca		CAUSA [SUBEVENTO VERBAL]	[Y ₂ TORNAR-SE Z ₃]
	(83) <i>Quem</i>	<i>quebrou</i>	<i>meu coração</i>	<i>em pedaços...</i>
	(84) <i>Ela</i>	<i>arrumou</i>	<i>a camisas</i>	<i>em pilhas separadas.</i>
	(85) (...) <i></i>	<i>cortar</i>	<i>o linguado</i>	<i>em fatias finíssimas</i>
	(86) <i>Maria</i>	<i>assou</i>	<i>o bolo</i>	<i>solado.</i>

Os casos acima representados são passíveis de realização na Língua Portuguesa; entretanto, cabe considerar que nos levantamentos feitos nesta pesquisa, se compararmos com as realizações de **SR** interno, o número de ocorrências neste formato, de **SR** externo ao verbo, foi pequeno, conforme demonstramos nos dados apresentados em capítulo anterior.

Em (83), (84) e (85), temos três ocorrências mais comuns em Português que

são as formas em que o **SR** vem expresso por um sintagma preposicional e não por um adjetivo. Nos casos em destaque, temos o **SPrep** *em pedaços, em pilhas e em fatias finíssimas* que são atribuídos como a mudança de estado aplicada ao **SN** *meu coração, camisas e o linguado*, respectivamente. O que se pode observar com estes casos é que, além de atenderem à configuração proposta por GOLDBERG e JACKENDOFF (2004), são mais freqüentes no nosso idioma do que o caso (86), *solado com SAdj associado ao SN bolo*.

Entretanto, mesmo a construção com os resultados representados por um **SAdj** como **SR** externo sendo de menor ocorrência na língua, ela apresenta uma produtividade sensível, conforme relatou oralmente a Prof^a. Dr^a Maria Lúcia Leitão de Almeida com relação ao verbo *tripular*, utilizado freqüentemente pelos taxistas na cidade do Rio de Janeiro. Para o dicionário AURÉLIO (1999), trata-se de um verbo transitivo direto que possui as seguintes acepções:

1. **Prover** (uma embarcação ou uma aeronave) do pessoal necessário para as manobras e mais serviços.
2. **Dirigir** ou **governar** (uma embarcação ou um avião): "Tripulando grandes canoas de voga, os seus pescadores traziam o produto de sua humilde indústria até Sepetiba" (Lima Barreto, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 232).
3. Mar. **Prestar serviços profissionais em** (uma embarcação).

Todavia, é possível identificar o registro desse verbo em construções como *eu tripulei o carro* (uma resultativa causativa), ou mesmo *o carro tripulou* (resultativa não-causativa). A partir daí, encontram-se registros da sentença *eu dirigi o carro tripulado*, não no sentido de *estar tripulado enquanto eu o dirigia*, mas de *dirigir o carro fazendo-o ficar tripulado*.

Por fim, cabe destacar que estas sentenças de **SR** expressos por **SPrep** são encontrados com freqüência quando a construção permite a compatibilização com

verbos de ação, ou ação-processo⁶⁹ (*cortar, quebrar, partir, rasgar* etc). Ou na tipologia proposta por PINHEIRO (2005), verbos do **grupo 6**, verbos de ação prototípica.

Dessa forma, podemos propor uma configuração das resultativas com propriedades causativas para o Português com um detalhamento sobre a compatibilidade dos itens com as referidas construções em nossa língua. O caso que propomos, então, desenvolve-se em um nível concreto de realização. É como já citamos nos casos dos verbos de ação/processo ou, na tipologia de PINHEIRO (2005), são os verbos de ação prototípica que funcionam como base para nos orientar em direção a um **S_{Prep}** que guarda a mudança de estado aplicada ao **S_N** hospedeiro.

1º caso (verbos do tipo Cortar/Quebrar/Rasgar)

<i>A menina</i>	<i>rasgou</i>	<i>o pano</i>	<i>em tiras.</i>
(+ comum) S_N₁ X ₁ (Ag/Ca)	V (Ação/Processo)	S_N₂ CAUSA	S_{Prep} [Y ₂ TORNAR-SE Z ₃]

Vejamos alguns casos que ilustram esta configuração:

(87) **Cortou** a folha de papel ao meio.

(88) **Arrumou** as blusas em pilhas.

(89) **Cortou** o filé em fatias.

(90) Ele **rasgou** a calça em tiras.

(91) Eles **partiram** o bolo em pedaços.

(92) O cozinheiro **dividiu** o peixe em postas.

⁶⁹ A natureza de alguns verbos é um tema altamente discutível e não nos propomos a isso nesse trabalho. Para isso, adotamos a categorização proposta por BORBA (1996:57-63). Ação, Ação-processo, Processo e Estado.

É conveniente considerar que a tipologia acima apresentada se aplica aos verbos em construções do tipo X faz com Y se torne Z (SAdj/SPrep). Outras considerações serão tecidas no decorrer do trabalho com base nas idéias de GOLDBERG e JACKENDOFF, porém, aplicando-as ao Português.

Conforme foi mencionado anteriormente, ainda ocorre o caso em que o **SR** é um **SAdj**. Todavia, são casos de pouca freqüência no Português, causando até mesmo a alguns falantes a sensação de haver certa agramaticalidade na sentença. Um exemplo localizado no *corpus* foi o (86) *Maria assou o bolo solado*, que, se por um lado apresenta um registro na nossa base dados, por outro, não obteve unanimidade como uma sentença plenamente gramatical entre falantes nativos de Língua Portuguesa.

Antes de prosseguirmos, cabe destacar que temos, em Português, algumas combinações de verbo-nome que se compatibilizam com as Construções Resultativas, entre elas as com verbo DEIXAR + **SN/SPrep**, FAZER + N assim como os verbos permansivos (*ficar*⁷⁰, *transformar*, *virar*⁷¹, *transmutar*) quando apresentam o seu **SR** expresso que são classificados por PINHEIRO como verbos do **grupo 3**, ou seja, verbos locativos de três lugares e a esses casos denominamos como 2º caso.

2º caso

DEIXAR + SAdj/SPrep

⁷⁰ Este caso do verbo *ficar* vai aparecer com grande freqüência nas Construções Resultativas não-causativas como veremos adiante. Assim como verbo *Fazer-se* no sentido de mudar de forma.

⁷¹ Idem ao comentário anterior

- (93) O fogo queimou a vegetação, **deixou** negras e nuas as encostas e, agora, nada segura a água",
- (94) Sofri um acidente de carro há cerca de 10 dez e que me **deixou** com **dores** extremas na região do pescoço.
- (95) A virada **deixou em êxtase** a torcida alvinegra no Serra Dourada, que dividia as arquibancadas com os donos da casa.
- (96) Teste antiaéreo do Taleban **deixa** moradores **em pânico** em Cabul.

FAZER + SAdj

- (97) Algumas maneiras de **fazer** alguém **feliz**:. Dê um beijo. Um abraço. Um passo em sua direção!
- (98) Em sua defesa, Gaspari tem o fato de que **fez** um serviço **completo** na hora de se retratar.

VERBO ^(Permansivo) + SAdj/SPrep

- (99) "O casal transformou seu casamento **numa coletiva de imprensa de uma semana**, posando para fotos na cama de um hotel."
- (100) "Organizava-se por outro lado,... na zona sertaneja, a fixação da plebe rural, transmutando-lhe a vida nômade e desordenada **em vida sedentária e laboriosa**."
- (101) "ELISABETE GÓES emagreceu 10 quilos com Amigos do Peso e mudou a vida **para melhor**!"
- (102) Crise de energia tornou brasileiro **mais consciente** - JMA - 05/10/05.

As **Resultativas de propriedades não-causativas** são um tipo de construção proposta por GOLDBERG e JACKENDOFF (2004) em que o argumento Ca/Ag não vem expresso na sentença; daí, sua denominação *não-causativa*: a causa ou agente responsável não está explícita. A fim de introduzi-las, podemos apresentar a configuração básica desta tipologia a seguir.

Sintaxe	SN ₁	V	SAdj/SPrep ₂
Semântica	X ₁	TORNAR-SE Y ₂ MEIO [SUBEVENTO VERBAL]	
	<i>O vidro</i> <i>A calça</i>	<u>quebrou</u> <i>rasgou</i>	<i>em caquinhos pequenos.</i> <i>em tiras</i>

De forma simples, podemos dizer que essas construções são aquelas que apresentam uma forma de verbo intransitivo inacusativo, ou seja, casos típicos de elementos subcategorizados pelo verbo que são transpostos à posição do sujeito sem causar danos ao significado da sentença (DIXON, 1994). Observamos que a maioria dos verbos do **grupo 6**, apresentado por PINHEIRO (2005), acima citado nas Resultativas de Propriedade causativas, admite essa possibilidade.

(103) O pano rasgou em tiras.
X rasgou o pano em tiras

(104) O coração quebrou em pedaços.
X quebrou meu coração em pedaços.

Assim como no caso anterior, aqui também as formas em **SAdj** ou **SPrep** aparecem em ocorrências menos freqüentes do que os casos de resultados lexicalizados no verbo a partir de adjetivos que analisaremos no próximo capítulo da tese.

(105) *The pond frozen solid.*
O rio solidificou.

Se, em Inglês, temos o **SAdj** *solid* seguindo o verbo congelar (*frozen*), em Português, este **SAdj** aparece lexicalizado como resultado dentro do verbo *solidificar*. Outros casos ilustram este tipo de Construção Resultativa de propriedade não-causativa.

Com resultado lexicalizado fora do verbo:

- (106) “Nossa roupa **RASGOU** em pedaços e quando chegamos na barraca dos americanos, tinha apenas um isolante térmico.”

Com resultado lexicalizado dentro do verbo:

- (107) “...daqui por umas duas ou três horas o céu **LIMPA** e temos um céu azul e cheio de calor.”

- (108) “Por que o chão **SUJA** tanto? Preciso limpá-lo todo dia mesmo?”

Há, ainda, segundo GOLDBERG e JACKENDOFF, as **Resultativas de trajetória não-causativa**, que podem ser apresentadas como um tipo de construção de movimento intransitivo, pois temos um argumento tema que sofre uma ação externa e se direciona a um ponto.

Sendo entendida sua localização espacial anterior como parte de sua caracterização, a mudança desta implica em um tipo de mudança de estado aplicada a um **SN** (hospedeiro); logo, trata-se de uma Construção Resultativa. Assim como nas construções apresentadas anteriormente, a denominação não-causativa é devido à omissão na sentença do item que representa a causa do deslocamento. GOLDBERG & JACKENDOFF (2004) definem essas construções da seguinte forma:

Sintaxe	SN ₁	V	SPrep ₂
Semântica	X ₁	VAI	Trilha ₂
	I. MEIO		[SUBEVENTO VERBAL]
	II. RESULTADO		[SUBEVENTO VERBAL: X ₁ EMITE SOM]
	III. RESULTADO		[SUBEVENTO VERBAL: X ₁ DESAPARECE]

EXEMPLOS:

(108) *The ball rolled down the hill.*
A bola rolou montanha abaixo.

(109) *The truck rumbled into the station.*
O caminhão 'roncou' estação a dentro.

O que constatamos na análise do *corpus* foi que, em Português, nem sempre **SPrep** vem expresso dada uma obviedade do mesmo, como em *o preço abaixou (pra baixo??)*. Outras vezes, sua presença é indispensável como podemos destacar no exemplo como *a bola rolou para fora*. O que observamos, também, é que temos casos em que não é nem um **SPrep**, nem um **SAdj**, mas um termo **local** como na sentença acima, *a bola rolou montanha abaixo*.

Vejamos, então, alguns exemplos encontrados no Português que exemplificam essa ocorrência:

(110) "...a bola **ROLOU** pelo centro da pista em direção ao pino mestre (1) e derrubou nove pinos..."

(111) "Gasto com educação **SOBE** acima da inflação desde 97. São Paulo."

Há também um caso de lexicalização que se encontra dentro das formas verbais apontando para uma localização e não para uma característica. Podemos observar isso em casos como "*o comandante afundou o navio*". *Afundar o navio*, em momento algum, é tornar o navio fundo, mas levar o navio ao fundo. O mesmo raciocínio se repete nos casos abaixo e encontra-se registrado no quadro de análise quantitativa ao final da tese.

(112) Os restos do navio que **afundou** em 1912 foram encontrados em 1985, numa região a sudeste do Canadá.

(113) O Kursk **afundou** por causa de um torpedo defeituoso, diz laudo.

(114) A calça **abaixou** em público e ele passou a maior vergonha.

Por fim, as **Resultativas de trajetória causativa** que caracterizamos como um tipo de construção de movimento causado, pois temos um argumento causativo que aparece explícito na sentença como responsável pelo deslocamento aplicado ao **SN**. Assim como as resultativas causativas e não-causativas vistas anteriormente, as resultativas de trajetória causativa estabelecem uma relação de paráfrase com as resultativas de trajetória não-causativa, como em *A bola rolou montanha abaixo/ Bill rolou a bola montanha abaixo*.

Mais uma vez, constatamos que tal relação é decorrente de uma natureza inacusativa presente no verbo principal que se compatibiliza com as Construções Resultativas. Dessa forma, GOLDBERG e JACKENDOFF definem estas construções no seguinte esquema:

Sintaxe	SN ₁	V	SN ₂	S _{Prep} ₃
Semântica	X ₁	CAUSA		[Y ₂ IR Trajetória ₃]
	I. MEIO			[SUBEVENTO VERBAL]

EXEMPLOS:

- (115) *Bill rolled the ball down the hill.*
Bill rolou a bola montanha abaixo.

Com base nos exemplos acima descritos, vejamos, então, alguns casos de Construções Resultativas de trajetória causativa que identificamos em Português.

- (116) “Juninho Pernambucano, em cobrança de falta pela direita, **ROLOU** bola **para a entrada da área**”

- (117) “Ele dominou uma bola na área da marca do pênalti, passou tropeçando por dois defensores, passou pelo goleiro e **EMPURROU** a bola para dentro do gol...”

Há também que se mencionar a presença de casos, como visto anteriormente nas **construções de trajetória não-causativa**, de **SR** que indica a mudança de localização codificado no verbo.

(118) Quando ela se **alteou** das brumas da Alemanha, Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,...

Alteou = projetar-se PARA O ALTO

(119) Uma agência de avaliação de risco de investimento **rebaixou** ontem a posição do..

Direcionar PARA BAIXO

(120) Para corregedor, CPI dos Correios não **aprofundou** investigação.

Direcionar PARA O FUNDO

Conforme já foi observado, em nenhum momento as características *alto*, *baixo* e *fundo* não são o primeiro foco da mudança de resultado, mas sim, a posição a que se deslocam o **SN** hospedeiro que ficam melhor apresentadas pelas paráfrases com **SPreps** do tipo *para o alto*, *para baixo* e *para o fundo*.

4.5. Construções Resultativas no Português: a predominância do SR interno

Durante o trabalho de pesquisa, constatamos que as Construções Resultativas com **Sprep/SAdj** externo são encontradas no Português; entretanto, o fato que nos chamou mais a atenção foi que há uma preferência nítida em lexicalizar este resultado dentro do verbo e, assim, obviamente, eliminar a necessidade de expressá-lo externamente.

A fim de demonstrar como processamos esta característica do Português dividimos os casos encontrados em 217 exemplos distintos de **SR** internos, e,

posteriormente, os subcategorizamos com base em sua origem e processo de formação, conforme demonstramos na tabela abaixo.

Quadro 18

Construções com o SR interno				
Mudança				
De estado				
Tipo		Com base em Adjetivos	Com base em substantivo	Com base em um “local”/Sprep
	I	Parassíntese	Parassíntese	Parassíntese
	II	Sufixação	Sufixação	

O **tipo I** é composto por aquelas sentenças em que temos uma derivação parassintética⁷² a partir de adjetivos, substantivos e “locais” enquanto o **tipo II** apresenta as mesmas bases derivacionais, todavia, em processo de sufixação⁷³. É importante ressaltar que estes “locais” são passíveis de serem parafraseados por **SPrep**, por exemplo, abaixou/para baixo, afundou/para o fundo, alteou/para o alto.

O **tipo I** apresenta a ocorrência mais comum de resultatividade em Português, que é aquela em que o resultado (**SR=Adj.**) vem lexicalizado no verbo a partir de um processo de derivação parassintética. Na análise do *corpus* selecionado, as ocorrências desse tipo de Construção Resultativa são de 388 (trezentos e oitenta e oito) casos, entretanto, selecionamos, para fins de exemplificação, somente 10 (dez) exemplos distintos no corpo da análise e deixamos para a unidade de anexo uma

⁷² Entendemos derivação parassintética (ou parassíntese) como o processo de formação de palavras que consiste na criação de uma nova palavra pelo acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a uma base. Como, por exemplo, “*esclarecer*” que a partir de *claro* não se acrescenta um prefixo (**esclaro*) e depois um sufixo (*esclarecer*). Também não se acrescenta um sufixo (**clarecer*) e depois um prefixo (*esclarecer*). Passa-se diretamente do *claro* para o *esclarecer*, ou seja, há o acréscimo simultâneo de afixos.” ROCHA (1999:169-170)

⁷³ Entendemos por sufixação (ou derivação sufixal) o processo caracterizado por consistir na anexação de um sufixo a uma base. (ROCHA, 1999:106)

amostragem maior destas ocorrências em tabelas.

O **tipo I com base em adjetivos** é composto por verbos que ocorrem como resultado de parassíntese e apresentam um uso amplamente disseminado na língua. Alguns exemplos de verbos dessa natureza são *alisar*, *amaciar*, *entortar*, *endurecer*, *amolecer*, *empobrecer*, *enriquecer*, *encher*, *esvaziar*, *encrespar*, *recrudescer*, *abrandar*, *acalmar*, *acinzentar*, *afinar*, *afrouxar*, *alargar*, *alongar*, *amadurecer*, *ameigar-se*, *amornar*, *arredondar*, *arroxear*, *atenuar*, *enfraquecer*, *engordar*, *engrossar*, *enrijecer*, *esfriar*, *renovar*, *resfriar* etc.

- (121) “Ele agora **alisou o cabelo** e está dizendo que ele é parecido com este tal de Roberto ...”
- (122) “De certo modo a poeira era boa, **amaciava** o piso e os pés recebiam menos impactos.”
- (123) “...assim como o famoso místico israelense **entortava** talheres.”
- (124) “Pratini **endurece** discurso sobre subsídios agrícolas...”
- (125) “A oração **amolecia** o corpo, **amolecia** as pálpebras, Maria dormia.”
- (126) “Nem é preciso dizer que o emprego dessas expressões **empobrece o texto**.”
- (127) “‘Carregar piano` **enriquece** o currículo...”
- (128) “Jesus era cabeludo e **enchia** a cara de vinho, sou seu seguidor.”

Da mesma forma que encontramos os casos acima a que podemos denominar como resultativas de propriedade causativa, também encontramos as resultativas de propriedade não-causativa que seguem a mesma lógica da terminologia proposta por GOLDBERG e JACKENDOFF (2004). Uma vez que já foi explicado e exemplificado em capítulos anteriores, focamos na demonstração dos casos extraídos do *corpus* conforme demonstram os exemplos abaixo de 129 a 134.

- (129) “Na hora de acelerar, a corrente escapou e **entortou** o pedal de câmbio...”
- (130) França: à 13ª noite a violência **abrandou**. 2005/11/09 | 08:42. Número de veículos incendiados desceu para 617,
- (131) O sistema **amadureceu** muito nos últimos anos após a entrada do BC...
- (132) “Quando a mistura acima **amornou** comecei a encher as lulas e fechei-as com um palito.”
- (133) O incêndio do céu ia esmorecendo, a água **arroxear-se** de repente, agora nem a mulher da limpeza duvidaria de que o mar é mesmo tenebroso...
- (134) Britney Spears **engordou** mais de 25 quilos durante a gravidez. Faltando poucos dias para dá a luz, a cantora viu o seu peso aumentar...

Ainda dentro do **tipo I**, apresentamos as construções com o **SR** interno baseadas em parassíntese, mas que tem como base um substantivo. O que se percebeu foi uma tendência natural à metonimização do substantivo, que passa a representar parte de um processo que tem como final a mudança de estado. São comuns nessas construções verbos como *despedaçar*, *evaporar*, *emborrachar*, *aveludar*, *acetinar*, *afunilar* etc. Aqui a idéia é fazer com que X fique em forma de Y, ou seja, que X fique em forma de *pedaços*, *vapor*, *borracha*, *veludo*, *cetim*, *funil* etc.

Alguns exemplos extraídos do corpus são registrados abaixo nas sentenças 135 a 140.

- (135) A pista **emborrachou** e mudou muito da manhã para a tarde”...
- (136) A atmosfera contém vapor de água que **evapora** a cada dia, da superfície dos...
- (137) Ele **emborrachou** o piso para evitar que ocorressem acidentes.
- (138) Aí o professor **aveludou** a voz, olhou-a com ternura e pediu:. – Diga, Zinha. A mim você pode dizer com toda confiança.

- (139) A pesquisa de Swayne e Greco **afunilou** mais a questão na década de 80, pois mostrou casos de duplo estereótipo negativo,...
- (140) O maquinário da razão se esbodegou. Calcava uma broa de molar e **se acetinou**. Isso é o que diziam os que murcharam no quadril da plenitude. ...

Destacamos aqui que os exemplos 135 e 136 ocorrem em sua forma de não-causativa. Nos estudos sobre o *corpus*, não se identificou algum fator preponderante que projetasse o uso de um verbo mais frequentemente em construções causativas ou não-causativas. Aparentemente, há um uso que consagra um tipo de construção em detrimento da outra.

Aqui, devemos considerar que os falantes mantêm ambas as formas na língua (causativa e não-causativa) que assumem emprego de acordo com valores pragmáticos discursivos que lhe são atribuídos no uso.

E, por fim, **o tipo I com base em “locais”**⁷⁴, na verdade, em Sintagmas Preposicionais. Este último caso engloba aquelas construções que apontam não para uma mudança de estado, mas para uma mudança de localização e que admitem a paráfrase com um **SPrep**. Temos, nesse grupo, verbos como *afundar*, *abaixar*, *rebaixar*, *aprofundar*, *altear* etc. Por exemplo, em uma sentença como *o torpedo afundou o navio* não cabe a interpretação de “o torpedo ter deixado o navio fundo”, mas sim de ter estabelecido o início de uma trajetória que levou o navio ao fundo. Podemos observar casos semelhantes nos exemplos 141 a 144 extraídos do *corpus*:

⁷⁴ Optamos por nos referirmos com o termo “locais” e não locativo como se dá na classificação de papéis temáticos como porque, na verdade, poderíamos suscitar a discussão quanto a natureza de locativo ou de meta e não é essa a intenção. Além disso, nos trechos em que nos valem do termo, não estamos caracterizando papel temático do verbo, mas a origem do resultado lexicalizado no verbo.

- (141) Torpedo defeituoso **afundou** o Kursk, diz laudo.
(Kursk → trajetória para o fundo)
- (142) O Preço **Abaixou**, Aproveite, Comprar em: Saúde e Beleza Suplementos e Vitaminas.
(Preço → trajetória para baixo)
- (143) Para corregedor, CPI dos Correios não **aprofundou** investigação.
(Investigação → trajetória para o “fundo”)
- (144) Uma agência de avaliação de risco de investimento **rebaixou** ontem a posição do... Após o fechamento dos mercados
(Posição → trajetória para baixo)

Destacamos que o exemplo 142 é um caso de não-causativa e, nessas situações, o **SN** hospedeiro é o sujeito sintático que passa a operar como aquele que recebe a mudança de resultado.

No caso das construções com **SR** internalizados, as do **tipo II**, observamos o mesmo comportamento das construções do **tipo I**; no que se refere à origem do verbo e dividimo-las da mesma forma: com base em adjetivos, substantivos e “locais”. Entretanto, nesse grupo, o processo de formação é a sufixação e não a parassíntese.

O **tipo II**, com base em adjetivos, é o mais comum dos casos e não apresenta realização superior (significativa) aos casos do **tipo I**, a diferença é irrisória conforme apresentam os gráficos de análise quantitativa.

Com um comportamento idêntico ao primeiro caso, observamos o adjetivo, que, em uma Construção Resultativa com o **SR** externo, apareceria posterior ao **SN** hospedeiro. No caso aqui exposto, apresenta-se dentro do verbo, como, por exemplo, *agilizar, clarear, facilitar, escurecer, limpar, sujar, fritar, alvejar, amenizar, ampliar, azedar, azular, estreitar, caducar, branquear, fortalecer, modernizar, forificar, lourejar, melhorar, prosperar, piorar, murchar* etc. Vejamos alguns casos que ilustram estes exemplos nas sentenças de 145 a 152.

- (145) “Mudança no Colégio Eleitoral **facilitou** vitória de Bush.”
- (146) “Após algum tempo, Edison inventou mais um de seus dispositivos, era um aparelho que **agilizava** as transmissões em código morse...”
- (147) “Bicarbonato de sódio **clareia** os dentes.”
- (148) “Uma névoa tênue **escorecia** os matos e as cochilhas.”
- (149) “...da anta do construtor, que **sujou o** carpete novo que eles haviam instalado.”
- (150) “Marta, de cara enfarruscada, **limpava** os camarões, jogando a tripa por cima do ombro.”
- (151) Lembrança do Katrina **amenizou** percepção dos danos do Rita. Houston (EUA), 25 set (EFE).
- (152) Ou seja, a internet **ampliou** o uso do computador pessoal, uma vez que ele estava restrito a edição de textos, cálculos,...

Um fato a se destacar é que o número de ocorrências não-causativas quando os verbos são formados por sufixação é sutilmente menor do que quando temos os casos de parassíntese conforme se pode observar no quadro análise quantitativa da tese em anexo.

Temos ainda as construções do **tipo II** com base em substantivos que são os casos em que o resultado encontra-se lexicalizado tendo como origem um substantivo. Dentro deste tipo, encontramos verbos como *açucarar*, *zonear*, *vitrificar*, *vaporizar*, *tumultuar*, *trançar*, *resumir*, *fluidificar*, *florear*, *escamar*, *animalizar*, *adverbializar*, *fatiar*, *martirizar*, *cristianizar*, *cariar*, *gelar*, *bronzear* etc. O que nos chama atenção nesse tipo de verbo é o fato de haver uma metonimização do resultado tomando como referência o substantivo. Ora entendemos como fazer com que Y se torne Z (*vitrificar* = tornar Y vidro), ora, temos a associação a uma característica do elemento (*açucarar* = tornar Y algo Z com açúcar), ou ainda, fazer com que Y se torne algo em forma de Z (*fatiar* = fazer com que Z se torne fatias).

- (153) Só falou de personagens que por alguma razão admirava, mas não **açucarou** seus perfis com elegias. Diz-se que só fez este jornalismo...
- (154) A NET veio retirar um ponto por aqui mas acabou desligando mais de um e ainda **zoneou** o Virtua...
- (155) Mas o vampiro era meio burrinho, e assim que saiu vendado ao sol, seu corpo **vitrificou** e estilhaçou-se durante em vendaval de verão. ...
- (156) ...esta aproximação era de tal ordem que O cometa rapidamente **vaporizou** os seus gelos, deixando para trás um invólucro de poeiras...
- (157) Acidente entre dois ônibus e um veículo **tumultuou** o Centro. 2 de março de 2004. Um acidente no Centro da cidade, por volta das ...
- (158) Tentando se adaptar ao cenário local, ele já **trançou** os cabelos, mas a alvura da pele, já tostada pelo sol,..
- (159) Que atire a primeira enciclopédia quem nunca **resumiu** algo em sua vida! Primeiro, gostaria de me desculpar com meus amigos...

A divisão anteriormente mencionada nos permite propor um esquema em que demonstramos como se processam os referidos casos:

X faz com Y se torne Z

A) Y se torna Z	vitrificar, adverbializar, vaporizar
B) Y se torna Y (com Z)	açucarar, salgar
C) Y se torna Y (em forma de Z)	trançar, resumir, zonear

Se dermos continuidade a este raciocínio, veremos que o processo de atribuição de um **SR** ao um **SN** hospedeiro vai encontrar a possibilidade de trabalhar com paráfrases de adjetivos deverbais como tornar vitrificado, açucarado, resumido, mas que só sustentam sua resultatividade devido a sua indicação de mudança de estado, no caso, físico.

E por fim, consideramos relevante relatar que não identificamos no *corpus* as

sentenças do **tipo II** com base em “locais” como o fizemos com os casos de parassíntese nas do **tipo I**.

4.5.1. Aspecto do sujeito nas Construções Resultativas com SR interno

Outro fato que nos despertou atenção foi quanto ao tipo de argumento que ocupa a posição de sujeito desses verbos com **SR** interno. Alguns verbos apresentam um sujeito com características não-volitivas, ou seja, não há vontade de um argumento operando sobre a mudança de estado e só é possível seu entendimento dentro de uma concepção metafórica, como é o caso de *aborrecimentos envelhecem as pessoas*. Na verdade, *envelhecer* enquadra-se na idéia de parassíntese presente nos casos citados anteriormente, mas não tem o mesmo status de verbos como *amoleceu* em *João amoleceu o couro*. Mesmo que não haja o agente expresso (o couro amoleceu), ainda assim é possível depreendê-lo na retomada de uma cena básica ligada à sentença. Já no caso de *envelhecer*, não podemos entender a existência deste agente e assumimos o sentido do verbo como dar aparência de velho (**SAdj**).

(160) “...o tempo esqueceu, **envelheceu o tecido** das cortinas e das rendas.”

(161) “A Inglaterra, do século XVI ao XVIII, predominava nas mulheres a crença de que a amamentação **envelhecia o** corpo...”

A princípio, levantou-se, também, a hipótese de que haveria a predominância de um tipo de sujeito sobre outro no que se refere ao grau de volitividade. Entretanto, não se comprovou esta idéia, pois tanto os **+ vol** e os **- vol** apresentaram

uma diferença insuficiente para caracterizar algo substancial, conforme podemos observar nos registros em anexo da tese.

Tal constatação nos leva a entender que a mudança de resultado tanto parte de um sujeito com traços + **vol** (agentes) como em *José amoleceu a massa do pão*, como de sujeito – **vol** (causador) como em *a ventania clareou o céu de repente*. E mais uma vez vemos que o falante faz suas opções discursivas em função de questões pragmáticas como, por exemplo, a intenção de comprometer ou não um responsável por determinada mudança de estado.

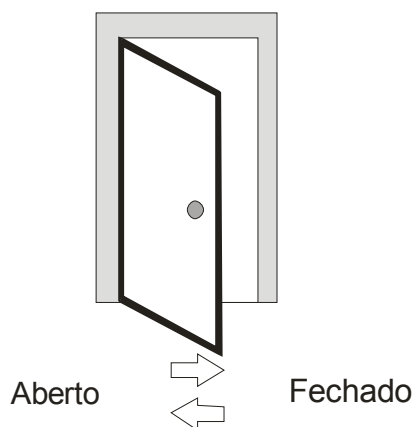
4.5.2. Os verbos que lexicalizam o SR com idéia de movimento/trajetória

Dentro desta categoria, inserimos os casos de resultativas de movimento, que também se adequam à mesma lógica aplicada às anteriores. É procedente destacar que a propriedade inacusativa também se aplica a esses casos aqui apresentados e a diferença entre este e os casos anteriores é que o **SN** (hospedeiro) não sofre mudança de estado físico, mas sim um deslocamento espacial. Sendo o espaço ocupado pelo argumento considerado como parte de sua caracterização (GOLDBERG & JACKENDOFF, 2004), considera-se que houve mudança em sua caracterização, mas não em suas características físicas e isso é entendido como uma mudança de estado.

Para os referidos autores, estamos diante de sentenças resultativas de caminho (ou trajetória), causativa ou não-causativa. De acordo com a figura 9, por exemplo, *fechado* ou *aberto* não se refere a uma característica física da porta, mas a um ponto de localização espacial pré-determinado em direção ao qual o **SN**

(hospedeiro) se desloca.

Figura 11



Conforme podemos observar na figura acima, *aberto* e *fechado* são **SAdjs** que condicionam posições espaciais convencionalmente atribuídas a um ponto de localização e a ação de abrir ou fechar é a de direcionar o **SN** (porta) a esses pontos. O mesmo se dá em casos como o dos verbos de movimento *descer* e *subir* em sentença do tipo *o vendedor desceu os sapatos maiores para o balcão*. Por serem verbos que já codificam os seus **SRs** (pra baixo e pra cima, respectivamente), os mesmos, normalmente, não vêm expresso como *o rapaz abriu a porta*. Ainda assim, mesmo que pouco comum, é possível encontrar sentenças como *o rapaz abriu a porta para fora/para dentro*.

O que concluímos até aqui é que a resultatividade se manifesta tanto na sua forma mais canônica (com a presença de **SR** como **SPrep** em uma sentença do tipo X faz com que Y se torne Z) como, em Português, há uma tendência fortemente presente de operar através de lexicalização do resultado no verbo a partir de um termo indicativo de “local”, conforme identificamos no *corpus*. Isso ocorre claramente em verbos como *abaixar*, *afundar*, *rebaixar*, *altear* entre outros que apontam para o

final de uma trajetória e não uma característica.

(162) A agência **REBAIXOU** o risco Brasil e isso refletiu na bolsa de São Paulo.

(163) O míssil atingiu e **AFUNDOU** o navio em questão de segundos.

(164) O policial **ABAIXOU** a arma para conversar.

Reiteramos que, em nenhum dos casos acima, podemos atribuir a característica *baixa* ou *funda* aos **SN** que hospedam a mudança de estado. O que temos é a possibilidade de parafrasear as sentenças em *a agência fez com que o risco Brasil se deslocasse para índice mais baixo, o míssil fez com que o navio se deslocasse para o fundo (do mar) e o policial fez com que a arma se deslocasse para uma posição mais baixa a que estava.*

Alguns casos assumem um sentido metonimizado que equivale a um **SAdj**, mas isso não é regra geral com apresentamos abaixo em 165:

(165) Rebaixar o índice = índice baixo (não necessariamente)

(166) Afundar o navio = navio fundo (interpretação inviável)

(167) Abaixar a arma = arma baixa (interpretação inviável)

Por outro lado, é nítida a rejeição à interpretação da sentença em 166 e 167, o que endossa o que acima consideramos quanto ao SR lexicalizado funcionar como ponto de uma trajetória e não como característica estabelecida.

4.6. Considerações finais: observações à margem

Por fim, ainda restam algumas perguntas que são pontas a serem puxadas por outros pesquisadores em outras teses, mas a uma sentimo-nos compelidos a dar o *pontapé* inicial. Se há casos em que temos o **SR** externo e uma possibilidade de ter o SR interno em uma paráfrase, podemos falar de construções sinônimas?

Definitivamente, não. Esta dúvida nos tocou durante a pesquisa e conseguimos saná-la com uma série de testagens de gramaticalidade com falantes de Língua Portuguesa. Dessa forma, colocamos as formas de **SR** externo e suas paráfrases de **SR** interno e pedimos aos falantes que identificassem que distinção observavam nas sentenças. Em alguns casos, formulamos a pergunta: qual das duas sentenças traz um caráter mais intencional por parte de quem faz? Que sujeito está mais comprometido com o resultado expresso pelo evento? O sujeito de **a** ou de **b**?

- (168) a. José quebrou a louça em pedaços.
b. José despedaçou a louça.

- (169) a. José cortou o bife em fatias.
b. José fatiou o bife

Especificamente nos casos acima, os falantes apontaram para o fato de que as sentenças a. em que os **SR** estão externos são mais comprometedoras ao agente/causador do evento em questão. Enquanto em b., assumiu-se a possibilidade de ser um ato não-intencional.

Uma abordagem sintática nos permite dizer que, especificamente estes casos de SR internos com base em substantivos, são menos comprometedores ao seu

agente/causador que, inclusive, admitem a transposição do objeto para a posição de sujeito e o apagamento deste sem causar danos à sentença, conforme foi visto quando abordamos a questão da inacusatividade nas sentenças de Construções Resultativas simples. Essa é uma das distinções pragmático-discursivas que dão margem a outras teses de doutorado.

5. Conclusão

*“E assim, chegar e partir
São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem da partida”*

NASCIMENTO, Milton/ BRANT, Fernando.
Encontros e Despedidas

O trabalho aqui apresentado parte de um tema que desperta o espírito investigador de todo lingüista: a resultatividade. Sendo um pesquisador da linguagem, é difícil manter-se imparcial diante desta questão que, de uma forma mais ampla, pode ser trazida desde a Grécia antiga com Aristóteles até Hegel. Eis a pergunta motriz da questão: como se processa o universo em termos das causas e efeitos que nele se aplicam? Para melhor entender como agimos, tentamos entender como se dissociar o que fazemos do efeito que geramos e dos efeitos dos efeitos e por aí em diante.

A Lingüística Cognitiva, a partir do momento em que nos apresenta a linguagem com algo indissociável de outras habilidades cognitivas, remete-nos, novamente, aos antigos filósofos e nos propõe uma outra questão: como representamos esta relação de causa e efeito quando fazemos uso de uma língua natural, em nosso caso, o Português. Foi aí que começou a pesquisa que apresentamos nesta tese.

Sendo a resultatividade um fenômeno amplamente inserido na linguagem foi necessário promover vários recortes no *corpus* para chegar até o objeto de estudo a que nos dispúnhamos a analisar. Como em um gradativo afunilamento, saímos de uma visão ampla de resultatividade em que se tinha, muitas vezes, a dificuldade em

entender o que era e o que não era causa ou efeito em um universo constituído de causas e efeitos para nos centrarmos na questão de como a língua representava estas Construções Resultativas.

Ainda assim, deparamo-nos com recursos complexos (mais de uma oração) e com formas simples nas quais nos focamos a fim de atender de forma eficiente o estudo a que nos propúnhamos.

E assim, percorrendo grande parte do que foi escrito sobre resultatividade na língua e atendo-nos em trabalhos com os de LEVIN e RAPPAPORT, GOLDBERG e JACKENDOFF, FILLMORE, LANGACKER (conforme se pode ver citado ao longo da tese), buscamos atingir os objetivos propostos na introdução e ao mesmo tempo oferecer aos trabalhos futuros dentro dessa área uma visão mais nítida de como fazer em Português para representar as Construções Resultativas simples. Mais do que oferecer um ponto de chegada, a contribuição maior consiste em suscitar vários pontos de partida para melhor se entender este tipo de construção, pois, como está na epígrafe deste capítulo, chegar e partir são dois lados da mesma viagem.

Dessa forma, podemos confirmar a legitimidade das hipóteses aventadas a princípio. Primeiramente, realmente, Construções Resultativas em Português são caracterizadas pela presença de um **SR** que pode vir, em Português, externo ao verbo (ele quebrou o vidro EM PEDAÇOS) ou, principalmente, dentro do verbo (Ele desPEDAÇou o vidro). De uma forma ou de outra, sua presença é o que marca a natureza da Construção Resultativa.

Em uma segunda hipótese, consideramos que, se por um lado, as Construções Resultativas mais centrais são aquelas que têm o **SR** externo e expresso na sentença como “*Maria assou o bolo solado*”, por outro lado, em Português as ocorrências destas são significativamente menos comuns que as que

têm o **SR** interno. Constatamos que, quando o falante opta por representar a resultatividade na língua em sua forma simples, é nítida sua preferência por construções de **SR** interno com *alisar, amaciar, encrespar, sujar, limpar* etc. É o que demonstramos amplamente na análise do *corpus*, tanto quantitativa como qualitativamente.

Isso endossa a terceira hipótese que sugeriria a tendência do Português à lexicalização do resultado no verbo. Tal hipótese se confirma no decorrer de todas as análises, levando-se em contas as variáveis adotadas na categorização do *corpus*. O que temos, então, é, algumas vezes, uma possibilidade de apresentar em co-ocorrência duas formas em paráfrase como *despedaçar* e *quebrar X em pedaços*, ou mesmo, *fatiar* e *cortar X em fatias*.

Entretanto, com base no princípio da não-sinonímia, estas sentenças não apresentam o mesmo valor na língua e resguardam ao falante a opção de representarem valores pragmático-discursivos distintos. Em uma testagem⁷⁵ preliminar com falantes nativos de Língua Portuguesa, constatamos que eles foram unânimes em salientar que a idéia de fazer algo em pedaços apresenta um grau de comprometimento maior do sujeito com sua ação, um grau maior de responsabilidade direta. Tal observação comprova-se inclusive com a impossibilidade de se omitir o sujeito.

Já no caso de verbos como *despedaçar* (*José despedaçou o vidro*), o grau de comprometimento do sujeito com o evento causa-efeito é menor e isso se comprova a partir da possibilidade de obter uma sintaxe que privilegia o tema e permite a omissão do responsável como em *o vidro despedaçou*.

Comprovadas as hipóteses por via dos dados e das análises, atingimos os

⁷⁵ Adotamos aqui o mesmo processo já adotado anteriormente. Submetemos um conjunto de frases aos falantes, explicamos o que seria este grau de comprometimento do enunciador e pedimos que atribuíssem graus de comprometimento de 1 a 5 para os casos apresentados.

objetivos propostos ao efetuarmos uma leitura do que já foi produzido em lingüística sobre resultatividade, desde a década de 70 até os dias de hoje, época em que encontramos os trabalhos mais relevantes para nossos propósitos. Buscamos dentro destes estudos e de definições mais apuradas de Construções Gramaticais afinar o nosso instrumento de análise e, onde não se havia ido, por exemplo na discussão dos SR internos, acrescentamos à teoria para poder abarcar tal fato lingüístico.

Assim, munimo-nos de condições para cumprir o segundo objetivo que foi o de comprovar que, dentro de um *corpus* diversificado, o uso de Construções Resultativas é amplamente disseminado e era viável estabelecer uma tipologia das Construções Resultativas simples com base em aspectos como localização do **SR** e, quando **SR** era interno, seu processo de formação, sua base primitiva e, por fim, até mesmo a natureza do seu sujeito como mais volitivo ou menos volitivo.

E fechamos o terceiro objetivo: comprovar em termos numéricos e analíticos que a Língua Portuguesa resguarda uma peculiaridade na forma de representar sua resultatividade em sentenças simples, a lexicalização do resultado no verbo.

5.1. Considerações finais: últimas palavras

*"Eu sou eu mesmo.
Diverjo de todo mundo...
Eu quase que nada não sei,
mas desconfio de muita coisa."*

Do personagem de Guimarães Rosa,
Riobaldo, em Grande Sertão: Veredas.

Causa e efeito, ação e reação, ato e consequência, passamos a vida a nos perguntar onde foi que erramos toda vez que algo não nos sai ao agrado. Buscamos

incessantemente a causa primeva de todas as coisas para ver onde foi que, na trajetória de escolhas e ações, erramos, acertamos, vacilamos. E assim falamos da gente, seres humanos que, entre uma causa e um efeito, existem.

Sendo o conhecimento de língua conhecimento de mundo, como propõe a Lingüística Cognitiva, podemos entender que trazemos para dentro da língua toda a complexidade que nos assoma no dia-a-dia entre o que fizemos e o que provocamos com isso que foi feito. O que deixamos de fazer e, “movidos” por esta inércia, veio a acontecer.

Dessa forma, compreender como vivemos é o primeiro caminho para entender como estruturamos a língua e essa é a grande passagem pela qual seguimos divergindo de tudo, não sabendo de nada, mas desconfiando de muita coisa.

6. Referências

- BARRETO, Mario. **Novíssimos estudos da Língua Portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Presença, Fundação Casa de Rui Barbosa. Brasília:INL, 1980, p.74-77
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**.37.ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 1999.
- _____. **Lições de Português pela análise sintática**. 16. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001. p. 31-32.
- BORBA, Francisco S. **Uma gramática de valências para o Português**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CARRIER, Jill & RANDALL, Janet H. **The argument structure and syntactic structure of resultative**. Linguistic Inquiry 23, 1992. p. 173-234.
- CROFT, W. **Syntactic Categories and Grammatical Relations: The Cognitive Organization of Information**. Chicago University Press, Chicago, 1991.
- CROFT, Willian & CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge University Press, Cambridge, 2004.
- CUENCA, Maria Josep & HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. 1.ed. Editora Ariel S.A: Barcelona, 1999.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- DIXON, R. M. W. **Ergativity**. Cambridge, Cambridge U. Press, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico – século XXI**. Versão 3.0. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1999.
- FILLMORE, Charles et al. **Construction Grammar**. 120 A. University of Berkeley, California, 1990.

GOLDBERG, Adele. **Constructions. A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago, 1995.

GOLDBERG, Adele; JACKENDOFF, Ray. The English resultative as a family of constructions. **Language: Journal of the Linguistic Society of America**, Washington D.C, USA, v. 80, n.3. p. 532-568, set. 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Flexão e derivação em Português**. Rio de Janeiro: Ed. Faculdade de Letras/UFRJ, 2005

HILFERTY, Joseph. "**Cognitive Linguistics: An Introductory Sketch**." 2002. Disponível em: www.lingua.fil.ub.es/~hilferty/coglx.pdf. Acesso em maio de 2004.

FILLMORE, C.. "**The case for case**". In Bach & Harms (orgs.) **Universals in Linguistic Theory**, Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston, 1968. pp. 1-88.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Traduzido do Alemão - *Wissenschaft der Logik* - por A. V. Miller. **Hegel's Science of logic**. V.II. London; New York : Allen & Unwin: Humanities, 1969. p. 186 - 205

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. 6. ed. **Semântica**. São Paulo, Editora Ática, 1994.

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

JACKENDOFF, Ray. **Semantic Structures**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

LANDAU, Barbara & GLEITMAN, Lilia R. **Language and experience: evidence from the blind child**. Cambridge: Mass.: Harvard University Press, 1985. p. 2-21.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. *Philosophy in the Flesh. The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1998.

LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things: What categories reveal about the mind**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundation of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites**. Vol. 01. Stanford. CA.: Stanford University Press, 1987.

_____. **Foundations of Cognitive Grammar**, Stanford. CA.: Stanford University Press, 1991.

LEPSCHY, Guilio C. **A lingüística estrutural**. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1975.

LEVIN, B. & M. RAPPAPORT HOVAV (1991) **Wiping the Slate Clean: A Lexical Semantic Exploration**, In LEVIN, B. and PINKER, S., Cambridge, Massachussets: MIT press, 1991. p. 123-151.

_____, **Unnacusativity: at the Syntax-lexical Semantics interface**. Cambridge, Massachussets: MIT press, 1995.

RAPPAPORT HOVAV, M. & LEVIN, B. **Building Verb Meanings**, in M. Butt and W. Geuder, eds., *The Projection of Arguments: Lexical and Compositional Factors*, CSLI Publications, Stanford, CA, 1998. p. 97-134.

MATOS, Gabriela. **Construções causativa no Português**. Coimbra, Portugal: Projeto PEPB (Português Europeu Português Brasileiro). (não publicado), 2000.

MACAMBIRA, José Rebouças.(2001) **A estrutura Morfossintática do Português**. Pioneira Thomson Learning, 2001. p. 148-150.

MIRA MATEUS, Maria Helena, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês Silva & FARIA, Isabel Hub. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra – Portugal: Livraria Medina. 1983. p. 340 – 341.

_____. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa – Portugal: Editorial Caminho S.A. 2003.

MONTAGUE, R. **The proper treatement of quantifiers in ordinary English**. In: *Approaches to natural language*. New Haven: Yale University Press, 1973.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes, 1991.

PINHEIRO, Diogo. D. **Uma tipologia dos verbos resultativos em Português** (artigo não publicado), 2005.

- RAPPAPORT HOVAV, Malka & LEVIN, Beth. **Is there any evidence of deep unaccusative in English? An analyses of resultative construction.** Unpublished manuscript. Bar Ilan University and Northwestern University, 1991.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estrutura morfológicas do Português.** Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1999.
- SCHULZE, Wolfgang. **Cognitive Typology.** Script of the 2001/02 Winter Term lecture on Cognitive Typology, University of Munich, 2002. Disponível: <http://www.lrz-muenchen.de/~wschulze/>. Acesso em abril de 2004.
- SILVA, Augusto Soares. **A Lingüística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Lingüística.** Revista Portuguesa de Humanidades 1: 59-101. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 2001
- _____, Augusto Soares: **Estruturas causativas no Português: ordem das palavras e atribuição de caso em *fazer, mandar, deixar* + INF. Perspectiva cognitiva,** *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*, Lisboa: APL/Colibri, 1995, 541- 555.
- _____, **A Semântica de DEIXAR: Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical,** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e da Tecnologia:1999.
- _____: **A semântica do objecto indirecto em Português: um espaço cognitivo multidimensional,** *Revista Portuguesa de Humanidades* 3, Faculdade de Filosofia da UCP, 1999, 63-99.
- SCHULZE, Wolfgang. **Aspects of Cognitive Typology. The Architecture of a 'grammar of Scenes and Scenarios.** University of Munique. Germany, 1999. Disponível em http://www.ats.uni-muenchen.de/gss_main.html. Acesso em novembro de 2004.
- SCHANK, Roger C. & ABELSON, Robert P. **Scripts, plans, goals and understanding : an inquiry into human knowledge structures,** Hillsdale, N.J. : L. Erlbaum Associates, 1977
- TALMY, L.. **Force Dynamics in Language and Thought. Papers from the Parasession on Causatives and Agentivity.** Chicago: Chicago Linguistic Society, 1985.

7. Anexos

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)